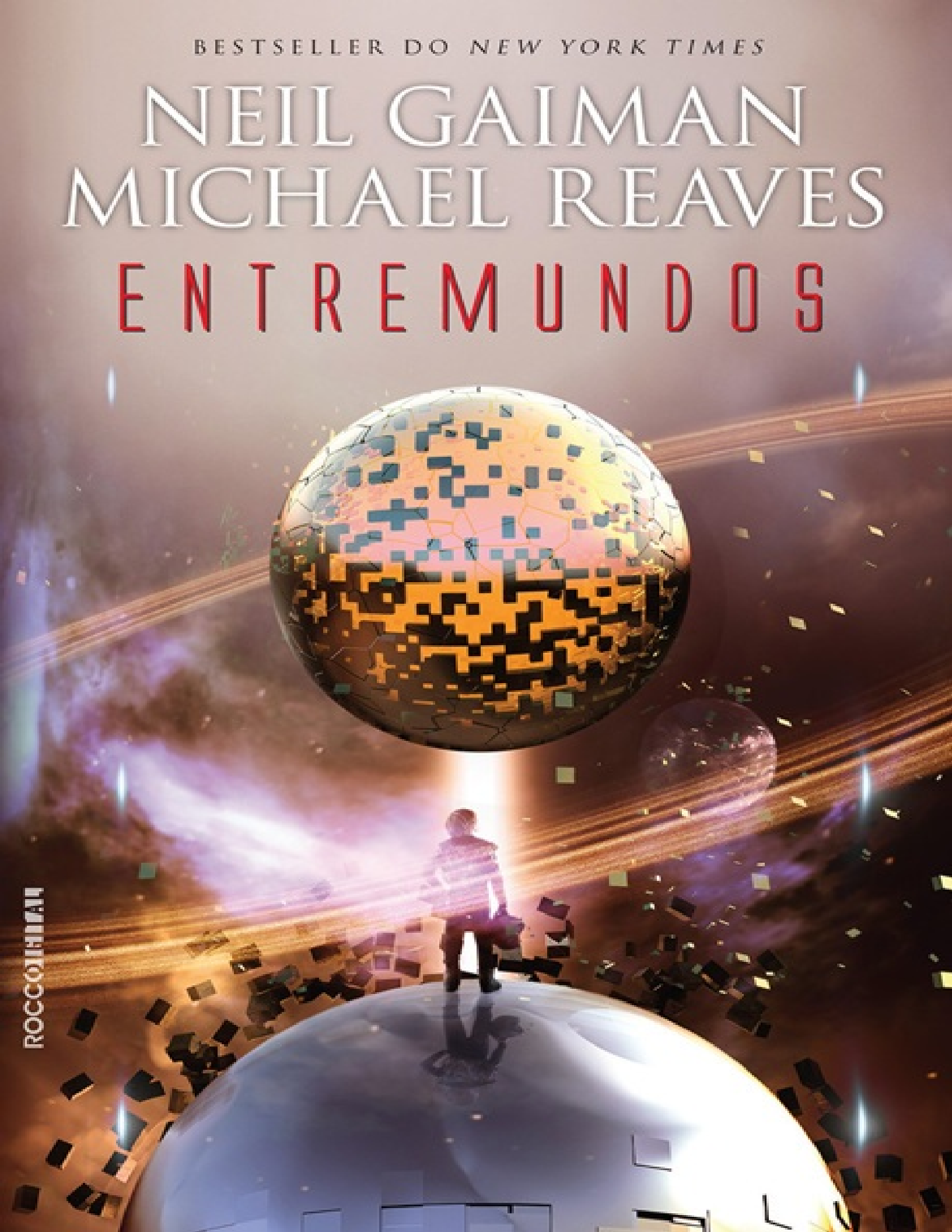
BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

# NEIL GAIMAN
# MICHAEL REAVES

# ENTREMUNDOS



ROCCO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# ENTREMUNDOS

NEIL GAIMAN E
MICHAEL REAVES

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ

ROCCO DIGITAL

*Neil gostaria de dedicar este livro ao seu filho Mike, que, animado com o manuscrito, não parava de nos perguntar quando poderia ler esta história em um livro de verdade.*

*Michael gostaria de dedicar este livro a Steve Saffel.*

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Nota dos Autores

Parte Um

- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito

Parte Dois

- Capítulo Nove
- Capítulo Dez
- Capítulo Onze
- Capítulo Doze
- Capítulo Treze

Parte Três

- Capítulo Catorze
- Capítulo Quinze
- Capítulo Dezesseis
- Capítulo Dezessete
- Capítulo Dezoito
- Capítulo Dezenove
- Capítulo Vinte
- Capítulo Vinte e Um

Posfácio

Outros Livros de Neil Gaiman
Créditos
Os Autores

# NOTA DOS AUTORES

Esta é uma obra de ficção. No entanto, dado o infinito número de mundos possíveis, ela pode ser verdade em um deles. E, se uma história que se passa em um número infinito de universos possíveis é verdadeira em um deles, então deve ser verdadeira em todos eles. Assim, talvez não seja tão ficcional quanto pensamos.

# PARTE UM



# CAPÍTULO UM

UMA VEZ ME PERDI na minha própria casa.

Acho que não foi tão ruim quanto parece. Tínhamos acabado de aumentar a casa – acrescentado um corredor e um quarto para o lula, também conhecido como Kevin, meu irmão caçula –, mas, na verdade, os carpinteiros já haviam ido embora, e a poeira já baixara havia mais de um mês. Minha mãe nos chamara para jantar e eu estava descendo as escadas. Quando cheguei ao segundo andar, acabei indo para o lado errado e me deparei com um quarto coberto por um papel de parede com nuvens e coelhinhos. Percebi que tinha virado à direita, em vez da esquerda, então logo em seguida cometi o mesmo erro e fui parar no closet.

Quando cheguei lá embaixo, Jenny e meu pai já estavam lá, e minha mãe me lançou *aquele* olhar. Eu sabia que tentar explicar seria pior, então fiquei quieto e comecei a comer meu macarrão com queijo.

Mas dá para sentir meu problema. Minha "bússola interior", como tia Maude costumava chamar, não é muito desenvolvida. Na verdade, acho que ela nunca foi calibrada. Norte, sul, leste, oeste? Pode esquecer – para mim já era difícil saber o que era direita e esquerda. O que é bem irônico, considerando o desenrolar dos acontecimentos...

Mas estou me adiantando. Está certo. Vou escrever esta história como o sr. Dimas nos ensinou. Ele dizia que não importa onde você começa, desde que comece em algum lugar. Então vou começar por ele.

Estávamos em outubro, no final do primeiro semestre do meu segundo ano, e tudo corria normalmente, exceto por Estudos Sociais, o que não era uma grande surpresa. O sr. Dimas, que dava a aula, era conhecido por seus métodos não convencionais de ensino. Durante as provas daquele semestre, ele havia vendado nossos olhos para que espetássemos um alfinete em um mapa-múndi, e assim definíssemos o lugar sobre o qual teríamos de escrever um trabalho. Fiquei com

Decatur, Illinois. Alguns dos meus colegas reclamaram porque ficaram com lugares como Ulan Bator ou Zimbábue. Eles tinham sorte. Tente escrever dez mil palavras sobre Decatur, Illinois.

Mas o sr. Dimas estava sempre fazendo coisas assim. Ele foi parar na primeira página do jornal local, no ano passado, e quase foi demitido por ter transformado duas turmas em feudos rivais que deveriam tentar negociar a paz por um semestre inteiro. As negociações de paz acabaram indo por água abaixo e as duas turmas partiram para o confronto no pátio durante o tempo vago. As coisas saíram um pouco do controle e o resultado foram alguns narizes sangrando. Segundo o jornal local, o sr. Dimas disse que: "Às vezes a guerra é necessária para nos ensinar o valor da paz. E, em alguns momentos, você precisa aprender o verdadeiro valor da diplomacia para evitar a guerra. Prefiro que meus alunos aprendam essas lições no pátio do que no campo de batalha."

Na escola falaram que ele ia ser demitido por causa dessa história. Até o prefeito Haenkle tinha ficado bastante irritado, porque um dos narizes que sangrou foi o do filho dele. Minha mãe, minha irmã mais nova, Jenny, e eu ficamos acordados até tarde, tomando Ovomaltine e esperando meu pai chegar em casa da reunião da câmara municipal. O lula dormia profundamente no colo de mamãe, que ainda o amamentava nessa época. Já passava da meia-noite quando meu pai entrou pela porta dos fundos, jogou o chapéu na mesa e disse:

– Foram sete votos a favor e seis contra. Dimas não vai perder o emprego. Minha garganta está doendo.

Minha mãe se levantou para preparar um chá para meu pai e Jenny perguntou a ele por que tinha defendido o sr. Dimas.

– Meu professor falou que ele está sempre causando problema.

– É verdade – concordou meu pai. – Obrigado, querida. – Ele provou o chá, depois prosseguiu: – E também é um dos poucos professores por aqui que realmente se importa com o que está fazendo, e que tem um pouco mais de neurônios para isso. – Ele apontou o cachimbo para Jenny e disse: – Já passa da meia-noite, fadinha. É melhor você ir para cama.

Meu pai era assim. Mesmo sendo apenas um vereador, ele tem mais influência sobre algumas pessoas do que o próprio prefeito. Meu pai tinha sido corretor em Wall Street, e ainda negociava ações para alguns dos cidadãos mais importantes de Greenville, incluindo vários integrantes do conselho escolar. O

trabalho de vereador só ocupava alguns dias do mês na maior parte do ano, então meu pai dirigia um táxi quase todos os dias. Perguntei a ele uma vez por que fazia isso, já que seus investimentos eram suficientes para arcar com nossas despesas mesmo sem o negócio de joias artesanais de mamãe, e ele me respondeu que gostava de conhecer pessoas.

Ao contrário do que se podia esperar, o sr. Dimas não se intimidou nem procurou maneirar um pouco suas propostas acadêmicas pelo fato de quase ter sido despedido. Sua ideia para a prova final de Estudos Sociais deste ano era bem radical até mesmo para ele. Ele dividiu nossa turma em dez grupos de três pessoas, nos vendou novamente – ele adorava essa história de olhos vendados – e pediu que um ônibus escolar nos deixasse em lugares aleatórios pela cidade. Nós devíamos conseguir encontrar o caminho para vários postos de controle dentro de um determinado período de tempo sem usar mapas. Um dos outros professores perguntou o que isso tinha a ver com Estudos Sociais, e o sr. Dimas disse que tudo tinha a ver com Estudos Sociais. Ele confiscou nossos celulares, cartões de telefone, cartões de crédito e dinheiro, para que não pudéssemos ligar para pedir carona ou pegar ônibus ou táxis. Estávamos por nossa conta.

E foi aí que tudo começou.

Não é que a gente corresse algum perigo real, afinal o centro de Greenville não é o centro de Los Angeles ou de Nova York ou mesmo de Decatur, Illinois. O pior que poderia acontecer seria alguma senhora bater na gente com a bolsa se algum de nós fosse tolo o bastante para tentar ajudá-la a atravessar a Avenida 42. Ainda assim, eu tinha ficado no mesmo grupo de Rowena Danvers e Ted Russell, então a coisa prometia ser interessante.

O ônibus da escola foi embora em uma nuvem de fumaça de diesel e nós tiramos as vendas. Estávamos no centro da cidade – aquilo era óbvio – e no meio do dia, uma tarde fria de outubro. O tráfego, tanto de pedestres quanto de carros, era bem leve. Procurei imediatamente a placa da rua, que dizia que estávamos na esquina do Boulevard Sheckley com a Rua Simak.

E eu sabia onde estávamos.

Minha surpresa foi tanta que fiquei mudo por um instante. Eu era o garoto que conseguia se perder a caminho da caixa de correio da esquina, mas sabia que lugar era aquele – do outro lado da rua, seguindo o quarteirão, ficava o

consultório do dentista com quem eu e Jenny tínhamos feito limpeza nos dentes havia apenas alguns dias.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Ted pegou o cartão que o sr. Dimas dera a cada um de nós com o lugar em que deveriam nos buscar.

– Temos que chegar à esquina da Maple com a Whale – disse ele. – Ei, talvez a gente possa pedir ao seu pai para nos buscar, Harker.

Isso é tudo que você precisa saber sobre Ted Russell: ele não seria capaz de soletrar "QI". Não porque seja burro – e ele é burro como uma porta –, mas porque não se esforça. Ele era um ano mais velho do que eu e tinha repetido de ano. Eu sabia que as únicas contribuições dele seriam piadas do tipo que nem uma criança pequena acharia graça. Mas estava disposto a aguentar o Russell, idiota do jeito que ele era, para estar ali – para estar em qualquer lugar – com Rowena Danvers.

Imagino que existam meninas mais bonitas, inteligentes e simpáticas na Greenville High, mas nunca parei para procurar. Para mim, Rowena era a única garota que existia. Porém, após dois anos tentando, eu ainda não tinha conseguido convencê-la de que eu era algo mais do que um simples figurante no filme de sua vida. Não é que ela me odiasse, ou até mesmo não gostasse de mim – eu não chegava a ser importante o bastante para isso. Duvido que a gente tivesse trocado mais do que cinco frases durante todo o ano letivo, e provavelmente quatro dessas eram coisas do tipo "Me desculpe, mas você deixou cair isso" ou "Sinto muito, você estava sentada aqui?". Nada do tipo que se vê nos grandes romances, embora cada uma delas valesse ouro para mim.

Mas agora, talvez, eu pudesse mudar isso. Poderia me tornar mais do que um pontinho anônimo na tela do seu radar. Eu tinha praticamente quinze anos e ela era meu Primeiro Amor. Mesmo. Ou pelo menos eu pensava assim na época. Não era uma paixonite qualquer. Eu não estava simplesmente gamado na Rowena Danvers – estava louca, profunda, *perdidamente* apaixonado. Até contei aos meus pais como me sentia, e foi preciso coragem. Se ela algum dia me notasse, eu disse a eles, esta seria uma das grandes histórias de amor do século. Eles viram que eu falava sério e nem me provocaram. Eles entenderam. E me desejaram boa sorte. Eu seria Tristão e ela, Isolda (seja lá quem eles forem; meu pai que falou deles); eu seria Sid e ela, Nancy (seja lá quem forem, minha mãe que falou deles). Eu queria impressionar Rowena Danvers, e daí que mostrar que

eu sabia atravessar uma rua na direção certa não seja exatamente o tipo de coisa que se encontra nas obras de Shakespeare? Eu me contentaria com o que pudesse ter.

– Eu sei onde estamos – anunciei.

Ted e Rowena olharam para mim sem acreditar muito.

– Ahã, claro. Com a venda nos olhos eu teria mais chance. Vamos, Rowena – chamou Ted, pegando o braço dela. – Todo mundo sabe que Harker não conseguiria achar o próprio traseiro nem que estivesse com as mãos amarradas atrás dele.

Ela puxou o braço e olhou para mim. Pude ver que ela não gostava nada da ideia de caminhar cinco ou seis quarteirões com Ted Russell, mas que também não queria ficar perambulando pelo centro da cidade pelo resto do dia.

– Você tem *certeza* de que sabe onde estamos, Joey? – perguntou.

A mulher que eu amava estava me pedindo ajuda! Eu me senti como se pudesse encontrar o caminho de casa saindo do lado oculto da lua.

– Tranquilo – respondi com toda a confiança de um peru que acha que vai ter um lindo dia de Natal. – Sigam-me. Vamos! – E comecei a descer a rua.

Rowena hesitou um pouco, depois virou de costas para Ted e me seguiu. Ele a encarou em choque por um instante, então acenou o braço como quem diz “vá em frente!”.

– O funeral é seu. Vou falar pro Dimas para mandar a equipe de busca – gritou ele, então riu e socou o ar.

Devia ser legal ser a própria plateia.

Rowena me alcançou, e caminhamos em silêncio durante algum tempo. Cruzamos o Parque Arkwright e seguimos para o norte – eu acho – na Corinth.

Seis quarteirões depois percebi algo muito importante: É bom saber onde você está, mas é melhor saber *aonde está indo*. E isso eu definitivamente não sabia – em uma questão de minutos me vi mais perdido do que já tinha estado em qualquer momento da vida. E, o que era pior, Rowena sabia disso. Dava para ver pela maneira como ela me olhava.

Comecei a entrar em pânico. Não queria decepcionar Rowena. Mas também não queria passar essa vergonha na frente dela. Então falei:

– Espere aqui um minutinho. – E depois corri antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Estava louco para encontrar outra rua ou ponto de referência que eu reconhecesse. Dobrei a esquina e vi um prédio no fim do quarteirão seguinte que me parecia familiar, então segui pela rua – Boulevard Arkwright, perto do parque – para ter certeza.

O clima em Greenville é esquisito mesmo quando parece estar bom. Isso porque a cidade fica muito próxima ao Grand River, que nos trouxe a indústria cervejeira, além dos turistas que vêm fazer trilhas e ver as quedas d'água, mas também a neblina que se espalha sempre que o tempo esfria.

Um desses nevoeiros começou na esquina da Arkwright com a Corinth. Decidi encará-lo e pude sentir as gotas frias no meu rosto. A maioria das névoas fica mais suave quando se entra nelas. Aquela não. Parecia que eu estava andando por uma fumaça espessa, cinzenta, em que não dava para ver nada.

Mas só a atravessei, sem prestar muita atenção – afinal de contas, eu tinha coisas mais importantes em mente. De dentro da neblina, pude ver luzes cintilantes de várias cores diferentes. É estranho como uma cidade fica quando tudo que se consegue ver são as luzes.

Dobrei a próxima esquina na Fallbrook, saindo da neblina... e parei. Eu estava numa parte da cidade que não reconhecia de forma alguma. Do outro lado da rua havia um McDonald's que eu nunca tinha visto antes, com um imenso arco verde xadrez por cima. Algum tipo de promoção escocesa, imaginei. Estava ocupado demais pensando em Rowena e imaginando se havia alguma forma de explicar o que tinha acontecido sem parecer um completo idiota. Não havia. Eu ia ter que voltar até onde ela estava e confessar que estávamos completamente perdidos por minha culpa. Ansiava por isso tanto quanto por uma visita de rotina ao dentista.

Pelo menos, a neblina tinha quase ido embora quando voltei à rua transversal, ofegante e sem fôlego. Rowena ainda esperava onde eu a havia deixado. Ela olhava pela vitrine de uma pet shop, de costas para mim. Atravessei a rua correndo, dei um tapinha nas costas dela e disse:

– Foi mal. Acho que a gente devia ter escutado o Ted. Isso não é algo que você ouve sempre, né?

Ela se virou.

Quando eu era criança – quer dizer, quando era bem pequeno, em Nova York,

antes de nos mudarmos para Greenville, antes mesmo da Jenny nascer –, me lembro de seguir minha mãe pela Macy's. Ela estava fazendo as compras de Natal e eu podia jurar que mal tinha tirado os olhos dela, que usava um casaco azul naquele dia. Eu a segui por toda a loja até que aquele monte de gente me espremendo me assustou e agarrei a mão dela. E ela olhou para baixo...

E não era minha mãe. Era uma mulher que eu nunca tinha visto antes, que usava um casaco azul parecido e tinha o mesmo corte de cabelo. Comecei a chorar e eles me levaram para um escritório, me deram refrigerante, encontraram minha mãe e tudo acabou bem. Mas nunca me esqueci daquele instante de desorientação, de esperar por uma pessoa e ver outra.

E foi exatamente assim que me senti naquele momento. Porque não era Rowena que estava na minha frente. A garota se parecia com ela, como se fosse sua irmã, e as roupas eram iguais. Ela estava até usando um boné preto de beisebol, como o de Rowena.

Mas Rowena sempre se orgulhara de seus longos cabelos louros. Ela já dissera mais de uma vez que queria deixá-lo crescer até onde desse e não cortá-lo nunca.

E o cabelo louro daquela garota era curto – *bem* curto. E ela nem se parecia com Rowena. Não muito. Não quando se olha de perto. Rowena tinha olhos azuis. Os da garota eram castanhos. Ela era apenas uma garota com um casaco marrom e um boné preto de beisebol, vendo cachorrinhos na vitrine de uma pet shop. Fiquei totalmente confuso. Dei um passo atrás.

– Me desculpe – falei. – Achei que você fosse outra pessoa.

Ela me olhava como se eu tivesse acabado de sair do esgoto usando uma máscara de hóquei e carregando uma serra elétrica. E não falou nada.

– Olhe, sinto muito mesmo – insisti. – Foi mal, está bem?

Ela assentiu sem dizer nada e saiu andando pela calçada até chegar ao cruzamento, olhando para trás a todo instante. Então correu como se todos os cães do inferno estivessem atrás dela.

Queria me desculpar por tê-la assustado, mas tinha meus próprios problemas.

Estava perdido no centro de Greenville, havia me separado dos outros membros do meu grupo, tinha desistido da ideia de conseguir mostrar à Rowena que eu era alguém, e ia ficar reprovado em Estudos Sociais.

Só havia uma coisa a fazer, então eu fiz.

Tirei o sapato.

Embaixo da palmilha havia uma nota de cinco dólares dobrada. Minha mãe me fazia carregá-la ali para emergências. Peguei as cinco pratas, calcei o sapato de novo, troquei o dinheiro e peguei um ônibus para casa, ensaiando todas as coisas que podia dizer para o sr. Dimas, para Rowena, até mesmo para Ted, e pensando se eu teria a sorte de nas próximas doze horas contrair uma doença tão contagiosa que me obrigaria a ficar afastado da escola até o fim do semestre...

Eu sabia que meus problemas não iriam terminar quando chegasse em casa. Mas pelo menos não estaria mais perdido.

No entanto, como percebi depois, eu nem ao menos sabia o significado dessa palavra.

# CAPÍTULO DOIS

SEGUI DE ÔNIBUS PARA casa atordoado. Após passar por alguns quarteirões, parei de olhar pela janela e comecei a olhar para a parte de trás do assento à minha frente. Porque havia algo de errado com as ruas. No começo, não conseguia saber direito o que me incomodava; tudo parecia apenas um pouco... estranho. Como os arcos em xadrez verde do McDonald's. Eu gostaria de ter ouvido falar daquela campanha antes.

E os carros. Meu pai me diz que, quando ele era garoto, ele e seus amigos podiam diferenciar facilmente um Ford de um Chevrolet e de um Buick. Hoje em dia todos parecem iguais, não importa qual seja o fabricante, mas era como se alguém tivesse decidido que todos os carros deviam ser pintados em cores vivas – todos em tons de laranja, verdes vivos e amarelos radiantes. Não vi um carro preto ou prateado durante todo o caminho.

Uma viatura policial passou por nós, sirenes ligadas, luzes piscando: verde e amarela, não azul e vermelha.

Depois daquilo, mantive meus olhos no couro cinza rasgado à minha frente. Quando estávamos a meio caminho da minha rua, entrei numa paranoia de que minha casa não estaria lá, de que haveria apenas um terreno vazio ou – e isso era ainda mais perturbador – uma *outra* casa. Ou de que, se houvesse pessoas lá, elas não seriam meus pais, minha irmã e irmãozinho. Eles seriam estranhos. Eu não pertenceria mais àquele lugar.

Desci do ônibus e corri os três quarteirões até minha casa. Ela parecia a mesma pelo lado de fora – mesma cor, mesmos canteiros de flores e jardineiras nas janelas, mesmos mensageiros dos ventos balançando do teto da varanda da frente. Quase chorei aliviado. Toda a realidade podia estar desmoronando ao meu redor, mas minha casa ainda era um porto seguro.

Empurrei a porta da frente e entrei.

O cheiro era da minha casa, não a de outra pessoa. Finalmente consegui

relaxar.

Ela parecia igual do lado de dentro também; mas então, de pé no corredor, comecei a notar algumas coisas. Pequenas coisas, sutis. Do tipo que faz você pensar que está imaginando coisas. Achei que talvez o tapete do hall tivesse um padrão um pouco diferente, mas quem é que se lembra do padrão de um tapete? Na parede da sala de estar, onde costumava haver uma foto minha no jardim de infância, agora havia a foto de uma garota que tinha aproximadamente a minha idade. Ela se parecia um pouco comigo... mas, enfim, meus pais vinham mesmo falando em tirar uma foto de Jenny...

E então tive um estalo. Foi como quando eu fui à cachoeira ano passado, quando o barril bateu nas pedras e arrebentou, e de repente ficou tudo claro e de cabeça para baixo, e eu *me machuquei*...

*Havia* algo diferente. Algo que não dava para ver pela frente da casa. A parte nova que tínhamos construído nesta primavera – o quarto do Kevin, meu irmão caçula – não estava lá.

Olhei para o alto da escada. Se eu ficasse na ponta do pé e girasse o pescoço até doer um pouco, dava para ver onde o novo corredor começava. Tentei fazer isso. Até subi alguns degraus da escada para ver melhor.

Não adiantou nada. A parte nova da casa *não estava lá*.

*Se isso for uma piada,* pensei, *foi tramada por um bilionário com um senso de humor realmente doentio.*

Ouvi um barulho atrás de mim. Eu me virei, e lá estava minha mãe.

Só que não era ela.

Como Rowena, minha mãe parecia diferente. Vestia um jeans e uma blusa que eu nunca tinha visto antes. O cabelo dela estava cortado como sempre, mas seus óculos eram diferentes. Como eu disse, pequenas coisas.

Menos pelo braço artificial. Aquilo não era uma coisa pequena.

Era feito de plástico e metal, e começava logo abaixo da manga da sua blusa. Ela notou que eu olhava para o braço e seu olhar de surpresa – assim como Rowena, ela não tinha me reconhecido – passou a ser de receio.

– Quem é você? O que está fazendo nesta casa?

Naquele momento, eu não sabia se ria, chorava ou começava a gritar.

– Mãe – chamei, desesperado –, não está me reconhecendo? Sou eu, Joey!

– Joey? – disse ela. – Não sou sua mãe, garoto. Não conheço ninguém

chamado Joey.

Não consegui dizer mais nada depois disso. Só fiquei ali parado olhando para ela. Antes de conseguir pensar no que dizer ou fazer, ouvi outra voz atrás de mim. Uma voz de garota.

– Mãe? Algum problema?

Eu me virei. Acho que já esperava, de forma inconsciente, ver o que vi. Algo naquela voz me disse quem estaria ali no alto da escada.

Era a garota da foto.

Não era Jenny. A garota tinha cabelo castanho avermelhado, sardas, e uma expressão meio boba, como se passasse tempo demais dentro da própria cabeça. Tinha a minha idade, então não podia ser minha irmã. Ela era... – e então tive que admitir para mim mesmo o que já sabia – ela era como eu seria se fosse uma garota.

Nós dois olhamos um para o outro em choque. E então ouvi a voz da mãe dela chamar, como se estivesse muito distante:

– Volta lá para cima, Josephine. Depressa.

*Josephine.*

Foi aí que eu entendi, de alguma forma. Não sei como, mas tive um estalo e soube que era verdade.

Eu não existia mais. De algum jeito eu havia sido *deletado* da minha própria vida. Não tinha dado muito certo, obviamente, já que eu ainda estava ali. Mas aparentemente eu era o único a achar que tinha direito de estar naquela casa. De alguma forma, a realidade tinha mudado tanto que agora o filho mais velho do sr. e da sra. Harker era uma menina, não um garoto. Josephine, e não Joseph.

A sra. Harker – era estranho pensar nela assim – me observava. Estava desconfiada, mas também parecia curiosa. Bem, claro... ela via a semelhança familiar em meu rosto.

– Eu... conheço você? – Ela franziu a sobrancelha, tentando identificar de onde me conhecia. Em mais um minuto ela entenderia por que eu parecia tão familiar... A sra. Harker lembraria que eu a havia chamado de “mãe”... E, como havia acontecido comigo, seu mundo se desintegraria.

Ela não era minha mãe. Não importa o quanto eu queria que fosse, não importa o quanto eu *precisava* que ela fosse, aquela mulher não era mais minha mãe do que a outra senhora de casaco azul naquele dia na Macy’s.

Saí correndo.

Até hoje não sei se corri porque aquilo tudo era demais para mim ou porque queria poupá-la do que eu sabia: que a realidade podia se estilhaçar como um espelho quebrado. Que isso podia acontecer com qualquer um, porque tinha acabado de acontecer com ela... e comigo.

Passei por ela, saí da casa, segui pela rua e continuei correndo. Talvez estivesse esperando que, se corresse rápido o bastante, e para bem longe, eu poderia de alguma forma voltar no tempo, antes de toda aquela loucura acontecer. Não sei se teria funcionado. Nunca tive a chance de descobrir.

De repente o ar à minha frente *se ondulou*. Depois cintilou, como ondas de calor ficando prateadas, e então se *abriu*. Foi como se a própria realidade tivesse se dividido em duas. Vi de relance um estranho fundo psicodélico lá dentro, cheio de formas geométricas flutuantes e cores pulsantes.

Então através dele passou uma... *coisa*.

Talvez fosse um homem... eu não tinha certeza. Usava um casacão e um chapéu e, quando ergueu a cabeça para olhar para mim, pude ver o rosto escondido sob a aba.

Era igual ao meu.

# CAPÍTULO TRÊS

O ESTRANHO USAVA uma máscara que cobria todo seu rosto e era feita de um material espelhado, como mercúrio. Era muito perturbador olhar para aquela cara prateada sem forma alguma e ver meu próprio rosto me encarando de volta, todo distorcido.

Meu rosto parecia bobo e idiota. Um mapa líquido de sardas, um esfregão bagunçado castanho-avermelhado como cabelo, grandes olhos castanhos e uma boca retorcida em uma mistura caricaturesca de surpresa e, para ser sincero, medo.

A primeira coisa que pensei foi que o estranho era um robô, um desses robôs de metal líquido dos filmes. Depois achei que fosse um alienígena. Então comecei a suspeitar que fosse alguém que eu conhecia usando um tipo de máscara high-tech interessante. E esse último pensamento se transformou em certeza quando ele falou, porque era uma voz que eu conhecia. Não pude descobrir de onde porque saiu abafada pela máscara, mas eu conhecia aquela voz, isso era certo.

– Joey?

Tentei dizer "Sim?", mas só consegui fazer um barulho em minha garganta.

Ele deu um passo em minha direção.

– Olhe, isso tudo está acontecendo um pouco rápido para você, imagino, mas tem que confiar em mim.

*Está tudo acontecendo um pouco rápido? Esse foi o maior eufemismo da década, cara*, quis falar para ele. Minha casa não era minha casa, minha família não era minha família, minha namorada não era minha namorada – bem, ela já não era desde o início, mas isso não é hora de se prender a detalhes. A questão é que tudo de estável e permanente em minha vida tinha virado gelatina, e faltava *muito pouco* para eu perder completamente o controle.

Então o esquisitão com a máscara de Halloween colocou a mão no meu

ombro, e bastou isso para *não faltar nada*. Não me importava se ele era alguém que eu conhecia. Dei uma joelhada para cima, com força, da maneira como o sr. Dimas tinha nos dito para fazer – meninos *e* meninas –, se algum dia pensássemos estar correndo algum tipo de perigo físico envolvendo um homem adulto. (“Não mirem *nos* testículos”, dissera o sr. Dimas naquele dia, como se estivéssemos falando sobre o tempo. “Mirem no meio do estômago, como se estivessem planejando chegar nele *através* dos testículos. E não parem para ver se o cara está bem ou não. Apenas corram.”)

Quase quebrei minha patela. Ele estava usando algum tipo de armadura embaixo do casaco.

Gemi de dor e agarrei meu joelho direito. O pior é que eu sabia que, por trás daquela máscara espelhada, o esquisito estava sorrindo.

– Está tudo bem? – perguntou ele naquela voz que me soava familiar. Parecia estar mais achando graça do que preocupado.

– Tipo, tudo bem, apesar de eu não saber o que está acontecendo, ter perdido a minha família e quebrado o joelho? – Eu devia ter corrido, mas fugir como se sua vida dependesse disso exige estar com as duas pernas em boas condições de uso. Respirei fundo e tentei me recuperar.

– Duas dessas coisas são culpa sua mesmo. Eu esperava alcançá-lo antes que você começasse a Andar, mas não fui rápido o bastante. Agora, você disparou todos os alarmes desta região, passando de um plano a outro desse jeito.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando; eu não tinha feito plano nenhum. Esfreguei a perna.

– Quem é você? – perguntei. – Tire a máscara.

Ele não tirou.

– Pode me chamar de Jay – disse ele, estendendo a mão de novo, como se eu devesse cumprimentá-lo.

Eu me pergunto se teria ou não apertado a mão dele, porque nunca cheguei a descobrir. Um clarão repentino de luz verde me cegou, me fazendo piscar, e, um instante depois, um estrondo alto deixou meus ouvidos momentaneamente inoperantes também.

– Corra! – gritou Jay. – Não, não por aí! Vá por onde você veio. Vou tentar detê-los.

Eu não corri... Só fiquei ali em pé, olhando.

Havia três discos voadores, prateados e reluzentes, flutuando no ar há mais ou menos três metros. Sobre cada disco, equilibrando-se como um surfista que pega uma onda, havia um homem com um traje cinza inteiriço. Cada um dos homens segurava uma rede grande – parecida com as de pescar, pensei, ou a de um gladiador.

– Joseph Harker – gritou um dos gladiadores numa voz monocórdia, quase sem expressão. – É inútil resistir. Por favor, fique onde está. – Ele agitou sua rede para enfatizar o que dizia.

A rede crepitou e faiscaram pequenas fagulhas azuis onde a malha tocou. Entendi duas coisas quando vi aquelas redes: que elas eram para mim e que machucariam se me pegassem.

Jay me empurrou.

– *Corra!*

Dessa vez, não hesitei. Dei meia-volta e saí em disparada.

Um dos homens nos discos gritou de dor. Olhei para trás por um instante: ele estava caindo no chão enquanto o disco pairava no ar logo acima. Suspeitei que Jay tivesse sido o responsável.

Os outros dois gladiadores planavam no ar acima de mim, me acompanhando enquanto eu corria. Nem precisava olhar para o alto. Podia ver suas sombras.

Eu me sentia como um animal – um leão ou um tigre, talvez – em um documentário sobre a vida selvagem, sendo caçado por homens com dardos tranquilizantes. Dá para ver que ele vai ser derrubado se continuar a correr em linha reta. Então não fiz isso. Esquivei-me para a esquerda, bem quando uma rede pousou onde eu estava. Ela tocou minha mão direita ao cair, que ficou dormente. Eu não conseguia sentir os dedos.

E então eu me *desloquei*.

Não sei como fiz isso, ou mesmo o que tinha acabado de fazer. Tive uma impressão momentânea de mais neblina, luzes faiscantes e sons de mensageiros dos ventos, e então eu estava sozinho. Os homens no céu tinham desaparecido – até mesmo o misterioso sr. Jay com o rosto espelhado não estava em parte alguma. Era uma tranquila tarde de outubro, com folhas úmidas grudadas na calçada, e nada acontecia na sonolenta Greenville, como de costume.

Meu coração batia tão forte que achei que meu peito fosse explodir.

Desci a Maple Road, tentando recuperar o fôlego, e esfregando minha mão

direita dormente com a esquerda, enquanto procurava entender o que havia acabado de acontecer.

Minha casa já não era mais minha casa. As pessoas que moravam lá não eram minha família. Havia uns caras em tampas de bueiro voadoras atrás de mim, e outro com um gancho de calça de armadura e rosto espelhado.

O que eu podia fazer? Ir à polícia? *Claaaro*, disse a mim mesmo. Eles ouvem histórias como essa o tempo todo. E mandam as pessoas que contam essas histórias para o hospício.

Então só havia uma pessoa com quem eu poderia conversar. Dobrei a esquina e vi a Greenville High à minha frente.

Eu ia falar com o sr. Dimas.

# CAPÍTULO QUATRO

A GREENVILLE HIGH School foi construída havia aproximadamente cinquenta anos. Desde então, esteve fechada por alguns meses quando eu era criança para a prefeitura remover o asbesto. Há alguns trailers temporários nos fundos da escola que abrigam as salas de arte e os laboratórios de ciências, e vão continuar lá até conseguirem verba para construir o novo anexo. A escola está meio caindo aos pedaços, e cheira a umidade, pizza e equipamento esportivo suado – e, se não parece que gosto muito dela, bem, acho que é porque não gosto mesmo. Mas tenho que admitir que me fez muito bem estar ali naquele momento.

Consegui subir os degraus, com muito cuidado, e de olho no céu para ver se aparecia algum gladiador voando em um disco. Nada.

Entrei. Ninguém prestou atenção em mim.

Estava na metade do quinto tempo e não havia muitas pessoas nos corredores. Segui em direção à sala do Dimas o mais rápido que pude sem chegar a correr. Ele nunca tinha sido meu professor preferido – aqueles testes bizarros que inventava eram difíceis –, mas sempre me passara a impressão de ser alguém que não perderia a cabeça numa emergência.

Se aquela não era uma emergência, eu não sabia mais o que poderia ser. E, de certa maneira, era culpa dele, não era?

Só parei quando cheguei à sua sala. Olhei pelo vidro da porta. Ele estava sentado à mesa, corrigindo uma pilha de deveres de casa. Bati na porta. Ele não levantou a cabeça, apenas chamou:

– Entre! – E continuou a corrigir.

Abri a porta e fui direto para sua mesa. Ele manteve os olhos nos papéis.

– Sr. Dimas? – falei, tentando evitar que minha voz soasse trêmula. – Tem um minuto?

O professor levantou a cabeça, olhou nos meus olhos, e deixou cair a caneta.

Eu me abaixei, peguei-a e coloquei-a de volta na mesa.

– Algum problema? – indaguei.

Ele parecia pálido e – levei alguns instantes para perceber isso – realmente assustado. Boquiaberto, balançou a cabeça, em um gesto que meu pai chamava de “sacudir as teias de aranha”, e me olhou de novo. Então estendeu a mão direita e disse:

– Aperte minha mão.

– Hã, sr. Dimas...? – De repente fui tomado pelo medo de que ele fizesse parte de toda aquela maluquice também, e aquele pensamento me assustou tanto que mal consegui me manter de pé. Eu precisava de alguém no papel de adulto agora.

Ele ainda estava com a mão estendida, e percebi que seus dedos tremiam.

– Parece que você viu um fantasma – comentei.

Ele olhou para mim severamente.

– Isso não é engraçado, Joey. Se você *for* o Joey. Aperte minha mão.

Coloquei minha mão na dele. Ele apertou tanto que doeu, procurando sentir minha pele e meus ossos. Depois me soltou e olhou para o meu rosto.

– Você é real – decidiu ele. – Não é uma alucinação. O que isso significa? Você é Joey Harker? Com certeza se parece com ele.

– É claro que sou Joey – respondi.

Tenho que admitir – eu já estava a ponto de começar a chorar como um bebê. Aquela loucura toda, o que quer que fosse, não podia estar afetando o sr. Dimas também. Ele sempre tinha sido tão sensato. Bem, sensato com relação a algumas coisas. Quando o prefeito Haenkle o descreveu em sua coluna no *Greenville Courier* como “tão louco como uma máquina de retirar neve no verão”, eu sabia bem o que ele queria dizer.

Mas eu precisava contar a alguém o que estava acontecendo, e o sr. Dimas ainda parecia a melhor escolha.

– Olhe – falei com cuidado –, o dia hoje foi... bem estranho. Achei que você seria a única pessoa com que eu poderia falar sobre isso.

Ele ainda estava tão branco como papel, mas assentiu. Então ouvimos uma batida na porta, e ele disse:

– Entre! – O sr. Dimas parecia aliviado.

Era Ted Russell. Ele mal olhou para mim.

– Sr. Dimas – disse ele. – Estou com um problema. Se eu tirar um F em Estudos Sociais, não ganho um carro. E acho que você vai me dar um F.

Aparentemente havia coisas que nem realidades alternativas podiam mudar; Ted obviamente ainda tinha problemas com as notas. O sr. Dimas parecera desapontado quando Ted entrou; mas agora estava irritado.

– E por que isso seria um problema meu, Edward?

Aquele era o sr. Dimas que eu conhecia. Eu me senti aliviado e, sem pensar, acabei me metendo na conversa.

– Ele está certo, Ted. De qualquer forma, mantê-lo longe da estrada é o melhor para todos. Você no volante seria um perigo!

Ele se virou em minha direção e eu esperava que não fosse me bater na frente do sr. Dimas. Ted Russell gostava de bater em pessoas menores que ele, e isso representava uma boa parcela da escola. Ele levantou a mão... e então viu que era eu.

Ted parou com o braço levantado e disse, claro como o dia:

– Santa Mãe de Deus, o Senhor está me castigando. – Então começou a gritar e saiu correndo da sala, assim como eu tinha feito mais cedo. Ou seja, *correu como se sua vida dependesse disso*, como se costuma dizer.

Olhei para o sr. Dimas. Ele me olhou de volta, então prendeu um pé em uma cadeira ali perto e a puxou em minha direção.

– Sente-se – pediu ele. – Abaixe a cabeça. Respire devagar.

Fiz tudo isso. O que foi bom porque o mundo – ou pelo menos a sala dele – estava girando um pouco. Depois de um minuto, as coisas começaram a se estabilizar, e levantei a cabeça. O sr. Dimas me observava.

Ele saiu da sala e voltou alguns segundos depois com um copo de papel.

– Beba.

Tomei a água. E isso ajudou. Um pouco.

– Eu achava que estava tendo um dia esquisito. Agora já está além do bizarro. Você pode me explicar o que está acontecendo?

Ele assentiu.

– Posso explicar um pouco, com certeza. Pelo menos, posso explicar a reação de Edward. E a minha. Veja bem, Joey Harker se afogou no ano passado em um acidente nas quedas do Grand River.

Agarrei-me à minha sanidade, segurando firme com as mãos.

– Eu não me afoguei – expliquei a ele. – Fiquei bem abalado, levei quatro pontos na perna, e meu pai disse que me ensinaria uma lição que eu nunca iria esquecer, e que tentar descer a cachoeira num barril era a coisa mais idiota que eu já tinha feito. E eu disse a ele que não teria feito isso se Ted não tivesse me chamado de franguinho...

– Você se afogou – repetiu o sr. Dimas sem mudar o tom. – Eu ajudei a tirar seu corpo do rio. Fiz um discurso no seu enterro.

– Ah... – Nós dois ficamos quietos durante algum tempo, até que o silêncio se tornou insuportável, e eu precisei falar alguma coisa. – O que você disse? Bem, você não perguntaria a mesma coisa se estivesse em meu lugar?

– Coisas boas – disse ele. – Falei que você era um menino de bom coração, e como você se perdia o tempo todo durante seu primeiro semestre aqui. Que tínhamos que mandar equipes de resgate para que você chegasse em segurança na aula de Educação Física ou nos trailers de ciências.

Minhas bochechas estavam ardendo.

– Que ótimo – falei com todo o sarcasmo que consegui reunir. – É exatamente como eu queria ser lembrado.

– Joey, o que você está fazendo aqui? – perguntou ele gentilmente.

– Estou tendo um dia bem estranho... já lhe disse.

E eu ia lhe explicar tudo – e aposto que ele ia entender alguma coisa –, mas, antes que eu pudesse falar, a sala começou a escurecer. Não como se o sol tivesse se escondido atrás de uma nuvem, ou em como "nossa, está escuro, acho que vai cair uma tempestade", ou até mesmo escuro como em "aposto que um eclipse total do sol deve ser assim". Parecia que era possível *tocar* aquela escuridão; parecia algo sólido, tangível e frio.

E havia olhos no meio dela.

A escuridão tomou forma. Era uma mulher. Seu cabelo era longo e preto. Tinha lábios carnudos, como estava na moda entre as estrelas de cinema quando eu era garoto; ela era pequena e meio magra, e seus olhos eram tão verdes que parecia estar usando lentes de contato. E eram olhos de gato. Não quero dizer que tinham o formato dos olhos de um gato. Mas que olhavam para mim como um gato olha para um pássaro.

– Joseph Harper – começou ela.

– Sim – confirmei. O que provavelmente não foi a coisa mais inteligente que

eu podia ter dito, porque ela lançou um feitiço em mim.

Não sei explicar melhor o que houve. Ela moveu o dedo, traçando uma figura – um símbolo que parecia um pouco chinês e um pouco egípcio – que ficou brilhando suspensa no ar depois que seu dedo parou de se mexer, e falou alguma coisa enquanto isso; e a palavra que ela disse pairou, vibrou e flutuou pela sala. E os dois, palavra e gesto, preencheram minha cabeça; e eu soube que teria de segui-la por toda a minha vida, onde quer que ela fosse. Eu a seguiria ou morreria tentando.

A porta se abriu. Dois homens entraram. Um usava apenas um trapo, como uma fralda em volta da cintura. Era careca – na verdade, até onde eu podia ver, ele não tinha nem cabelo nem pelo algum, e esse fato, além da fralda, já o fazia parecer um pesadelo mesmo sem as tatuagens. E essas só pioravam as coisas: cobriam cada centímetro de sua pele, desde a cabeça até a ponta dos pés, em tons desbotados de azul, verde, vermelho e preto, figura após figura. Eu não conseguia ver o que eram, ainda que ele não estivesse a mais de um metro e meio de distância.

O outro homem usava uma camisa e um jeans. A camisa era muito pequena, o que era realmente bem ruim, porque deixava uma boa parte da barriga exposta. E sua barriga... bem, ela *brilhava*. Como uma água-viva. Eu podia ver os ossos, nervos e tudo mais através de sua pele de gelatina. Olhei para seu rosto, que era do mesmo jeito. A pele dele era como uma mancha de óleo sobre os ossos, músculos e tendões; dava para vê-los, trêmulos e distorcidos, por baixo dela.

A mulher olhou para os dois como se estivesse esperando por eles. Então apontou casualmente para mim.

– Eu o peguei – anunciou ela. – Mais fácil que tirar ambrosia de um elemental. Ele vai nos seguir para qualquer lugar agora.

O sr. Dimas se levantou e disse:

– Agora, preste atenção, mocinha. Vocês não podem... – E então ela fez outro gesto e ele congelou. Ou algo parecido. Eu podia ver os músculos dele tremendo, como se estivesse tentando se mover, esforçando-se com cada célula do seu ser, mas sem sucesso.

– Onde vão nos buscar? – perguntou ela. Tinha um jeito de falar de menina mimada que eu achava irritante, principalmente sabendo que teria que passar o resto da minha vida seguindo-a por todo lado.

– Lá fora. Onde há um carvalho destruído – explicou o homem água-viva como se arrotasse lama enquanto falava. – Temos que esperar ali.

– Ótimo – disse ela. Então olhou para mim e falou como se estivesse se dirigindo a um cachorro do qual não gostasse muito: – Vamos.

Depois se virou e saiu.

Cega e obedientemente, eu a segui, me odiando a cada passo.

MUNDIÁRIO

Do Diário de Jay

*Voltei à Cidade Base tarde da noite. A maioria do pessoal em meu dormitório já estava dormindo, menos Jai, que estava meditando, suspenso no ar com as pernas cruzadas – então também talvez estivesse dormindo. Entrei sem fazer barulho, tirei a roupa e fiquei vinte minutos no banho, tirando a lama e o sangue seco do cabelo. Depois preenchi o relatório de perdas e danos, explicando como tinha perdido a jaqueta e o cinto (eu havia trocado a jaqueta por informações, e o cinto tinha servido para fazer um torniquete bem eficaz, se você quer saber). Então desabei como um defunto e dormi até acordar sozinho.*

*É uma tradição. Não se acorda alguém que está voltando de um trabalho. A gente tem um dia para fazer o relatório da missão, e depois outro livre. Isso é meio sagrado. Mas o sagrado vai para o ralo o momento em que o Ancião chama, e havia um bilhete ao lado do meu beliche quando acordei, no papel laranja do Ancião, me dizendo para me dirigir ao seu escritório assim que eu pudesse – o que é sua forma de dizer imediatamente.*

*Então me vesti depressa e segui para o escritório do comandante.*

*Há quinhentos de nós na base, e cada um de nós morreria pelo Ancião. Não que ele fosse querer isso. Ele precisa de nós. Nós precisamos de nós.*

*Soube que ele estava de mau humor quando cheguei à antessala porque sua assistente acenou para que eu entrasse no escritório assim que me viu chegar. Nenhum "olá", nem mesmo me ofereceu um café. Apenas "Ele está esperando. Entre logo".*

*A mesa do Ancião ocupa a maior parte da sala e fica coberta por pilhas de papel e pastas amassadas presas com elásticos. Não sei como ele encontra alguma coisa ali.*

*Na parede atrás dele, há uma figura enorme de algo que parece meio um redemoinho, meio um tornado, mas principalmente com a forma que a água assume quando desce pelo ralo. É uma imagem do Altiverso – o padrão que todos juramos proteger e guardar, até com nossas próprias vidas, se necessário.*

*Ele me encarou com seu olho bom.*

*– Sente-se, Jay.*

*O Ancião parecia estar na casa dos cinquenta anos, mas podia ser bem mais velho que isso. Está bem acabado. Um de seus olhos é artificial: uma estrutura desenvolvida com tecnologia binária, feita de metal e vidro, em que cintilam luzes verdes, violetas e azuis. Quando o Ancião olha para você através dele, pode examinar sua consciência e fazê-lo se sentir como se tivesse cinco anos. E o mesmo vale para seu olho de verdade, que é castanho, assim como o meu.*

*– Você está atrasado – resmungou ele.*

*– Sim, senhor – falei. – Vim assim que recebi sua mensagem.*

*– Temos um novo Andarilho – disse o Ancião. Ele pegou uma pasta em sua mesa, folheou o que havia dentro e tirou de lá uma folha de papel azul. Depois me entregou. – O Pessoal lá de Cima acha que ele tem potencial.*

*– Muito?*

*– Não tenho certeza. Mas ele é imprevisível. Vai disparar alarmes e tropeçar em armadilhas onde quer que for.*

*Olhei para o papel. Design básico de planeta favorável ao ser humano – um dos mundos do meio, a parte espessa do Arco –, não muito exótico. As coordenadas também eram bem simples. Parecia uma viagem razoavelmente fácil.*

*– Devo trazê-lo para cá?*

*O Ancião assentiu.*

*– Sim. E rápido. Os dois vão mandar equipes capturá-lo assim que souberem que ele está por aí.*

*– Eu devia estar fazendo o relatório do trabalho da Luz Estelar hoje.*

*– Joliet e Joy estão preparando o relatório agora. Se eu precisar de mais algum detalhe, entro em contato com você. Esta é sua prioridade no momento. E você pode ter dois dias de descanso quando terminar.*

*Eu me perguntei se teria mesmo os dois dias de folga. Mas não importava.*

*– Entendi. Vou trazê-lo para cá.*

*– Dispensado – ordenou o Ancião. Eu me levantei, pensando em passar rapidamente pelo depósito de armas e depois sair em campo para a Interzona. Antes de chegar à porta, no entanto, ele falou de novo. Ainda estava resmungando, mas era um resmungo amigável. – Lembre-se, Jay, preciso de você aqui de volta inteiro, e o quanto antes. Um Andarilho razoável não vai significar o fim dos mundos. Um oficial de campo a menos poderia. Fique longe*

*de problemas. Espero você de volta para fazer seu relatório da missão às sete da manhã em ponto.*

*– Sim, senhor – respondi e fechei a porta.*

*A assistente do Ancião me entregou a autorização de requisição de arma e sorriu para mim. Seu nome é Josetta.*

*– Digo o mesmo, Jay – falou ela. – Volte em segurança. Precisamos de todos os agentes de campo que pudermos ter.*

*O intendente é de uma das Terras mais pesadas – lugares em que você sente que pesa duzentos quilos, e frequentemente é isso mesmo. Ele tem a forma de um barril e é uns 25 centímetros mais alto do que eu. Olhar para ele é como se ver em um daqueles espelhos que distorcem a imagem nos parques, do tipo que achata seu corpo ao mesmo tempo em que o amplia.*

*Requisitei um traje de combate e vi quando ele o atirou para mim como se não pesasse nada. Eu o peguei, mas quase caí porque aquilo devia pesar uns 35 quilos. Imaginei que ele devia estar irritado comigo por ter perdido a jaqueta e o cinto.*

*Assinei a retirada do traje de combate. Fiquei só de camisa e cueca boxer, coloquei o traje sobre mim e o ativei, sentindo-o cobrir meu corpo da cabeça aos pés; então me concentrei no garoto novo. Eu o localizei e comecei a Andar em direção a ele...*

*A Interzona era fria, e tinha gosto de baunilha e fumaça de lenha queimada. Não tive dificuldade para encontrar o garoto. E então deu tudo errado.*

# CAPÍTULO CINCO

EU ESTAVA SEGUINDO a bruxa, com o sr. Água-Viva e o cara tatuado logo atrás.

Era como se duas pessoas estivessem vivendo em minha mente. Uma delas era EU, um grande eu, que tinha de algum jeito concluído que a coisa mais importante que já existira ou existiria era a bruxa que ele seguia para fora da escola. A outra pessoa em minha cabeça era eu também, mas um eu pequenininho que gritava em silêncio, tinha pavor da bruxa, do cara tatuado e do sr. Água-Viva, e queria sair correndo e se salvar.

O problema era que o pequeno eu estava totalmente inoperante. Cruzamos o campo de futebol, seguindo em direção ao velho carvalho, que tinha sido atingido por um raio há uns dois anos e se erguia contra o céu como um dente podre. O sol tinha acabado de se pôr, mas o céu ainda estava claro. Eu tremia.

A bruxa se virou para o homem tatuado.

– Scarabus, entre em contato com o transporte.

Ele curvou a cabeça. Pude ver sua pele se arrepiar sob uma daquelas imagens não muito claras. Ele levantou um dedo e tocou uma das tatuagens em seu pescoço, e de repente pude vê-la bem. Era um barco à vela. Ele fechou os olhos. Quando abriu, suas pupilas brilhavam.

– O navio *Lacrimae Mundi* está às suas ordens, senhora – apresentou-se ele numa voz distante como uma transmissão de rádio.

– Estou com nossa presa bem aqui, em segurança. Traga o navio, capitão.

– Como quiser – confirmou o homem tatuado, com a voz distante. Então fechou os olhos e tirou a mão da tatuagem. Quando abriu os olhos, estavam normais outra vez. – O que disseram? – perguntou o tatuado com a voz normal.

– Estão trazendo o navio para cá agora – informou o homem água-viva. – Vejam!

Levantei a cabeça.

O navio, parecendo tão grande quanto o auditório que estava se materializando no ar à nossa frente, era igual a todos os navios piratas que você já viu em filmes antigos: tábuas de madeira manchadas, grandes velas enfunadas, e a figura de um homem com cabeça de tubarão na proa. Deslizava em nossa direção a cerca de um metro e meio do chão, e o gramado do campo de futebol se agitava de um lado para o outro como a superfície do mar enquanto ele passava.

O grande eu não podia ligar menos para navios fantasmas velejando pelo ar, desde que a bruxa e eu estivéssemos juntos. O pequeno eu aprisionado nos fundos da minha mente esperava que tudo aquilo fosse apenas uma reação ruim a alguma nova medicação que os gentis médicos estavam testando em mim em qualquer que fosse o hospício em que tinham me trancado.

Uma escada de corda foi jogada pela lateral do navio.

– Suba! – comandou a bruxa, e eu subi.

Quando eu estava no alto da embarcação, mãos imensas me agarraram e me jogaram no convés como um saco de batatas. Olhei para cima e vi homens do tamanho de lutadores vestidos como marinheiros em filmes de piratas. Tinham lenços amarrados na cabeça, usavam suéteres velhos e jeans surrados, e estavam descalços. Eles foram mais atenciosos com a bruxa, erguendo-a com cuidado sobre a lateral do navio. Então todos se afastaram. Acho que não queriam tocar no homem água-viva ou em Scarabus, o cara tatuado, e eu não podia culpá-los por isso.

Um dos marujos olhou para mim.

– *Isso aí* é o motivo desse estardalhaço todo? – perguntou ele. – Esse vermezinho?

– Sim – retrucou a bruxa friamente. – Esse vermezinho é a razão de todo esse alvoroço.

– Minha nossa – disse o marujo. – Vamos jogá-lo ao mar quando estivermos em curso?

– Machuque-o antes de voltarmos à BRUX e cada feiticeiro do Tarn vai querer um pedaço da sua pele. Ele vai morrer do *nosso* jeito. Afinal, o que você acha que fornece energia a esse seu navio? Leve-o para os meus aposentos lá embaixo.

Ela, então, se virou para mim.

– Joseph, você precisa ir com este homem. Fique onde ele mandar. Se me desobedecer, ficarei muito triste.

A ideia de magoá-la fez meu coração doer. Literalmente – senti uma dor aguda dentro de mim. Eu sabia que nunca poderia fazer nada que a deixasse infeliz de qualquer jeito. Esperaria por ela até o mundo acabar se fosse preciso.

O marujo me empurrou escada abaixo em direção a um corredor estreito que tinha cheiro de cera de chão e peixe. No final do corredor havia uma porta, e nós a abrimos.

– Aqui estamos nós, meu caro verme – anunciou ele. – Os aposentos de Lady Indigo para a viagem de volta à BRUX. Fique aqui e espere por ela. Se precisar se aliviar, há um banheiro bem ali, depois daquela porta. Use-o; não se embarace. A lady vai descer quando estiver pronta. Foi traçar agora nosso curso de volta com o capitão.

Ele falava comigo como quem fala com um animal de estimação ou de fazenda, apenas para ouvir o som da própria voz.

Então saiu.

Senti uma guinada e, através da escotilha da cabine, vi o céu noturno se dissolver em estrelas, milhares delas, flutuando numa escuridão violeta. Estávamos em movimento.

Devo ter ficado lá em pé por horas, esperando ao lado da porta.

Em algum momento, percebi que tinha que fazer xixi, e passei pela porta que o marujo havia mostrado. Acho que esperava alguma coisa apertada e antiquada, mas o que havia atrás da porta era um banheiro pequeno, mas luxuoso, com uma grande banheira rosa e um pequeno vaso rosa de mármore, que eu usei e depois dei descarga. Lavei as mãos com sabão rosa com cheiro de rosas e sequei em uma toalha de banho rosa felpuda.

Então olhei pela escotilha do banheiro.

Acima do navio havia estrelas. Sob o navio, mais estrelas, pontos cintilantes de luz. Havia muito mais delas do que eu havia imaginado que existissem. E elas eram diferentes. Não reconheci nenhuma das constelações que meu pai havia me ensinado quando eu era mais novo. Várias delas estavam incrivelmente perto – perto o bastante para mostrar discos tão grandes quanto o sol, mas de alguma forma ainda era noite.

Eu me perguntava quando chegaríamos aonde estávamos indo.

E por que eles iam me matar quando chegássemos lá (e em algum lugar dentro de mim um pequeno Joey Harker berrou e gritou e soluçou e tentou chamar a atenção do meu corpo).

Esperava que Lady Indigo não tivesse retornado e descoberto que eu não estava esperando por ela. A ideia de desapontá-la me dilacerava como uma faca no coração, então corri de volta para a entrada e fiquei lá em posição de sentido, esperando que ela voltasse logo. Se ela não retornasse, eu tinha certeza de que morreria.

Esperei mais uns vinte minutos, até que a porta se abriu e felicidade pura inundou minha alma. Milady Indigo estava ali com Scarabus.

Ela nem olhou para mim. Sentou-se na cama rosa pequena, enquanto o homem tatuado ficou lá parado à sua frente.

– Não sei – disse ela, aparentemente respondendo a uma pergunta que ele tinha lhe feito no corredor. – Não consigo imaginar que alguém possa nos achar aqui. E, assim que chegarmos à BRUX, teremos os melhores guardas do Altiverso ao nosso dispor.

– Ainda assim – insistiu o homem, mal-humorado –, Neville falou que captou uma perturbação no continuum. Ele disse que alguma coisa estava vindo.

– Neville – repetiu ela docemente – é um exagerado com corpo de geleia. O *Lacrimae Mundi* está velejando de volta à BRUX através do Lugar-Algum. Estamos praticamente indetectáveis.

– Praticamente – murmurou ele.

Ela se levantou e caminhou na minha direção.

– Como você está, Joseph Harker?

– Muito feliz por vê-la aqui de novo, milady – respondi.

– Alguma coisa incomum aconteceu enquanto você estava aqui embaixo esperando por mim?

– Incomum? Acho que não.

– Obrigada, Joseph. Você só deve falar agora quando eu lhe pedir que faça isso. – Ela comprimiu os lábios grossos e voltou a se sentar na cama. – Scarabus, contacte a BRUX para mim.

– Sim, senhora.

Ele tocou uma tatuagem na barriga, um desenho que tinha algo de *As mil e uma noites*, do castelo do Drácula e também se parecia um pouco com o mundo

visto do espaço. Ele fechou os olhos. Quando os abriu de novo, suas pupilas faiscavam – diferente do brilho fixo que tinham quando ele havia pedido que o navio fosse levado até o campo de futebol.

Ele falou com um tom de voz grave, como se alguém tivesse mergulhado o Darth Vader em um barril gigante de xarope de bordo:

– Indigo? O que é?

– Estamos com o garoto Harker, milorde Dogknife. Um Andarilho de primeira. Ele poderá fornecer energia a muitos navios.

– Que bom – disse o ofegante de voz xaroposa. Mesmo com o feitiço sob o qual eu estava, fosse qual fosse, aquela voz fez minha pele se arrepiar. – Estamos prontos para começar o ataque aos mundos Lorimare. Os portais fantasmas que iremos criar impossibilitarão qualquer contra-ataque ou resgate. Quando forem energizados, as coordenadas Lorimare usuais abrirão mundos fictícios sob nosso poder. Agora, com outro excelente Harker à nossa disposição, teremos todo poder de que precisamos para enviar a frota. O Imperador dos mundos Lorimare já está do nosso lado.

– Temos a Causa, Lorde Dogknife.

– Temos a Vontade, Lady Indigo. Quanto tempo até vocês atracarem aqui?

– Não menos de doze horas.

– Muito bem. Vou preparar uma tina para o Harker.

Ela olhou para mim e sorriu, e meu coração pulou no meu peito e cantou como um cardeal na primavera.

– Gostaria de guardar uma lembrança desse Harker – disse ela. – Talvez uma mecha de cabelo ou um osso do dedo.

– Darei ordens para isso. Agora, tenha um bom dia. – E o homem tatuado fechou os olhos. Quando os abriu de novo, disse com a própria voz: – Ai, isso me deixou com uma dor de cabeça de matar. Como estava o Dogknife?

– Ótimo – disse ela. – Ele está planejando nosso ataque aos mundos Lorimare.

– Antes ele do que eu – comentou Scarabus e esfregou a têmpora. – Ai. Acho que vou dar uma volta lá em cima no convés. Respirar ar puro.

Ela assentiu.

– Sim. Passei as últimas horas lá embaixo na sala de mapas, sentindo o cheiro de cebolas cruas e queijo de cabra da comida do capitão. – Ela olhou para mim.

– Mas não quero deixar o Harker aqui.

Scarabus encolheu os ombros azuis e vermelhos.

– Traga-o junto.

Ela assentiu e disse:

– Muito bem. Só me dê um minuto. – Entrou no pequeno banheiro cor-de-rosa e fechou a porta.

O homem tatuado olhou para mim.

– Pobre criatura – observou ele. – Como um cordeiro indo para o matadouro.

Lady Indigo não tinha me dito para falar, então eu não disse nada.

Alguém bateu na porta da cabine. Scarabus a abriu. Não pude ver o que aconteceu em seguida, porque a porta bloqueou minha visão. Mas ouvi uma pancada, alguém arfando, e Scarabus desabou no chão. O homem que entrou usava um chapéu, um casaco e tinha o rosto prateado.

Ele ergueu a mão para me cumprimentar. Então tirou o casaco e o chapéu. Ele estava coberto da cabeça aos pés por um tipo de traje prateado, como um homem vestindo um espelho. Ele rolou o Scarabus, inconsciente, para trás da cama e colocou o casaco em cima dele.

Eu conseguia ouvir a bica aberta. Sabia que milady Indigo estava lavando as mãos com o sabão com cheiro de rosas. Tinha de alertá-la de que o tal Jay estava lá e queria seu mal. Tentei falar, mas, como ela não tinha me dado permissão para tal, as palavras não saíram da minha boca.

Jay – se era ele mesmo o homem com o traje espelhado – levou a mão ao uniforme e ajeitou alguma coisa acima do coração.

O traje fluiu e mudou e...

Scarabus estava ali em pé diante de mim. Se eu não pudesse ver o pé do verdadeiro homem tatuado aparecendo sob o casaco do outro lado da cama, teria achado que Jay era mesmo ele. A ilusão era muito boa.

Milady Indigo saiu do banheiro.

*Diga-me para falar*, pensei, implorando a ela, *me diga para falar, e vou avisá-la que está em perigo. Este não é seu amigo. Sou a única pessoa que realmente se preocupa com você e não posso alertá-la.*

– Certo – disse ela. – Vamos subir até o convés. Como está sua dor de cabeça?

O homem que se parecia com Scarabus deu de ombros. Imaginei que o traje

não funcionava para as vozes. Lady Indigo não insistiu. Ela se virou e saiu do quarto.

– Siga-me, escravo Harker, e fique por perto – ela me chamou.

Eu a segui até o convés, pois não podia nem pensar em desobedecê-la. (O Joey enterrado no fundo de mim podia – ele não parava de berrar e gritar que eu devia resistir, correr, *qualquer coisa*. Continuei andando. As palavras dele não significavam nada para mim.)

Acima de nós, campos estelares giravam, piscavam e espiralavam. Neville, o homem água-viva, correu em nossa direção assim que nos viu.

– Chequei todos os instrumentos e presságios – anunciou ele, de forma arrogante, com sua voz de suga-lama – e consultei o astrolábio, e todos dizem o mesmo: temos um clandestino a bordo. Uma presença estranha chegou ao *Lacrimae Mundi* há cerca de uma hora. Bem quando eu disse que senti algo na boca do estômago.

– Isso sim que é um estômago poderoso – disse o homem-espelho com a voz de Scarabus. Então eu tinha me enganado; o traje podia imitar as vozes também.

– Vou ignorar esse comentário – retrucou o homem água-viva para Scarabus.

– Que tipo de clandestino, Neville? – perguntou Lady Indigo.

– Pode ser alguém enviado por Zelda Graciosa para pegar o Harker, para que eles fiquem com todo o crédito – disse Scarabus. – Você sabe o quanto ela a odeia. Se Zelda levar seu Harker de volta para BRUX, isso lhe daria uma vantagem.

– Zelda. – Lady Indigo fez uma careta, como se estivesse comendo alguma coisa e acabasse de descobrir que eram vermes.

Neville se abraçou com suas mãos de água-viva e parecia infeliz.

– Ela quer minha pele – reclamou ele. – Há anos quer fazer um casaco para se exibir e ainda assim ficar aquecida.

Antes que ele pudesse continuar, Scarabus – Jay fingindo ser Scarabus – estreitou os olhos em minha direção.

– Milady, como sabe que esse ainda é seu Harker? – indagou ele. – E se ele tiver sido trocado? Eles podem já ter levado o garoto embora e deixado algo para trás que só se parece com ele. Algum tipo de criatura enfeitiçada, talvez. Isso não é difícil de se fazer, mesmo aqui.

Lady Indigo franziu as sobrancelhas e olhou para mim. Então fez um gesto

no ar com uma das mãos enquanto cantava três notas claras.

– Agora, todo feitiço que estiver em você ou à sua volta será removido. – Deixe-nos ver o que realmente é.

Percebi que podia voltar a falar se eu quisesse.

Podia fazer qualquer coisa que desejasse.

Estava de volta no comando, e, nossa, como isso era bom.

– Certo, Joey – disse o Scarabus impostor, seu rosto e corpo voltando a ficar prateados.

– Jay? É você?

– É claro que sou eu! Vamos! – Então me colocou sobre os ombros e correu.

Já havíamos quase chegado à grade quando houve uma pequena explosão verde, como fogos de artifício, e Jay gemeu de dor. Virei a cabeça e olhei para seu outro ombro. A coisa espelhada que o cobria tinha sido queimada e desaparecera, expondo uma massa de circuitos e pele ensanguentada. Pude ver as imagens bizarras e distorcidas de Lady Indigo, Neville e Scarabus refletidas nas costas de Jay, que me soltou.

Estávamos contra a borda do navio e, do outro lado da amurada, eu podia ver... nada. Apenas estrelas, luas e galáxias, estendendo-se infinitamente.

Lady Indigo ergueu o braço. Uma pequena bola de fogo verde pairava na palma de sua mão.

Neville segurava uma espada imensa, de aparência horrível. Não sei de onde ela veio, mas brilhava e tremulava, assim como sua pele. Ele começou a caminhar em nossa direção.

Ouvi alguma coisa acima de nós e olhei para o alto. O cordame estava cheio de marujos, e todos ele tinham facas.

A coisa definitivamente não parecia nada boa.

Ouvi um barulho no convés.

– Não atire neles, milady! Cessar fogo! – O verdadeiro Scarabus veio tropeçando lá de baixo.

Ele era a última pessoa que eu esperava que fosse nos salvar.

– Por favor – pediu ele. – Permita-me. Isso pede algo especial. – Então estendeu um dos braços cobertos por tatuagem em direção a nós e levou a outra mão ao bíceps. Havia uma imagem indistinta de uma imensa serpente enrolada em seu braço. Eu tinha quase certeza de que, se ele tocasse aquela tatuagem, a

serpente se tornaria real, enorme... e sem dúvida alguma faminta.

Só nos restava uma opção, então foi o que fizemos.

Nós pulamos.

MUNDIÁRIO 2

Do Diário de Jay

*Quando paro para pensar, vejo que tomei uma série de decisões erradas. A pior foi resolver encontrar o garoto na frente da casa dos pais dele no mundo novo onde tinha ido parar.*

*Esperava que ele não fosse começar a Andar antes que eu o encontrasse. Mas a esperança não paga dividendos, como o Ancião diz. ("A esperança deve ser o último recurso; somente quando não se tem mais nada", ele nos disse uma vez. "Se tiver qualquer outra opção, então, pelo amor de Deus, FAÇA alguma coisa.") E Joey já tinha começado a Andar.*

*Não muito. Ele havia feito o que a maioria dos novos Andarilhos faz – entrou em um mundo no qual não estava. É mais difícil Andar em um mundo em que "você" já existe: Como polos magnéticos idênticos se repelindo. Ele precisava de uma saída, então foi parar em um mundo em que não existia.*

*O que quer dizer que precisei de mais quarenta minutos para localizá-lo, Andando de um plano a outro. Finalmente o localizei – ele estava em um ônibus, a caminho de casa. Ou o que ele achava que era sua casa.*

*E esperei do lado de fora. Achei que ele seria mais receptivo depois que visse o que o esperava lá dentro.*

*Mas, como o Ancião falou naquela manhã, ele deve ter acionado todos os alarmes possíveis quando começou a Andar.*

*E ele não estava em condições de conversar quando saiu da casa. O que significa que éramos alvos fáceis para os retiarii binários em seus Gravitrons, lançando suas redes por aí.*

*Dadas as alternativas, eu não sabia qual deles detestava mais: os Binários ou o pessoal da BRUX.*

*A BRUX ferve os jovens Andarilhos até reduzi-los às suas essências. Literalmente – eles nos colocam em caldeirões, como naqueles desenhos de canibais que saíam no jornal, e nos cercam com uma trama de feitiços e conjurações. Então nos reduzem a nada além da nossa essência – nossas almas, se preferir –, e depois a guardam em potes de vidro. E eles usam esses potes para fornecer energia aos seus navios e outros veículos em suas viagens pelos*

*mundos.*

*Os Binários tratam os Andarilhos de maneira diferente, mas não melhor. Eles nos resfriam até 273°C negativos, quase nada acima do zero absoluto, penduram-nos em ganchos para carne, então nos selam em imensos galpões em seu mundo de origem, com tubos e fios na parte de trás de nossas cabeças, e nos mantêm lá, não exatamente mortos, mas muito, muito longe de estarmos vivos, enquanto drenam nossa energia e a utilizam em suas viagens entre planos.*

*Se é possível odiar duas organizações igualmente, é isso que acontece comigo.*

*Então Joey tomou a atitude mais inteligente – inconscientemente, mas ainda assim inteligente – quando os mercenários binários apareceram. Ele Andou entre os mundos de novo.*

*Eliminei os três retiarii sem qualquer problema.*

*Depois tive de encontrá-lo de novo. E se tinha sido difícil da primeira vez... bem, agora ele tinha saído às cegas pelo Altiverso, abrindo caminho através de centenas de camadas de probabilidade, como se fossem lenços de papel. Como um elefante em uma loja de artigos chineses... ou alguns milhares de lojas de artigos chineses idênticas.*

*Então segui atrás dele. Outra vez.*

*É estranho. Eu tinha me esquecido como detestava essas Greenvilles mais modernas. A Greenville em que cresci ainda tinha lanchonetes drive-in que vendem hambúrguer, com garçonetes andando de patins, TV sem cores e O Besouro Verde no rádio. Essas Greenvilles tinham antenas parabólicas nos telhados das casas e pessoas dirigindo carros que pareciam ovos gigantes ou jipes com esteroides. Nenhum rabo-de-peixe entre eles. Tinham TVs em cores e videogames e home theaters e internet. O que não tinham mais era uma cidade. Nem mesmo tinham notado seu fim.*

*Cheguei a uma Greenville bem distante, e por fim o senti como um clarão em minha mente. Fui atrás dele e dei de cara com uma nau BRUX, com as velas enfunadas, desaparecendo em Lugar-Algum.*

*Eu o havia perdido. De novo. Provavelmente para sempre dessa vez.*

*Sentei-me no campo de futebol e pensei muito.*

*Tinha duas opções. Uma era fácil. Uma ia ser difícil para caramba.*

*Eu podia voltar e dizer ao Ancião que havia fracassado. Que a BRUX tinha*

*capturado um Joseph Harker que tinha mais energia para andar entre os mundos do que dez Andarilhos juntos. Que não era minha culpa. O assunto acabaria encerrado mais cedo ou mais tarde. Talvez ele me desse uma bronca, talvez não, mas eu tinha certeza que ele sabia que eu me cobraria muito mais por causa desse Andarilho do que ele. Essa era a fácil.*

*Ou eu podia tentar o impossível. É um longo caminho até a BRUX em um daqueles galeões. Eu podia tentar encontrar Joey Harker e seus captores em Lugar-Algum. É o tipo de coisa da qual fazemos piada lá na base. Ninguém nunca fez isso. Ninguém jamais poderia.*

*Eu não podia encarar o Ancião e dizer que tinha estragado tudo. Então era mais fácil tentar o impossível.*

*E foi o que fiz.*

*Andei até Lugar-Algum. E descobri algo que nenhum de nós sabia: Esses navios deixam um rastro. É quase um padrão, ou uma perturbação, nos campos estelares que atravessam voando. É bem fraco, e somente um Andarilho podia senti-lo.*

*Eu tinha que contar isso ao Ancião. Era importante. Eu me perguntei se os discos voadores binários deixavam rastros que poderíamos seguir pela Estática.*

*A única coisa que nós do EntreMundos tínhamos a nosso favor era isso: Podemos chegar a qualquer lugar bem antes deles. Enquanto eles levam horas ou dias ou semanas de viagem através da Estática ou de Lugar-Algum, podemos fazer isso em segundos ou minutos, através da Interzona.*

*Eu tinha que agradecer ao traje de combate, que minimizava o atrito do vento e o frio. Sem falar que me protegia das redes dos retiarii.*

*Vi o navio a distância, bandeiras da BRUX esvoaçando em meio ao nada. Eu podia sentir Joey como um farol em minha mente. Pobre garoto. Eu me perguntei se ele sabia o que lhe aguardava se eu falhasse.*

*Pousei no navio vindo de baixo e de trás e esperei um tempo entre o leme e o costado da popa. Eles deviam ter pelo menos dois magos importantes no navio e, embora o traje de combate pudesse me disfarçar até certo ponto, não esconderia o fato de que alguma coisa havia mudado. Dei a eles tempo suficiente para procurar pelo navio e não encontrar nada. Então entrei por uma das escotilhas e segui o rastro até onde estavam mantendo o garoto.*

*Estou gravando isso na Interzona no caminho de volta para base. Assim será*

*muito mais rápido e fácil preparar o relatório da missão amanhã.*

*Nota para o Ancião: Quero os dois dias de folga quando tudo isso terminar. Eu mereço.*

# CAPÍTULO SEIS

BEM, PARA SER CEM por cento sincero, não fomos “nós” que pulamos exatamente. Jay pulou, e ele estava segurando meu casaco, então não tive muita escolha. Minha saída foi mais no estilo dos Três Patetas do que de Errol Flynn. Eu provavelmente quebraria o pescoço quanto aterrissássemos.

Só que nós não aterrissamos.

Não havia *onde* aterrissar, então continuamos caindo. Olhei para baixo e pude ver lampejos de estrelas brilhando através da tênue neblina abaixo de nós. Nesse instante houve uma explosão verde que nos arremessou para a direita, mas felizmente não nos causou nenhum dano porque estava muito distante. O navio encolheu rapidamente para o tamanho de uma tampinha de garrafa e então despareceu na escuridão acima de nós. E Jay e eu caímos depressa em direção à escuridão abaixo.

Você sabe como os paraquedistas descrevem com entusiasmo que a queda livre é como voar? Percebi naquele momento que eles tinham que estar mentindo. É como cair, isso sim. O vento grita em seus ouvidos, entra na sua boca e no seu nariz, e você não tem nenhuma dúvida de que está caindo em direção à morte. Existe uma razão para isso se chamar “velocidade terminal”.

Aquele não era um salto de paraquedas, e não estávamos perto da Terra ou de qualquer outro planeta que eu pudesse ver, mas definitivamente continuávamos caindo, caindo, caindo. Já devíamos estar naquela havia uns bons cinco minutos quando Jay agarrou meus ombros e gritou alguma coisa em meu ouvido, mas, mesmo seus lábios estando a mais ou menos dois centímetros da minha orelha, não consegui ouvi-lo.

– *O quê?* – gritei de volta.

Ele me puxou ainda mais para perto e gritou:

– *Há um portal abaixo de nós! Ande!*

A primeira e última vez em que tentei andar no ar foi quando tinha cinco anos

– eu caminhava alegremente quando caí da beirada de um muro de concreto de quase dois metros de altura e ganhei uma clavícula quebrada de presente. Dizem que gato escaldado tem medo de água fria, e acho que há um pouco de verdade nisso porque, com certeza, nunca mais tinha tentado voar.

Até aquele momento, em que eu não tinha muita escolha.

Jay obviamente podia imaginar o que eu estava pensando.

– Ande, irmão, ou vamos cair por Lugar-Algum até o vento arrancar nossa pele dos ossos! *Ande!* Não com suas pernas... com a *mente!*

Eu tinha tanta ideia de como fazer o que ele estava dizendo quanto um sapo-boi saberia grasnar o *Quebra-Nozes*. Mas ele estava bem certo de uma coisa – de que não parecia haver outra saída daquela situação difícil. Respirei fundo e tentei focar minha mente.

Não ajudava o fato de eu não ter a menor noção do que estava tentando focar.

– Ande! – gritou Jay com autoridade.

Mas para andar eu precisava de algo sólido *sobre o qual* andar. Então foi nisso que me concentrei – meus pés pisando o chão sólido.

A princípio nada mudou. Então notei que o vento que assobiava vindo de baixo começou a diminuir. Ao mesmo tempo, a neblina ficava mais espessa. Eu já não podia mais ver as estrelas acima de nós. E havia uma estranha luminescência que parecia vir da neblina que agora nos cercava.

Estávamos flutuando mais do que caindo agora. Era como cair em um sonho, e não surpreendemos quando tocamos o que parecia ser uma nuvem.

Imagino que Jay tivesse feito coisas mais estranhas na vida dele, por isso ele aceitou tudo aparentemente tão bem. Quanto a mim, eu apenas tinha atingido um ponto de saturação, só isso. Considerando o que eu havia passado hoje, enfim chegava à conclusão de que tudo aquilo só tinha acontecido na minha cabeça, que de algum jeito eu tinha queimado a placa mãe do meu cérebro e que, naquele momento, eu devia estar usando uma jaqueta de lona que dava a volta em meu corpo e tinha cadeados no lugar de botões. Muito provavelmente tinham me trancado no sanatório de Rook’s Bay, e estava sentado num quarto muito macio, com uma comida muito macia. Uma perspectiva bem deprimente, mas com um lado positivo – nada mais podia me surpreender.

Esse pensamento me deu um pouco de conforto por mais cerca de dois minutos... e então as neblinas se dissiparam completamente, e vi onde

estávamos.

Eu tinha visto de relance esse... lugar? condição? estado de espírito?... quando Jay viera através daquela fenda no ar para me encontrar. Era a mesma coisa, só que agora estávamos nela.

– Muito bem, Joey – disse Jay. – Você nos trouxe para cá. Você conseguiu.

Eu observava tudo, me virando devagar. Havia *muito* o que ver.

Não estávamos mais numa nuvem. Eu estava de pé em um caminho roxo que serpeava, aparentemente sem apoio, e se estendia até... o infinito. Não havia horizonte – onde quer que estivéssemos, o lugar parecia não ter fronteiras. A distância simplesmente se perdia em mais distância. Jay estava ao meu lado em uma faixa magenta que se desenrolava na mesma direção, e que às vezes passava por baixo, outras, por cima do meu caminho. As cores eram vívidas, e os dois caminhos tinham o brilho de espuma plástica tingida.

Mas não era só isso, nem a milésima parte.

No mesmo nível dos meus olhos e a cerca de um metro de distância havia uma figura geométrica, maior que minha cabeça, que batia e pulsava, apresentando ora cinco, ora nove, ora dezesseis lados. Eu não saberia lhe dizer do que ela era feita, assim como não seria capaz de explicar por que ela fazia o que estava fazendo. Imagino que se poderia dizer que era feita de *amarelo*, porque era a cor de que estava saturada. Eu a toquei, com cuidado, com um dedo. Tinha a textura de linóleo.

Olhei em outra direção – e só tive tempo de me abaixar quando *alguma coisa* passou girando e zumbindo por mim enquanto desviava e se perdia no caos circundante. Um instante depois caiu em uma poça do que parecia mercúrio – só que era da cor de canela e ficava em um ângulo de 45 graus com relação à faixa em que eu estava. As ondas e gotas que espirraram de lá foram desacelerando enquanto se espalhavam, até congelarem.

Esse tipo de coisa acontecia em todo lugar ao nosso redor, sem parar. O que parecia uma boca estilizada se abriu no ar, não muito longe de Jay, bocejando de tal maneira que seus lábios se dobraram para trás e a coisa engoliu a si mesma. Olhei para baixo e vi que sob meus pés o caos continuava: formas geométricas vagavam e giravam, mudando para formas diferentes ou se fundindo em outras; cores pulsavam; o ar carregava aromas de mel, terebintina, rosas... era como uma obra 3D fruto da colaboração entre Salvador Dalí, Picasso e Jackson Pollock.

Com uma dose generosa de Hieronymus Bosch e aqueles desenhos antigos sensacionais da Warner Bros. junto para completar.

Percebi que não adiantava alegar insanidade. Eu realmente não estava deitado em uma maca vendo um filme em minha mente, enquanto esperava algum doutor colocar um bastão acolchoado em minha boca e mandar volts suficientes ao meu cérebro para reviver o monstro Frankenstein. Não. Aquilo era *real*. Tinha que ser. Ninguém, lúcido ou insano, podia imaginar tudo aquilo.

Não eram só meus olhos que estavam impressionados. Havia uma contínua cacofonia – coisas rangendo, sinos tocando, fendas bocejando, buracos mastigando... Parei de tentar identificar todos os sons, assim como desisti de tentar ver tudo o que acontecia. Eu precisaria de olhos não só atrás da cabeça, mas no alto dela e nas solas dos meus sapatos também.

E os cheiros! Fiquei zonzo com um aroma forte de hortelã, seguido de um cheiro de cobre quente. A maioria deles eu não conseguia identificar. Uma parte substancial do que eu via, ouvia e sentia era sinestésica – eu podia ouvir cores, ver gostos. O velho sr. Telfilm que morava na minha rua dizia que era sinestésico, e não se cansava de falar, a todos que quisessem ouvir, como era forte o cheiro do céu ou como o gosto de massa era turquesa e soava em dó bemol. Agora, finalmente, entendo o que ele queria dizer.

Percebi que Jay tinha segurado meu braço com o seu bom e o sacudia.

– Joey! Ouça-me... precisamos continuar seguindo. Você não tem um traje protetor. Não duraria muito tempo na Interzona assim.

– Na o quê?

Com relutância desviei minha atenção do que parecia ser um conjunto de imagens gráficas realmente incríveis – torres imensas que se formavam do nada e se erguiam, para depois se fundir em lagos de mercúrio e começar tudo de novo. Jay me pegou e me encarou com firmeza com seus olhos de metal.

– Precisamos ir! Não posso nos levar de voltar à base principal do EntreMundos com meu braço ruim assim. A dor me desconcentra muito, e qualquer remédio que eu tomar dificultará minha concentração. Você terá que achar o caminho.

Olhei para ele totalmente perplexo. A mais ou menos quinze metros de distância, um trapezoide perseguiu e encurralou um romboide menor, então o “comeu”, fluindo tranquilamente ao redor dele. Logo acima de mim, uma janela

comum de batente surgiu de repente do nada, aberta e com as cortinas recolhidas, revelando uma imensa escuridão de onde saíam gritos queixosos, gemidos e choros. Ou era a janela aberta do Inferno, concluí, ou um olhar dentro da minha própria mente àquela altura.

Eu não sabia o que era pior.

– Como posso achar o caminho através dessa... dessa... do que você a chamou?

– A Interzona – disse Jay, a voz abafada pela máscara de metal, enquanto segurava o braço machucado com o outro. A ferida não sangrava muito, mas definitivamente parecia precisar de mais do que alguns Band-Aids. – São as dobras intersticiais entre os vários planos da realidade. Chame de "hiperespaço" ou "buraco de minhoca", se quiser. Ou são os espaços escuros entre as circunvoluções em seu cérebro ou o lugar onde o mágico esconde o coelho antes de tirá-lo da cartola. OK? Realmente não importa como você a chama... o que importa é atravessá-la e voltar à base principal do EntreMundos. É isso que você tem que fazer, Joey.

– Você realmente escolheu o cara errado – tentei avisá-lo. – Eu não conseguiria achar as costas da minha mão nem se você escrevesse instruções na palma.

– Porque seu talento não reside em navegar os planos... mas em navegar *entre* eles... E é onde estamos agora. Preste atenção – continuou ele, me ignorando quando tentei interromper. – A Interzona é um lugar perigoso. Existem... criaturas... que vivem aqui, ou em parte aqui. Nós os chamamos de fovimais. É um acrônimo, FVM significa formas de vida multidimensionais. O que é meio um rótulo sem sentido, eu sei... somos todos formas de vida multidimensionais, certo? Só que você e eu podemos apenas nos mover livremente em três dimensões e linearmente em uma quarta, enquanto eles têm total liberdade em quem sabe quantas. Incluindo, em muitos casos, a quarta.

A maior parte do que ele dizia estava tão acima da minha cabeça que eu temia pelo tráfego aéreo local. Mas eu já tinha visto reprises de *Além da imaginação* e sabia o que era a quarta dimensão.

– Você quer dizer que eles podem viajar no tempo?

– Acreditamos que alguns podem sim. É difícil dizer, porque há uma certa flexibilidade temporal entre os planos que pode afetar a todos nós. Você aprende

a compensar isso quando Anda... Caso contrário pode ficar um mês em um mundo e descobrir que apenas alguns dias se passaram em outro. Fica logo muito confuso, então tentamos tirar vantagem disso somente quando é absolutamente necessário.

“Mas isso não é importante agora. O que quero dizer é... os fovimais... fique longe deles. Não são inteligentes, mas podem ser perigosos. Em geral ficam na Interzona, mas alguns deles sabem como se espremer para fora dali em direção aos diversos mundos, como uma pasta de dente polidimensional.”

Eu me sentia sobrecarregado com tudo aquilo, e me perguntava quanto do que Jay me dizia era verdade e até que ponto estava só me provocando.

– Certo. Agora você vai me dizer que eles são os responsáveis por todas as lendas de fadas, duendes, e coisas assim – falei. Esperava que Jay fosse rir, mas ele balançou a cabeça.

– Não, isso geralmente é coisa dos exploradores da BRUX. Batedores binários costumam ser vistos como “homens cinzentos” e todas aquelas bobagens de Roswell. Mas acho que algumas das histórias sobre demônios provavelmente tiveram início com os fovimais. Você vai aprender isso em seus estudos básicos do Altiverso. Tudo o que importa agora é garantir que não iremos nos deparar com nenhum deles e sair do caminho se isso acontecer. – Ele me segurou, me virou e me empurrou. – O que está esperando? Já levei sustos suficientes por hoje, e essa queimadura BRUX está começando a *doer*. Quero um banho quente e muito analgésico na veia. Então tire a gente daqui, Andarilho! Você sabe o caminho! Depressa!

Comecei a lhe dizer de novo que ele estava com o cara errado, mas então parei. Olhei para nossa frente, para aquele panorama louco de Mandelbrot chamada Interzona, e de alguma forma percebi que ele tinha razão.

Eu *sabia* mesmo o caminho.

Eu não sei como sabia – nem mesmo sei como sabia que sabia. Mas a rota estava lá, clara e brilhante, na minha cabeça. Não era uma ilusão dessa vez. Agora era pra valer.

Ao mesmo tempo em que entendi isso, percebi outra coisa: Jay estava certo sobre os fovimais. Havia criaturas por ali que nos engoliriam de uma só bocada e usariam nossos ossos das pernas como palitos de dentes. Eu não queria dar de cara com nenhum deles, e quanto mais tempo ficássemos na Interzona, maior era

o risco de isso acontecer. Eles podiam nos rastrear com sentidos para os quais não temos nem nomes.

Comecei a me mover e Jay me seguiu. Ele pulou para meu caminho roxo e ficamos nele durante um tempo, nos abaixando sob fitas de Möbius ondulantes e garrafas de Klein pulsantes. A gravidade – ou qualquer que fosse a força que nos mantinha no caminho – parecia ser intermitente. Quando percebi que havia chegado a hora de deixar a rampa roxa, vi que a única forma de fazer isso era saltar dali. Foi preciso coragem, devo dizer. Era como se eu estivesse pulando em um abismo que fazia o mergulho que demos para fora do navio parecer insignificante. Mas o caminho estava bem claro em minha mente, então prendi a respiração e dei um passo adiante.

Meu estômago tentou escapar pela minha garganta enquanto toda a Interzona girava noventa graus em várias direções ao mesmo tempo – então “embaixo” já não era mais embaixo. Flutuei entre as formas geométricas que vagavam por ali indolentemente, passando ao lado do que parecia um armário aberto por onde se entrevia uma porta interna que levava a uma maravilhosa paisagem banhada pelo sol, e continuei seguindo o mapa na minha cabeça em direção a um tipo de vórtice.

Jay estava logo atrás de mim. Não era um estado real de ausência de peso – surpreendentemente, considerando o que havia à nossa volta –, porque eu tinha lido em algum lugar que tentar nadar em gravidade zero não o levava a parte alguma rapidamente; todos os movimentos eram neutralizados. Era preciso dar impulso apoiando com as mãos e os pés ou, melhor ainda, ter algum tipo de propulsão.

Não tínhamos nenhuma dessas coisas, e ainda assim velejávamos bem, aparentemente impelidos por nada mais do que retidão inata. Mas comecei a ficar nervoso quando percebi que nossa rota seguia para aquele redemoinho preguiçosamente torvelinhante ou turbilhão ou tornado ou qualquer que fosse o nome – você logo fica sem palavras na Interzona.

Jay vinha logo atrás e, quando parei – o que exigiu apenas que eu pisasse mentalmente nos freios –, bateu de leve em mim.

– Qual é o problema, Joey?

– Esse é o problema. – Apontei para o funil giratório, percebendo então que eu não tinha a mínima ideia do que aquilo era feito. O que não era surpresa; eu

não sabia a composição de noventa por cento das coisas na Interzona. Matéria escura, provavelmente – isso explicaria muita coisa. Não é?

Mas eu não ligava se era feito de pudim de tapioca. Eu não tinha a menor vontade de mergulhar de cabeça naquele funil. Deveria haver maneiras mais fáceis de se chegar a Oz.

Jay olhou “para baixo” no funil, que parecia se estender infinitamente lá para dentro, as convoluções faiscando de vez em quando como se fossem raios.

– A saída é por aqui?

– Eu... sim. É sim. – Não havia sentido em tentar suavizar as coisas. Só faltava ter uma grande placa ali em neon piscando “SAÍDA”.

Jay disse então, com aquela voz enlouquecedoramente familiar:

– Algumas coisas são sempre iguais, não importa o mundo em que se esteja, garoto. Uma delas é: a maneira mais rápida de sair de alguma coisa geralmente é passando através dela. – E com isso ele passou flutuando por mim e mergulhou no vórtice.

Ou caiu ou foi sugado; de um jeito ou de outro, foi bem rápido. Seu corpo pareceu diminuir de tamanho mais depressa do que deveria – havia um aspecto estranho de perspectiva forçada de que eu não gostava nem um pouco. E se fosse algum tipo de singularidade? Tudo o que restaria de Jay – e de mim se eu o seguisse – seria um rastro infinito de partículas subatômicas, como um longo cordão de contas.

Mas parecia que minha única opção era ficar ali na malucolândia, e aquela não era uma alternativa real viável. Jay havia salvado minha vida, e eu tinha que, pelo menos, tentar retribuir o favor.

Respirei fundo o que quer que se chamasse de ar na Interzona e mergulhei.



# CAPÍTULO SETE

CAÍ DE UM PEDAÇO cintilante de céu a uns dois metros do chão. Jay teve o bom senso de rolar para fora do caminho quando aterrissou, e atingi o solo forte o bastante para ficar sem ar.

Jay bateu nas minhas costas, para ter certeza de que minha traqueia não estava obstruída, então se sentou de pernas cruzadas ao meu lado e esperou. Depois de alguns minutos meus pulmões se lembraram de como funcionavam e voltaram ao trabalho, ainda que de má vontade.

Jay esperou minha respiração se normalizar, então me estendeu um pequeno cantil. Não sei onde ele o guardava – traje espelhado ficava tão justo que não parecia haver espaço nem para uma caixa de fósforos. Olhei para o cantil meio desconfiado, depois o devolvi.

– Obrigado, mas não bebo.

Ele não pegou o cantil.

– Agora pode ser uma boa hora para começar. Há muita coisa que você precisa saber, e algumas não serão nada fáceis de ouvir. – Ao ver que continuei não aceitando, ele disse: – Estou falando sério, Joey. Você ainda não teve tempo de absorver o choque; mas ele está vindo como se fosse um trem de carga e você estivesse amarrado aos trilhos. – Então uma ideia pareceu lhe ocorrer; ele se inclinou para a frente e me encarou por trás daquela máscara oval prateada sem imagem. – Espere um minuto... você acha que isso aqui tem álcool?

Quando assenti, ele caiu na risada.

– Pelo Arco, isso é muito engraçado. Joey, confie em mim... Esta coisa se parece com álcool tanto quanto a penicilina a uma poção mágica. Por que alguém em sã consciência beberia um veneno teratogênico quando há tantas outras maneiras de produzir moléculas etílicas que não tenham efeitos colaterais devastadores?

Ele abriu o cantil, ergueu-o num brinde e tomou um gole. O que me fascinou

foi ele não ter tirado aquela máscara sem feições – o líquido dourado fluiu *através* dela, passando por uma membrana transparente na metade inferior. Pareceu rodopiar sob a metade inferior de uma membrana transparente – a bebida dourada se misturando com o que quer que fosse aquela coisa prateada em padrões Rorschach – e então esvaneceu. Depois ele me entregou o cantil mais uma vez e, dessa vez, tomei um gole.

Quando eu me aposentar, não se preocupem em me dar uma pensão – apenas me deixem ter uma pequena taberna em um mundo em algum lugar no meio da abertura do Arco, com uma licença para vender essa coisa. O líquido aliviou minha garganta e acalmou meu estômago tão suavemente como se tivesse estado lá a vida inteira, e dali irradiou uma sensação de relaxamento, força e confiança por todo meu corpo, me fazendo sentir como o último filho de Krypton. Eu queria pular um prédio alto de um único salto, fazer malabarismo com fuscas e propor uma teoria do campo unificado – e então passar para algo que fosse realmente desafiador. O que eu fiz foi passar o cantil de volta para Jay.

– Uau.

– Desce suave – concordou Jay. – Existe um mundo perto da fronteira da Hegemonia BRUX onde há um lago, e no lago, uma ilha, e nessa ilha, uma árvore. A cada sete anos essa árvore dá frutos, e no EntreMundos é considerada uma grande honra uma equipe ser escolhida para Andar até lá e voltar com cestas cheias de suas maçãs, que são o ingrediente secreto deste pequeno tônico. – Ele se levantou. – Volto logo. Vou ali tirar água do joelho. – Então andou uns trinta metros mais ou menos e ficou de pé de costas para mim.

Perguntei-me por que ele não tinha ido atrás de uma rocha. Quando olhei em volta pela primeira vez desde que tinha caído da Interzona, percebi que não havia nenhuma rocha grande o bastante. Estávamos no meio de uma planície empoeirada que se estendia até o horizonte em todas as direções. Uma cadeia de montanhas distantes cercava a planície, transformando-a na tigela de ponche dos deuses. Eu me perguntei o calor que devia fazer ali, e olhei para o céu, procurando pelo sol.

Não havia sol.

Não havia céu, na verdade. Em seu lugar, cores rodopiavam e fluíam como óleo na água, um show psicodélico de luz que se estendia de horizonte a horizonte. Não havia uma única fonte de luz, mas ainda assim tudo estava

iluminado por alguma radiação sutil, que não era possível localizar de onde vinha.

Dei uma olhada em Jay. Agora ele parecia falar com alguma coisa que trazia na mão. Um gravador, provavelmente. De vez em quando alguns pedaços de palavras chegavam até meus ouvidos, mas nada que desse para entender. Isso me deixou meio inquieto – ele estava gravando o que eu tinha feito como prova para alguma espécie de tribunal não oficial? Será que era mesmo meu amigo? Claro, ele tinha salvado minha vida, mas será que era só para que seu grupo ficasse comigo e não o de Lady Indigo? Eu parecia ser uma propriedade bem valiosa – ainda que não entendesse o por quê. Durante toda minha vida escolar, eu sempre era o último a ser escolhido para os times. Até mesmo valentões como Ted Russell só me atormentavam como último recurso, depois de terem batido em todos os outros.

Dei de ombros tentando afastar a paranoia momentânea. Eu confiava em Jay. Não tinha bem certeza do motivo. Mas havia alguma coisa nele que me inspirava isso.

Depois de mais alguns instantes, ele voltou.

– OK, puxe uma pedra, porque isso vai demorar – comentou ele, seguindo o próprio conselho. – Vamos começar em linhas gerais e depois entraremos em detalhes.

– Por que não começar do começo? – sugeri.

– Dois motivos. Em primeiro lugar: não há um começo verdadeiro para essa história e provavelmente não há fim também. E em segundo: a história é minha e irei começá-la de onde bem entender.

Não parecia haver nenhum argumento que eu pudesse usar, então me recostei numa pedra e esperei.

– Você não poderia tirar essa máscara?

– Não. Ainda não. OK, o cenário todo é o que chamamos de Altiverso. Que não deve ser confundido com Multiverso, que significa toda a infinidade de universos paralelos e todos os mundos contidos neles. O Altiverso é a fatia do Multiverso que contém toda a miríade de planetas Terra. E existem *vários* deles. – Ele fez uma pausa, e tive a sensação de que franzia o cenho para mim. – Você entende de diferenciação quântica? O Princípio da Incerteza de Heisenberg? Linhas de mundo múltiplas?

– Hã... – Tínhamos tocado no assunto na aula de ciências do sr. Lerner, e eu me lembrava de ter lido um artigo no site da *Discover*. Além disso, eu havia visto aquele episódio do *Star Trek* clássico em que Spock tinha uma barba e a *Enterprise* estava cheia de piratas espaciais. Mas, somando tudo isso, eu sabia pouco mais que o gato da família.

E foi tudo o que eu disse; Jay balançou o braço num gesto de que aquilo não importava.

– Deixa pra lá. Você vai assimilar o que precisa saber... osmose cultural. O que precisa lembrar é que certas decisões, aquelas importantes, capazes de criar grandes repercussões no fluxo do tempo, podem fazer mundos alternativos se fragmentarem em espaço-tempo contínuos divergentes. Lembre-se disso, ou vai acabar paralisado toda vez que tiver de fazer uma escolha: O Altiverso *não* vai criar um admirável mundo novo baseado em sua decisão de usar meias verdes hoje em vez de vermelhas. Ou se criar, esse mundo só irá durar poucos femtossegundos antes de ser reciclado de volta à realidade da qual ele se separou. Mas se seu presidente está tentando decidir se bombardeia ou não algum desses caras loucos por guerras do Oriente Médio, acabarão acontecendo as duas coisas, porque dois mundos são criados onde antes havia um. É claro, a Interzona os mantém separados, então ele nunca vai saber.

– Espere um minuto... Parece que você está tentando dizer que a criação de novos mundos alternativos é uma decisão *consciente*.

– Não estou *tentando* dizer isso... Foi o que acabei de dizer. Ou você não estava prestando atenção?

– Mas a consciência de quem? De Deus?

Jay deu de ombros, e as cores líquidas do céu correram por seus ombros brilhantes.

– É Física, não Teologia. Chame do que quiser... Deus, Buda, Monstro do Espaguete Voador, Primeiro Motor. A totalidade de tudo. Eu não ligo. A consciência é um fator em *todo* aspecto do Multiverso. A matemática quântica precisa de um referencial, ou não funciona. Apenas tente se lembrar de não confundir consciência com ego. São duas coisas completamente diferentes. E, das duas, o ego é a única descartável.

Eu queria perguntar mais coisas sobre aquele assunto, mas ele já seguia em frente.

– Pense naquela fatia do Multiverso como um arco... com várias dimensões extras, é claro. – Fazia gestos como se estivesse estrangulando uma cobra. – Em cada extremo do arco estão os mundos de origem de duas hegemonias, impérios que controlam, cada um, uma pequena porcentagem das Terras individuais no arco. Um deles nós chamamos de Binários. Eles usam tecnologia avançada, e por "avançada" quero dizer em comparação com o que a maioria das outras Terras já desenvolveu, para viajar pelo arco, conquistando tudo à medida que passam. Você quase encontrou dois representantes deles naquela Terra pela qual Andou... aqueles caras nos discos voadores que lhe falaram que "é inútil resistir". Eles adoram dizer coisas desse tipo. O outro império se autointitula de BRUX, e sua artilharia se baseia em magia... feitiços, talismãs, sacrifícios...

– Opa. – Levantei as mãos espalmadas formando um T, o gesto para pedir tempo. – Espere aí. *Magia?* Do tipo "abracadabra", "hocus-pocus"?

A linguagem corporal de Jay indicava irritação, mas seu tom era paciente.

– Bem, na verdade nunca ouvi nenhum deles *dizer* "hocus-pocus", mas, sim, essa é a ideia geral.

Eu sentia como se meu cérebro estivesse vazando pelas orelhas.

– Mas isso não é...

– Possível? Você parecia acreditar bastante quando o tirei do *Lacrimae Mundi*.

Abri a boca, mas depois decidi fechá-la de novo quando notei que não saía nada. Jay se reclinou como se estivesse aliviado.

– Ótimo. Por um momento achei que você ia bancar o racional comigo. Lembre-se sempre: em uma infinidade de mundos, tudo não só é possível, como *obrigatório*. Continuando: os Binários e o pessoal da BRUX travam uma luta, tanto aberta quanto oculta, pelo controle absoluto do Altiverso. Dedicam-se a isso há séculos, fazendo um progresso bem lento em razão da clara magnitude da tarefa. Acho que o último censo que interceptamos indicava algo na casa dos vários bilhões de trilhões de Terras... com outras surgindo do vácuo mais rápido do que bolhas no champanhe.

"O Conselho dos Treze governa a BRUX, e os Binários são comandados por uma inteligência artificial que se chama de 01101. Os dois têm o mesmo objetivo: governar a coisa toda. O que eles se recusam a aceitar é que o Altiverso funciona melhor quando as forças da magia e da ciência estão em equilíbrio. E é

aí que o EntreMundos entra.”

– Você mencionou isso, ou eles, antes.

– Certo. É para quem trabalho... é para lá que você está nos levando.

Ele se deteve a fim de respirar. Eu tinha mais perguntas do que havia Terras, mas, antes que pudesse fazê-las e que ele voltasse a falar, ouvimos algo rugir.

Era um som distante, diferente de tudo que eu já tinha ouvido antes – mas era definitivamente o som de um predador, e provavelmente um grande o bastante para encarar a gente como se fôssemos o prato especial do dia. Jay ficou de pé num pulo.

– Vamos – disse ele. Mesmo com a máscara, Jay parecia nervoso. – Este mundo ainda fica próximo à fronteira da Interzona, e isso é perto demais para mim.

Começamos a caminhar em ritmo acelerado pelo terreno seco e rachado do vale. Eu me perguntava por que tinha ficado assim. A temperatura era confortável, até mesmo revigorante – eu diria algo em torno de vinte graus. Olhei para aquele céu fervilhante e ele já não era mais algo bonito. Eu tinha a sensação de que aquelas cores poderiam desabar sobre nós a qualquer momento, como chumbo fervente caindo em cascata das muralhas de um castelo. Estremeci e andei um pouco mais depressa.

Uma coisa boa sobre aquele lugar é que nada poderia escapar da nossa vista. Mesmo assim, eu não gostava nada dali. Estávamos expostos como ratos em um rinque de hóquei. Caminhávamos e caminhávamos, mas aquelas montanhas não pareciam se aproximar nunca.

Então, de relance, notei algo colorido com o canto do meu olho.

Olhei para o lado e vi algo que me fez parar. À primeira vista, parecia uma imensa bolha de sabão – quer dizer, grande, do tamanho de uma bola de basquete – flutuando de uma enorme fissura no solo. Mas ela só voou até uma certa altura, depois parou e ficou balançando de um lado para o outro, como uma balão tentando escapar da corda que o prende.

– O que é aquilo? – perguntei.

Jay virou a cabeça prateada para a bolha. Eu estava distante o suficiente para ver meu corpo inteiro refletido ao longo da curva de sua bochecha e do maxilar.

– Não faço a menor ideia. Nunca vi nada assim. Mas deve ser algum tipo de fovimal, ou seja, é melhor acreditar que ele é perigoso e que precisamos sair

depressa daqui.

Ele voltou a caminhar, e, depois de olhar uma última vez para a bolha – *que parecia estar viva* –, me virei para seguir Jay.

Ouvi um som de chocalho em algum lugar ao longe. Aquilo me fez pensar em cascavéis ou em alguém arrastando uma grande corrente sobre as rochas.

Virei-me para dar uma olhada, porque o barulho vinha de trás. Não vi nada que fosse capaz de produzir aquele som. O que vi foi a pequena bolha se esticando de modo frenético para um lado e para o outro, como se tentasse escapar. Sua superfície esférica pulsava rapidamente com diversas cores – a maioria tons escuros de vermelho e laranja, variando para o roxo.

A bolha estava assustada. Eu não tenho certeza como sabia, mas era bem claro para mim que aquela coisa passava por algum tipo de angústia.

Eu me virei e segui em direção à fissura.

Ouvi Jay gritar atrás de mim:

– *Joey! Não faça isso! Volte aqui!*

– Acho que ele está em apuros! – gritei em resposta. – Não é perigoso. – E continuei andando.

Parei perto da fissura, que estava mais perto e era maior do que eu pensava. Agora eu conseguia ver que a criatura-bolha estava presa de alguma forma às rochas na beira do abismo por uma fina linha de protoplasma ou ectoplasma ou coisa parecida.

– *Joey! Aquela coisa é um ser da Interzona! Um fovimal! Volte aqui agora!*

Fingi que não o escutava.

A corda era transparente e fina, como uma linha de saliva. Não parecia que seria muito difícil cortar e libertar a pequena criatura-bolha.

– Ele está preso! – gritei para Jay. – Acho que consigo libertá-lo.

Jay vinha em minha direção. Se eu fosse fazer aquilo, teria que ser rápido. Estendi a mão e puxei a linha. Era mais forte do que parecia.

– Ei – gritei para Jay. – Você tem uma faca? Aposto que poderíamos cortar isso. – Ele não respondeu. Mesmo por trás do traje prateado, eu podia notar que estava irritado.

A pequena criatura-bolha acima de nós parecia agitada. Soltei a linha. Era meio grudenta e me fez lembrar de uma teia de aranha.

– Sei que ele é inofensivo – falei para Jay. – Olhe para ele.

Jay suspirou. Estava a cerca de dois metros de mim.

– Você pode estar certo – admitiu ele. – Mas alguma coisa nisso tudo cheira mal. Como você acha que esse carinha ficou preso aí? E por quê?

O fio da teia começou a vibrar. Então ouvimos um rugido tão alto que quase perfurou meus tímpanos, e percebi que eu tinha provocado alguma coisa ao puxar o fio. Achei que estivesse tentando libertar o pequeno fovimal, mas estava, na verdade, tocando o gongo do jantar.

Um monstro se ergueu do abismo.

"Monstro" é uma palavra já meio desgastada pelo uso excessivo, eu sei, mas não havia outro nome para aquilo. Ele tinha uma cabeça que parecia uma mistura de tubarão com tiranossauro sobre um corpo de centopeia tão largo quanto um furgão de entrega. Eu não sabia qual era seu comprimento, mas era longo o bastante para conseguir se erguer do que parecia ser um abismo sem fim; e, à medida que cada segmento de seu corpo deslizava para cima da rocha, produzia um som de chocalho que ecoava pelo desfiladeiro como uma enorme corrente. Em bem menos tempo do que o necessário para esta descrição, ele já havia se elevado uns dez metros acima da beirada. Olhou bem para mim com enormes olhos compostos, cada um do tamanho da minha mão.

Então partiu para o ataque.

A cabeça era do tamanho do táxi do meu pai; e a boca estava escancarada, revelando mandíbulas recobertas por múltiplas fileiras de dentes, cada um tão longo quanto uma faca de cozinha. O bicho imenso avançou para cima de mim como um elevador expresso. Eu estava quase virando um aperitivo quando senti alguém me empurrar por trás, me arremessando para a beirada do abismo.

Virei-me de costas e vi Jay de pé no lugar onde eu tinha estado um momento antes. A bocarra aberta da fera o envolveu, começou a se fechar...

E então aquela pequena bolha de sabão passou em disparada sobre meu ombro. Percebi que eu devia ter arrebentado o fio que o prendia quando caí. A criatura acertou o focinho do monstro, esparramando-se sobre ele como uma gosma translúcida.

O monstro recuou com um rugido de raiva, deixando cair o corpo de Jay. Sua boca ainda estava aberta – aquelas mandíbulas mortais não tinham tido tempo de se fechar totalmente sobre Jay, e agora o monstro precisava manter a boca aberta para respirar, porque o fovimal tinha coberto seu nariz com a substância

translúcida grudenta de seu corpo. O monstro começou a se debater, urrando de frustração enquanto tentava tirar o fovimal que parecia uma ameba de cima dele. Conseguiu atirar pedaços da substância da criatura-bolha, presos por gavinhas elásticas, a alguns metros de distância, mas acabaram voltando com força e grudando em seu nariz. Por mais difícil que fosse de acreditar, aquela bolha translúcida de Geleca estava mesmo evitando que a serpente de Midgard engolisse nós dois – Jay e eu!

O monstro voltou para debaixo da terra e, pelos sons e pela maneira como o terreno tremia repetidamente, tentava escapar do bicho da Interzona batendo seu focinho escamoso contra as rochas. Não esperei para ver qual deles iria vencer. Em vez disso, corri em direção a Jay, peguei-o pelos braços e o arrastei, aos tropeços, para longe da ação. Imaginei que aquela bolha de sabão superdesenvolvida não iria durar muito.

Parei a uns bons quinhentos metros. Jay desabou com força ao se sentar na areia. Os rugidos e as vibrações do monstro, que agora não estava mais visível, continuavam. Eu podia ver nuvens de poeira e fragmentos ocasionais de rocha sendo atirados para dentro do meu campo de visão. Teria sido engraçado, exceto por uma coisa que eu percebia agora: um rastro de sangue, espesso como tinta e largo como minha mão, que se estendia de forma contínua da beirada do abismo até o corpo de Jay.

Desesperado, me ajoelhei rapidamente ao lado dele. O traje prateado tinha sido perfurado dos dois lados do corpo – duas feridas enormes do lado esquerdo, três, do direito, logo acima dos quadris. Cada dente do monstro tinha deixado buracos de cerca de três centímetros de diâmetro, e o sangue de Jay jorrava deles. Não havia como impedir, e também não sei se teria adiantado de qualquer forma... ele já tinha perdido tanto sangue.

Ele ergueu uma das mãos, sem força, e eu a segurei.

– Vou levá-lo de volta ao EntreMundos – decidi, sem saber mais o que fazer ou dizer. – Vamos passar pela Interzona... Não vai demorar... Eu... eu sinto muito.

– Pare – sussurrou Jay. – Isso... não vai dar certo. Estou sangrando... como um... porco. E acho que aquela coisa era venenosa. Você não pode imaginar... como dói... – A voz dele estava fraca e abafada.

– O que eu posso fazer? – perguntei impotente.

– Coloque minha mão... na terra – pediu ele. – Quero lhe mostrar... como percorrer... o trajeto final...

Coloquei sua mão no solo. Ele desenhou alguma coisa de maneira espasmódica, movendo a mão convulsivamente pela areia.

Então parou e parecia estar descansando. Eu me sentia completamente inútil.

– Jay? – falei. – Você vai ficar bem. Sério, vai sim. – Eu não estava mentindo. Tinha esperanças de que, ao dizer aquilo, de alguma forma pudesse conseguir fazer dar certo.

Ele me surpreendeu ao se erguer e se apoiar em um cotovelo – agarrou a frente da minha camisa com a outra mão e me puxou para baixo com uma força impressionante, até meu rosto estar a apenas dois centímetros de sua máscara. Mais uma vez olhei para o reflexo trêmulo de minhas próprias feições, grotescamente espelhadas na superfície do traje.

– Diga... ao Ancião... sinto muito... tê-lo deixado... com um agente a menos. Diga-lhe... meu substituto... tem a minha mais alta... recomendação.

– Vou dizer, quem quer que ele seja – prometi. – Mas você me faria um favor em troca? – Ele inclinou ligeiramente a cabeça de maneira indagadora. – Tire sua máscara – pedi. – Deixe-me ver quem você é.

Ele hesitou, então levou uma das mãos ao rosto e tocou o material do traje logo abaixo do queixo com um dos dedos. O material que cobria sua cabeça mudou do prateado reflexivo para um cinza-chumbo fosco e se encolheu em um anel em volta de seu pescoço.

Olhei fixamente. Não tinha feito a menor diferença. A máscara ainda estava no lugar. Pelo menos, foi o que pensei a princípio, motivado pelo choque inicial de ver o rosto de Jay.

Era meu próprio rosto, é claro. Mas não exatamente. Jay parecia ser pelo menos cinco anos mais velho do que eu. Havia uma cicatriz na bochecha direita, e, no lóbulo de uma de suas orelhas, um queloide ainda maior. Mas não havia cicatrizes suficientes para esconder quem ele era.

Ele era eu. Era por isso que aquela voz tinha me soado tão familiar. Era a minha voz. Ou melhor, era como a minha voz soaria em cinco anos.

Perguntei-me como não tinha percebido logo, e percebi que, em algum nível, eu tinha sim. É claro que ele era eu, ainda que mais legal, mais corajoso e mais sábio. E dera sua vida para me salvar.

Ele olhou para mim com os olhos embotados.

– Você precisa... ir embora... – Seu sussurro era quase inaudível. – Não podemos perder... nenhum agente agora... muito perigoso. Diga a ele... a Noite Gélida... está chegando...

– Direi sim, eu prometo – falei. Mas seus olhos tinham se fechado. Ele estava inconsciente.

Não importava. Eu tinha feito uma promessa, quer Jay tivesse ou não me ouvido. *Eu* havia me ouvido fazê-la, e não queria passar o resto da minha vida tentando justificar a mim mesmo a razão de não ter feito a coisa certa.

Abaixei seu corpo e fiquei ali parado, sentindo um repentino nó na garganta. Não sei ao certo quanto tempo permaneci ali, só respirando.

Então olhei para as figuras que ele tinha desenhado na areia.

Aquilo devia ser importante. Mas, quando olhei mais de perto, elas não faziam sentido algum. Parecia algum tipo de equação matemática.

$$\{EM\}:=\Omega/\infty$$

Não entendi o que significavam, mas os símbolos pareceram se enraizar em meu cérebro, brilhando com força em minha mente.

Estava muito quieto ali naquele lugar rochoso. Podia ouvir Jay arfando com dificuldade e o assobio da areia sendo carregada pelo vento e nada mais. Não tinha certeza há quanto estava assim, mas sabia que aquela batalha desigual entre o dinomonstro e o pequeno fovimal só podia ter acabado de um jeito. Senti pena da pequena criatura-bolha: primeiro, isca em uma armadilha, depois morta tentando salvar Jay e a mim de um monstro.

Fiquei de pé, me virei e olhei para trás. Não havia nenhum sinal de uma criatura ou de outra. Dei alguns passos cautelosos para a frente, tentando ver melhor.

Nada além de poeira assentada...

A pele de Jay mudava de cor, adquirindo um tom azulado. Devia haver veneno nos dentes daquela criatura, como ele dissera. E se eu houvesse lhe dado ouvidos, e não tivesse agido de forma estúpida, ele nunca teria enfrentado as mandíbulas da morte, tentando me salvar. Eu me precipitei, movido por minha ignorância... e Jay morria por causa disso. Por minha causa. Era minha culpa. E de ninguém mais.

Olhei para o céu, e fiz outra promessa para qualquer coisa que houvesse lá

em cima, qualquer um que estivesse ouvindo. Prometi que, se Jay sobrevivesse, se ele conseguisse passar por aquilo, se eu pudesse lhe garantir assistência médica e ele ficasse bem, então eu seria a melhor pessoa do mundo, a mais trabalhadora e legal que já existiu. Eu seria São Francisco de Assis e Buda e todos os outros assim.

Mas agora seus olhos estavam fechados e ele não respirava, ou se mexia, e não importava o que eu havia prometido ou como eu seria bom no futuro ou qualquer coisa.

Nada importava.

Ele estava morto.

# CAPÍTULO OITO

EU NÃO PODIA deixá-lo ali.

Você vai rir de mim, mas eu não podia. Seria a coisa mais sensata a fazer – talvez se eu pudesse ter cavado uma sepultura ou algo assim, teria me sentindo mais confortável em deixar Jay no deserto perto da fronteira da Interzona. Mas o chão era seco, uma lama vermelha endurecida com uma fina camada de areia por cima.

Então tentei puxá-lo. Ele nem se mexeu. Sabia que ele era mais pesado que eu, mas mesmo assim eu o havia ajudado a se arrastar para longe do abismo não fazia nem dez minutos... e provavelmente tinha esgotado toda a adrenalina do meu sistema ao fazê-lo, percebi. Agora que não havia mais perigo, eu tinha tanta chance de movê-lo quanto tinha de erguer o *Titanic* com os dentes.

Pensei se seria o traje de metal que o deixava tão pesado. Então examinei a roupa, procurando um fecho ou um zíper ou alguma coisa.

Nada.

Ouvi um barulho baixinho atrás de mim e me virei. Era a pequena criatura da Interzona. A criatura fovimal pairava no ar ao meu lado, flutuando no espaço como uma ameba do tamanho de um gato, cintilando com todas as cores do arco-íris.

– Ei – falei. – Bom, pelo menos você está bem. Mas Jay está morto. Talvez eu devesse ter deixado você lá com aquele tiranossauro esquisito no fim das contas.

A bolha de sabão mudou de cor para um triste tom de roxo.

– Não quis dizer isso – acrescentei. – Mas ele era... meu amigo. Era meio que *eu*. E agora está morto, e não posso nem levá-lo de volta para sua casa. Ele é muito pesado.

A cor roxa se intensificou e passou para um suave tom de dourado. Ele estendeu algo que não era exatamente um membro, mas também não era um tentáculo – um pseudópode, imagino, se isso quer dizer mesmo o que estou

pensando – e tocou o traje metálico logo acima do coração.

– Sim – falei. – Ele está morto.

Ele pulsou em dourado, um dourado de frustração, e bateu no mesmo lugar no traje.

– Você quer que eu toque aí?

Ele mudou de cor mais uma vez, para um azul sereno, um tipo de azul de *satisfação*. Coloquei meu dedo onde ele havia tocado com o pseudópode, e o traje se abriu para mim como uma flor ao sol. Jay usava cueca boxer cinza e uma camisa verde. Seu corpo estava pálido. Tirei o traje como pude.

Aquilo pesava uma tonelada. Bem, talvez uns cinquenta quilos. A ameba ainda pairava em volta, como se tentasse me dizer alguma coisa. Estendeu um pseudópode de ponta escarlate em direção ao traje prateado, que estava caído amassado sobre a terra vermelha. Depois apontou para mim e veias prateadas cintilantes apareceram em seu corpo-balão.

– O quê? – perguntei, frustrado. – Queria que você pudesse falar.

Ele apontou para o traje prateado, agora num tom fosco de cinza, e depois de novo para mim.

– Você acha que devo vesti-lo?

Ele cintilou em tom de azul, a mesma nuance de antes. *Isso. Devo vestir o traje.*

– Já ouvi a expressão “falar pelos cotovelos”, mas nunca “falar por cores”.

Peguei o traje – que agora parecia um sobretudo no formato de uma estrela-do-mar – e o coloquei sobre mim. Era pesado e fez minhas costas doerem. Parecia um cobertor de chumbo. Era frio e sem vida. Não havia como eu andar mais do que dez passos em qualquer direção usando aquilo.

– E agora? – perguntei à ameba. Ele assumiu um tom confuso de verde e amarelo e carmins corriam por sua superfície em rápida sucessão. Então apontou, hesitante, para um ponto no meio do traje, sobre meu peito. Eu o toquei.

Não aconteceu nada.

Toquei de novo. Bati. Esfreguei. Apertei entre o polegar e o indicador o mais forte que pude – e de repente o cobertor de chumbo que me cobria ganhou vida. Ele fluiu, deslizou e correu sobre meu corpo, me cobrindo dos pés à cabeça. Minha visão escureceu quando se fechou sobre meu rosto. Por um instante, fui

tomado pelo mais puro e sufocante pânico, e então logo depois pude ver novamente, melhor do que antes, e respirar também.

Olhando para o meu corpo, podia ver a proteção prateada, mas também conseguia ver *por dentro* dela. Era meio como o visor que os pilotos de caça têm em suas cabines. Dava para ver a garrafinha dourada, algo que parecia um tipo de arma e vários objetos que eu não reconhecia. Eles pareciam estar em espécies de bolsos. E eu podia ver meu próprio corpo.

Agora estava aquecido, menos meu ombro esquerdo, onde o traje tinha sido danificado pelo feitiço de Lady Indigo, e nos lugares em que tinha sido perfurado.

A ameba, vista através da máscara espelhada, parecia ainda mais estranha. Era como olhar para algo imenso pelo lado errado dos binóculos. Não era maior do que um gato – eu sabia disso. Mas de alguma forma eu não conseguia tirar da cabeça a ideia de que era, na verdade, do tamanho de um arranha-céu, só que a uns quinze quilômetros de distância. Faz algum sentido?

– Você tem nome? – perguntei.

Ele brilhou com centenas de cores. Tomei aquilo como um sim. O problema é que eu não falo cores.

– Vou chamá-lo de Tom – disse a ele. – É uma piada. Não do tipo engraçado. – Ele brilhou dourado, e entendi que não se importava.

Eu me curvei, peguei Jay e o coloquei sobre os ombros. Ainda podia sentir seu peso, mas era como se o traje estivesse suportando a maior parte. Parecia que ele pesava uns quinze quilos.

E então eu pensei:

{EM}:=Ω/∞

... E me dirigi para a base, carregando o corpo de Jay sobre os ombros como um caçador Sioux levando um cervo de volta ao acampamento.

Tom se agitou no ar ao meu lado durante um tempo, até eu chegar a um caminho que senti que me levaria à Terra em que estava a base do EntreMundos.

Eu queria poder explicar melhor do que isso. Podia sentir o caminho ali, da mesma forma que alguém sente com a língua um lugar no dente em que uma obturação caiu. Eu podia *senti-lo*.

Estava na hora de Andar. E foi o que fiz.

A última coisa que vi daquele lugar foi Tom, balançando-se talvez um pouco

triste no ar atrás de mim. E então o cenário foi substituído por...

Nada...

A margem de um rio...

O vislumbre de uma cidade...

Milhares de olhos, cada um se fechando e abrindo de forma independente, todos procurando por mim...

Uma planície coberta de grama e, a distância, montanhas purpúreas.

E de repente eu estava lá, onde quer que “lá” fosse. Eu sabia. Podia sentir na minha mente.

$$\{EM\}:=\Omega/\infty$$

não iria me levar mais longe.

Mas não havia nada em volta. Eu estava no meio de uma região de pampas deserta, totalmente sozinho. Coloquei então o corpo de Jay sobre o terreno gramado, e concluí que havia duas possibilidades: ou o pessoal da base de Jay – do EntreMundos, o que quer que isso fosse – viria me encontrar ou não, e de repente, francamente, de uma forma ou de outra, eu não ligava.

Coloquei o dedo no lugar macio sob meu queixo e senti o traje se recolher do meu rosto, deixando-o exposto ao ar quente e agradável. E então, completamente sozinho, a bilhões de quilômetros de distância de qualquer lugar, comecei a chorar – por Jay, e por meus pais, e por Jenny e o lula, e por Rowena, Ted Russell, o sr. Dimas e todos nós.

Mas, principalmente, chorei por mim.

Chorei e solucei até não restar mais nada dentro de mim com que chorar, e então me sentei ali, com as lágrimas secando no rosto, me sentindo vazio e esgotado, até que o sol se pôs e uma cidade em uma cúpula de vidro sobrevoou os pampas, levitando silenciosamente, a cerca de dois metros do chão. Ela parou a quinze metros de onde Jay e eu estávamos, e um grupo de pessoas que se pareciam um pouco comigo se aproximou, nos pegou e nos levou embora.

# PARTE DOIS

# CAPÍTULO NOVE

EU ME AGARRAVA À lateral do penhasco como se minha vida dependesse disso. Usava um macacão cinza e botas de escalada. Havia uma corda presa ao meu cinto, que estava ligada à montanhista cerca de seis metros acima de mim. Ela antipatizava cordialmente comigo. O que complicava um pouco a coisa, já que trinta metros acima dela estavam a liberdade, o calor, comida e o caminho de volta para a base.

Do jeito como eu me sentia, trinta metros bem podiam ser trinta quilômetros. Eu estava com fome e frio, e meus dedos das mãos e dos pés doíam. Sem falar de todo o resto entre eles.

Eu usava uma faixa com uma rede neural em volta da cabeça, programada para me impedir de Andar para fora dali se surgisse uma oportunidade. O que eu poderia ter feito. Acredite em mim, era tentador, principalmente quando começou a cair uma chuva misturada com neve que me ensopou até a alma e me congelou. Perfeito. Comecei a tremer tanto que mal conseguia me segurar.

Ouvi alguém tossir atrás de mim. Virei-me com todo cuidado.

Era Jai. Ele era um dos que se pareciam muito comigo, a não ser por sua pele, que era de um tom pardo bem escuro. Ele usava uma túnica branca e estava sentado com as pernas cruzadas. Na verdade, ele flutuava com as pernas cruzadas, a cerca de 45 metros do solo.

– Vim para saber como está se saindo – informou ele com seu sotaque gentil. – A escalada pode ser bastante penosa com essa chuva. Caso deseje dar a subida por encerrada na atual conjuntura, isso não será encarado como algo que o desmereça.

Meus dentes batiam como dados chocalhando num copo. Mal podia ouvi-lo.

– O quê?

– Você quer parar agora?

Como eu disse, era tentador. Mas eu já tinha problemas de sobra e não

precisava ganhar fama de covarde.

– Vou continuar – respondi –, mesmo que isso me mate.

– Isso – argumentou ele de maneira reprovadora – *não é* uma opção. – Jai era meio chato, mas pelo menos reconhecia minha existência. Ele flutuou lentamente para o acampamento no alto da colina.

Comecei a escalar de novo. Alcancei uma fenda profunda na rocha e subi me apoiando nela, ralando boa parte da pele dos meus braços e costas no processo. Depois do que pareceu uma pequena eternidade, cheguei a uma saliência cerca de dez metros acima do lugar onde eu estivera, e vi minha companheira de escalada. Ela estava encolhida em um dos cantos, fora do alcance da chuva com neve que caía. Mas não devia estar confortável e tentei não ficar muito feliz com isso. Ela mal se dignou a me olhar quando cheguei lá. Continuou contemplando o céu.

– Algum plano para chegar lá no topo? – perguntei, observando com cautela a face do rochedo acima de nós.

– A lista de pessoas com quem não falo é bem pequena – contou ela. – E você está prestes a conseguir entrar. – Então voltou o olhar para a tempestade monótona.

Bem, OK... Abri a embalagem térmica presa ao meu cinto e servi uma caneca fumegante cheia de sopa de búfalo reconstituída. Não ofereci a ela; primeiro, porque ela também tinha o mesmo material preso ao cinto, e segundo, porque queria mandá-la para o inferno.

Tomei a sopa devagar, para não queimar a boca – aquela coisa esquentava *rápido* –, e olhei para Jo, particularmente para as duas coisas que a tornavam tão diferente de mim.

– Pare de encarar.

– Me desculpe. É só que, onde nasci, ninguém tinha asas.

Ela olhou para mim como se eu fosse algo que tivesse acabado de achar na sola do sapato. Jo é de um dos mundos mágicos. Não são as asas – enormes, brancas e cobertas de penas, como as que os anjos possuem nas pinturas – que a mantêm no alto enquanto ela voa, embora possa usá-las para planar e direcionar. O que a sustenta, o Ancião disse uma vez, é a convicção de que *pode* voar. Isso e o fato de que em seu mundo existe mesmo mágica no ar. Sempre tive vontade de perguntar a ela se seu povo descendia de macacos alados, como Jakon vinha de

um mundo meio lupino, ou se, muito tempo atrás, no mundo dela, algum feiticeiro havia enxertado asas de cisne nas costas de um bebê. Mas, como ela me via com o mesmo grau de afeição que teria pelo vírus Ebola, eu provavelmente nunca descobriria.

Eu estava no acampamento havia dez dias, e já parecia uma vida inteira. E não uma muito feliz. Na verdade, parecia uma daquelas vidas que o convencem de que você deve ter sido Gengis Khan numa encarnação anterior, e ainda está pagando sua dívida cármica.

Dez dias antes do penhasco embaixo de chuva, eu acordara em um tipo de cama de lona de acampamento, num quarto branco que cheirava a desinfetante, com o som de uma banda ao fundo. Era um tipo de música pesarosa, comovente e triste.

Uma marcha fúnebre.

A música parou. Saí da cama, caminhei um pouco cambaleante até a janela e olhei para fora.

Havia cerca de quinhentas pessoas de pé em um grande campo de manobras. Pessoas muito diferentes. Estavam dispostas em fileiras organizadas em volta de uma caixa. Na caixa havia um corpo coberto por uma bandeira preta.

Eu sabia de quem era aquele corpo.

E por quem ele tinha dado sua vida.

No alto de uma tribuna havia um homem que se parecia um pouco comigo, se eu chegasse à meia-idade. Ele estava terminando de dizer coisas boas a respeito de Jay, eu sabia, embora mal pudesse ouvir suas palavras.

E então as pessoas começaram a gritar. Gritaram em quinhentas vozes diferentes, um grito sem palavras que exprimia dor, mas também era uma aclamação de vitória. Quinhentas gargantas diferentes berrando, clamando, bradando, sofrendo e sentindo.

E a caixa com o ataúde tremeluziu, cintilou e se moveu ligeiramente. Depois ardeu em chamas e desapareceu.

A banda voltou a tocar a marcha fúnebre, mas dessa vez em um ritmo um pouco mais animado, como se dissesse: *a vida continua*.

Voltei e me sentei na cama de lona. Eu me encontrava numa espécie de hospital, aquilo era óbvio. Estava na base com a cúpula-bolha e tinha visto o

funeral de Jay.

Ouvi uma batida na porta.

– Entre – falei.

Era o homem mais velho, aquele que eu tinha visto fazendo o discurso, vestindo um uniforme limpo e impecável.

– Olá, Joey. Bem-vindo à Cidade Base. – Um de seus olhos era castanho, assim como os meus; o outro, artificial: como se houvesse várias luzes de LED coloridas onde o olho deveria estar.

– Você também é eu – falei.

Ele inclinou a cabeça. Devia estar assentindo.

– Joe Harker. Por aqui me chamam de Ancião, principalmente pelas minhas costas. Eu dirijo este lugar.

– Sinto muito por Jay. Trouxe o corpo dele de volta.

– Você fez bem – declarou ele. – E trouxe de volta seu traje de combate, o que foi ainda mais importante. Só temos uma dúzia. Não fazem mais deles. O mundo que os fabricava... já não existe mais. – Ele fez uma pausa.

Imaginei que tinha de dizer alguma coisa, então falei:

– Não existe mais? Um mundo inteiro?

– Os mundos têm pouco valor, Joey. É horrível de se dizer, mas a maioria das coisas horríveis tem uma dose de verdade. Os Binários e o pessoal da BRUX consideram que os mundos valem pouco, e a vida, menos ainda... Mas vamos voltar a você. Certamente você fez bem em trazer o corpo de volta, assim tivemos algo para nos despedir. E o traje continha as últimas mensagens dele. – Fez outra pausa. – Você se lembra de quando o trouxemos para cá? Parecia meio delirante e não parava de me chamar.

– Sério?

– Sim. Você nos disse que tinha sido o responsável pela morte de Jay, porque ele havia feito isso para salvá-lo. Contou tudo sobre o FVM e a cobra-tiranossauro. Que você foi estúpido e o colocou numa enrascada.

Olhei para baixo.

– É.

Ele abriu um caderno e leu o que estava escrito:

– “Jay disse para pedir desculpas ao Ancião, para lhe dizer que sentia muito tê-lo deixado com menos um agente. Ele disse que seu substituto tem sua mais

alta recomendação.”

– Eu lhe disse isso?

– Disse. – Ele olhou de novo para o caderno. Então falou em um tom confuso: – O que é Noite Gélida?

– Noite Gélida? Não sei. Foi uma coisa que Jay me pediu para lhe dizer. Você não pode perder nenhum agente. A Noite Gélida está chegando.

– Ele não falou mais nada sobre isso?

Balancei a cabeça.

O Ancião me assustava. Quero dizer, sim, ele era eu, mas era um eu que tinha visto tanta coisa. Eu me perguntei como ele teria perdido o olho. Depois fiquei na dúvida se queria mesmo saber.

– Você pode me mandar para casa? – perguntei.

Ele assentiu sem falar. Depois disse:

– Podemos. Sim. Seria necessário uma grande operação. E significaria que fracassamos. Precisaríamos apagar suas lembranças, remover todas as informações sobre este lugar e privá-lo de sua habilidade de Andar pelos mundos. Mas, sim, poderíamos fazer isso. Podem perguntar onde você esteve, mas o tempo não flui em uma marcha constante em todos os mundos. Você provavelmente não esteve fora por mais do que cinco minutos até agora... – Ele deve ter visto a esperança em meu rosto. – Mas você nos abandonaria assim?

– Senhor, sem ofensas, mas eu nem o conheço. O que o faz pensar que eu quero entrar para sua organização?

– Bem, você vem com a mais alta recomendação, de acordo com o que Jay disse. E, como ele falou, não podemos perder mais nenhum agente.

– Eu... *eu* sou o substituto de que ele falou?

– Receio que sim.

– Mas fui o responsável pela morte dele.

– Mais uma razão para compensar as coisas por aqui. Perder Jay foi uma tragédia. Perder vocês dois seria um verdadeiro desastre.

– Entendo... – Pensei na minha casa, minha casa de verdade, não em suas incontáveis versões fantasma. – Então você poderia me mandar de volta?

– Sim. Se for reprovado nos estudos aqui, talvez não tenhamos outra opção.

Se eu fechasse os olhos, ainda podia ver Jay, erguendo os olhos para mim daquela terra vermelha antes de morrer. Suspirei.

– Conte comigo – decidi. – Não por você. Por Jay.

Ele estendeu a mão. Estiquei a mão para apertá-la, mas, em vez disso, ele envolveu a minha com sua mão grande e forte e olhou dentro dos meus olhos.

– Repita o que eu disser: eu, Joseph Harker...

– Hã... Eu, Joseph Harker...

– Entendendo que deva haver equilíbrio em todas as coisas, aqui declaro que farei tudo o que estiver ao meu alcance para defender e proteger o Altiverso daqueles que queiram lhe causar algum dano ou curvá-lo à sua vontade. Que farei qualquer coisa para apoiar e defender o EntreMundos e os valores que representa.

Repeti tudo, da melhor forma que pude. Ele foi me ajudando quando eu gaguejava.

– Ótimo – falou ele por fim. – Espero que a fé que Jay depositou em você seja justificada. Você precisa pegar roupas e equipamento com o intendente de serviço. Os almoxarifados ficam no edifício quadrado do outro lado do campo de manobras. São onze horas agora, então até às 11h45 você tem tempo suficiente de se acomodar no alojamento e arrumar suas coisas. O almoço é ao meio-dia. E 12h40 você começa o treinamento básico.

Ele se levantou e se preparou para sair, mas eu ainda queria lhe fazer uma pergunta.

– Senhor? *Você* me culpa pela morte de Jay?

Seu olho de LED brilhou em um tom frio de azul.

– Humm? Sim, é claro que o culpo. Assim como outras quinhentas pessoas aqui na base. Você precisa se esforçar muito para nos compensar pela perda dele, rapaz. – E saiu.

Era como ser um aluno novo numa escola que você odeia. Ou, ainda pior, era como ser um aluno novo numa escola que você odeia, dirigida pelo exército com base em princípios levemente sádicos, onde cada um era de um país diferente e todos tinham apenas uma coisa em comum:

Todos o odiavam.

Podia ter sido pior. Ninguém cuspiu na minha comida, ninguém me arrastou para trás do alojamento para me dar uma surra, ninguém colocou minha cabeça no vaso e deu descarga. Mas ninguém falava comigo, a menos que fosse

necessário. Ninguém me ajudava. Se eu estava indo para a aula na direção errada, ninguém me avisava; e quando me viam correndo em volta do campo de manobra, suado e ofegante, porque havia chegado cinco minutos atrasado... bem, essa era a única ocasião em que meus colegas recrutas sorriam ao olhar para mim.

Se eu era acidentalmente derrubado enquanto subia por uma corda; se ficava com o disco antigravidade mais fraco quando tínhamos aulas de como pilotá-los; se a minha varinha era a mais velha, mais suja e menos poderosa em Magia Básica; se eu comesse sozinho em uma mesa no meio de um refeitório lotado... bem, foi isso o que aconteceu.

Eu não ligava.

Não, mais do que isso: ficava feliz. Eles não estavam me punindo mais do que eu achava que devia ser punido. Jay tinha salvado minha vida; ele havia me resgatado daquele navio no meio do Lugar-Algum; tinha me salvado de minha própria estupidez mais de uma vez. E, em troca, causei a morte dele.

Então todo mundo fazia fila para me odiar, e eu era logo o primeiro.

Aquela chuva gelada salpicou meu rosto, e prendi a caneca de volta no cinto e me virei para a face do rochedo.

– OK – decidi. – Hora de voltar lá para cima.

Jo não disse nada. Ela bateu as asas para se livrar da água gelada e virou de volta para o rochedo. Começou a escalar, e, após alguns minutos, fiz o mesmo.

Eu tremia. Mas estava mais fácil agora: Jo parecia ter um instinto para encontrar apoio para as mãos e para os pés, e eu a seguia. O que correu bem até a chuva aumentar.

Olhei para cima. A rocha em que Jo se apoiava desmoronava sob seu pé.

– Ei! – gritei, sinalizando freneticamente para que ela saísse dali.

Mas ela me ignorou. Então a rocha cedeu, e Jo escorregou em uma chuva de cascalhos. Ela caiu bem em cima de mim, derrubando nós dois penhasco abaixo.

Era uma longa descida e estávamos caindo rapidamente juntos.

Agarrei-a pela cintura e nos afastei do penhasco com as minhas pernas. Ela entendeu a ideia imediatamente e bateu as asas com força. Talvez ela não conseguisse manter nós dois no alto por muito tempo, mas isso não seria necessário.

Ela aterrissou de volta na saliência onde eu havia tomado minha sopa.

– Tentei avisar.

– Sei disso – admitiu ela. – Percebi que tentava chamar minha atenção, mas não queria olhar para você.

Estremeci de pé na chuva.

– Como você conheceu Jay? – perguntei.

– Do mesmo modo que todos nós conhecemos. Um dia comecei a Andar. Ele apareceu e me trouxe até aqui. E, como acontece com a maioria, me livrou de problemas no caminho.

– Bem, foi assim que ele me achou, e salvou minha vida três ou quatro vezes no caminho. E deu a própria vida para me fazer chegar aqui. Mas não acho que ele teria me tratado assim. E não acho que ele teria deixado eu me tratar dessa forma.

Ficamos um tempo em silêncio. Então ela olhou bem dentro dos meus olhos, e os seus, castanhos, me davam a impressão de estar olhando num espelho.

– Tem razão. Também acho que não. Vou falar isso por aí.

Escalamos de volta até o topo do penhasco sem falar nada, mas era um silêncio tranquilo.

Depois disso, as coisas melhoraram. Não muito. E não de todo. Mas melhoraram.

# CAPÍTULO DEZ

E EU PENSAVA QUE os testes do sr. Dimas eram difíceis.

As provas no EntreMundos fariam qualquer superdotado do meu mundo engolir em seco, incrédulo. E nossos maiores gênios ficariam com fumaça saindo das orelhas. Como se responde a uma pergunta assim: “O fator de improbabilidade de um mundo com o tempo revertido é solipsístico ou fenomenológico?” Ou: “Descreva seis usos para o pandemônio antielemento.” Ou que tal: “Explique a gnose dos Seres Qliphóticos da Sétima Ordem.”

Tente quebrar a cabeça com coisas *assim* quando mal passou em Economia Doméstica.

Eu estava no campo de treinamento havia cerca de vinte semanas. Vinte semanas de exercícios dia e noite, aulas de artes marciais das quais nunca tinha ouvido falar (um de nossos instrutores era de um mundo em que o Japão tinha se unido à Indochina para produzir, entre outras coisas, estilos de luta que faziam o taekwondo parecer dança de salão), técnicas de sobrevivência, diplomacia, magia e ciência aplicadas e várias outras coisas que provavelmente não apareceriam no currículo da maioria das escolas de ensino médio – ou do MIT, aliás.

Após vinte semanas no EntreMundos, com aquela comida, os exercícios intensivos, os estudos intensivos – tudo ali era intensivo –, eu estava tão magro quanto uma tirinha de carne seca e caminhava em direção ao tipo de musculatura e reflexos que eu tinha visto em anúncios na quarta-capa de antigas revistas em quadrinhos e que sempre sonhara em pedir pelo correio. Também tinha aprendido vários fatos, costumes e outros assuntos esotéricos que me permitiriam, teoricamente, passar por nativo em um bom número de Terras onde a humanidade se parecia comigo.

É claro, minhas mais recentes habilidades de recorrer a subterfúgios e me misturar não me ajudariam muito em algumas das outras Terras que

conhecíamos, como aquela da qual Jakon Haarkanen vinha. Jakon parecia um exemplar do que poderia acontecer se houvesse um lobo na minha árvore familiar há cerca de trinta mil anos. Ela era elegante e selvagem, e pesava aproximadamente 35 quilos de uma musculatura forte e esguia, coberta por uma pelagem curta. Adorava fazer pegadinhas – gostava de ficar agachada em uma das vigas do dormitório do andar de cima e então surpreender alguém que passasse embaixo, se atirando de lá e derrubando a pessoa no chão. Tinha dentes afiados e olhos verdes brilhantes, e ainda assim se parecia um pouco comigo.

Como talvez você note pelas descrições, Jakon era uma das minhas primas mais distantes.

Naquele momento, ela e eu, junto com Josef Hokun e Jerzy Harhkar, estávamos de pé numa das sacadas mais altas da Cidade Base, aproveitando um raro intervalo nos estudos e observando uma manada de animais parecidos com antílopes trotando ao longo de um estreito vale fluvial abaixo de nós. Era quase meio-dia, e os campos de proteção tinham sido alterados para deixar entrar um pouco da brisa fresca do planeta. Eu estava perto de uma idésia carregada de frutos vermelho-alaranjados. Diante de nós havia canteiros cheios de lírios, madressilvas, flores-de-júpiter e lótus azuis. Havia cicadáceas, coníferas e flores que não existiam na maioria das Terras há milhões de anos. O cheiro de todas elas combinado era o suficiente para me deixar zonzo, principalmente com o ar seco e filtrado abaixo dos níveis normais.

A Cidade Base, assim como as três ou quatro outras cidades-cúpula flutuantes pelas quais as forças do EntreMundos estavam espalhadas, não tinha uma localização fixa – em vez disso flutuava, por meio de uma combinação de ciência e magia, sobre um mundo em que os humanos ainda catavam piolhos uns nos outros. Era como viver em um tour perpétuo por um parque nacional do tamanho de um planeta, vista após vista de belezas naturais espetaculares. Passávamos sobre o topo de florestas que se estendiam por meio continente; pairávamos sobre cataratas que nunca poderiam se chamar Niágara; contemplávamos a salvo, do alto, erupções vulcânicas, tornados, inundações...

Havia lugares piores onde se estudar.

Estávamos indo para leste e prestes a mudar de fase, o que aconteceu pontualmente. Enquanto observávamos, o mundo diante de nós tremeluziu, então pareceu se fundir, fluindo para um relance da paisagem psicótica da Interzona

antes de voltarmos à realidade. Depois que a aurora desvaneceu, estávamos flutuando sobre uma tundra árida com o sol bem no alto. Pude ver o estouro de um rebanho de auroques e alguns lúgubres mastodontes metodicamente desfolhando um enorme salgueiro. O ar estava mais frio, e eu vi, à distância, os penhascos cintilantes de geleiras montanhosas que se aproximavam, brilhando como icebergs à luz do sol.

Mesmo vale. Mundo diferente.

Costumamos surpreender os nativos quando chegamos; é por isso que nos limitamos aos períodos pré-históricos. Menos chance de sermos descobertos. Tudo isso fazia parte das medidas de segurança que o EntreMundos tomava para evitar que os Binários e o pessoal da BRUX nos encontrassem. As cidades-cúpula flutuantes navegam ao acaso por vários milhares de Terras da metade inferior do centro do Arco. É por isso que, mesmo com minhas habilidades de Andar na Interzona, eu tinha precisado de ajuda para encontrar o mundo em particular em que se encontrava a Cidade Base.

A ajuda viera na forma daquela estranha pequena equação que Jay havia desenhado na areia ensanguentada. Como a maioria das coisas do EntreMundos, ela funcionava através de uma combinação de ciência e magia.

$$\{EM\}:=\Omega/\infty$$

não era uma equação matemática, exatamente, nem totalmente um feitiço mágico. Era uma equação paradoxal, como a raiz quadrada de menos um; um abstrato combinatório, um enunciado científico criado através de meios mágicos.

$$\{EM\}:=\Omega/\infty$$

era um talismã memético que cada um de nós carregava em nossas cabeças e em nenhum outro lugar, e que nos permitia nos “orientar” através das últimas poucas camadas de realidade para alcançar a Cidade Base, onde quer que ela estivesse. Era uma chave e só um Andarilho era capaz de abrir a tranca. Navios voadores movidos a energia de Andarilhos engarrafados não poderiam fazer isso; nem espaçonaves viajando pela estática do subespaço, movidas por Andarilhos 99 por cento mortos e ultracongelados. É necessário ser um Andarilho vivo com a chave na cabeça para que funcione, o que torna virtualmente impossível para qualquer um dos impérios encontrar o EntreMundos.

Ou pelo menos, em teoria, era assim.

Tudo isso explicava a sensação de segurança que nos permitia ficar

confortáveis ali a céu aberto, enquanto nós quatro nos fazíamos perguntas para treinar para as provas do dia seguinte: *Teorias Básicas de Assimetria Multifásica em Planos de Realidade Polarizados* e *A Lei do Trapezoide Indeterminado como Observada na Cerimônia dos Nove Ângulos.*

Mesmo após cinco meses, os recrutas ainda eram, em sua maioria, bem frios comigo. Não me deixavam mais sozinho na mesa do refeitório, mas também não corriam para se sentar ao meu lado; e, apesar de falarem comigo com educação, eu continuava notando um distanciamento que não podia ignorar. Eu era um deles – eu *era* eles, e você não pode continuar se odiando para sempre. Mas também não precisa gostar de você o tempo todo. Então eu tinha aprendido a aceitar que nunca seria um dos mais populares. As três versões alternativas de mim mesmo – o termo que nosso professor do curso de Níveis de Realidade para Iniciantes usava era "paraencarnações" – que estavam comigo no deque eram o mais próximo de amigos que eu tinha, o que os colocava basicamente na categoria de "não inimigos".

– OK – eu dizia –, quais são os atributos que permanecem constantes de um plano a outro?

– Humm – resmungou Josef e coçou o nariz. – Todos eles?

– São apenas quatro.

Josef era de uma Terra mais densa que a minha, o que representava um campo gravitacional maior. Era grande como um tanque, e provavelmente mais forte do que qualquer outro ser humano. Ele me explicou uma vez – algo sobre ligações maiores e mais amplas dos tendões, razão maior entre os músculos estriados e lisos, e maior densidade óssea. Tudo o que eu sabia é que ele tinha o dobro da minha altura e uma força colossal.

– Simetria, quiralidade, correspondência e... humm.

Ele tinha cara de que poderia vencer um golem em um jogo de damas, se alguém vendasse o golem antes. Mas na verdade era bem inteligente – tinha que ser, para conseguir acompanhar todos os outros Joeys.

– Desiste?

– Não é lateralidade, é? – perguntou ele sem muito entusiasmo.

– É sim – confirmei. – É isso mesmo.

– Minha vez – disse Jerzy para mim. – O que são isoritmos subliminares e como eles se aplicam aos Andarilhos?

– Eu sei essa – respondi. – Espere, não me diga...

Jerzy sorriu.

– Não se preocupe... Não vou.

Jerzy parecia bem mais próximo a mim na escala evolutiva. A principal diferença entre a humanidade no mundo de Jerzy e no meu é que seu povo tinha penas em vez de cabelos. Ah... e as mulheres botavam ovos em vez de dar à luz bebês. Essas coisas provavelmente estavam relacionadas. Eu sempre me surpreendia ao ver Jerzy dobrando uma esquina – seu rosto era praticamente igual ao meu, sendo que o nariz e as maçãs do rosto eram um pouco mais afilados, talvez, mas suas sobrancelhas eram uma penugem cinza clara e seu "cabelo" consistia de estruturas coloridas parecidas com penas de aproximadamente vinte centímetros, com pontas de um vermelho vivo. Jerzy era um cara inteligente, rápido e sarcástico. Era provavelmente o mais próximo que eu tinha de um amigo de verdade em alguns milhões de Terras.

– Um isoritmo tem algo a ver com quão altas as coisas são, e isoritmos subliminares são o que permitem aos Andarilhos andarem de um mundo para outro sem acabarmos sete metros abaixo do chão. É o que nos mantém no nível do solo aonde quer que vamos.

Ele fez uma careta.

– Bem, sim – disse ele. – Mais ou menos. Mas você precisa responder mais parecido com o texto aqui. Ei, você viu aquilo lá em cima?

– Onde? – Eu não tinha visto nada.

– Lá no alto. No céu. Parecia... Não sei. Parecia uma bolha ou algo assim. Não, agora se foi.

Fiquei olhando para o céu azul, mas não vi nada.

A última semana tinha sido toda de provas, o que significava estudar até de madrugada, além de todo o treinamento físico durante o dia. A programação de onda delta que recebíamos durante as três ou quatro horas de sono que tínhamos em média (se tivéssemos sorte) ajudava, mas era necessário complementar isso com o estudo tradicional se você quisesse passar. Eu nunca tinha me empenhado tanto – parecia que meu cérebro pegava fogo. Acordava à noite murmurando "Movimento-contínuo e a pedra filosofal", "entidade ctônica" ou "o subespaço (também conhecido como Estática) e o Lugar-Algum são meras facetas da

percepção a noventa graus um do outro". Eu estava me matando de estudar. Os outros também não estavam tendo uma vida fácil.

Então, para piorar tudo, comecei a ter problemas com J/O HrKr. J/O é bem como eu: quero dizer, ele se parece comigo. Uma cabeça menor que a minha, e a mesma altura que eu tinha quando era da mesma idade. O mesmo nariz. Até as mesmas sardas. Ele parecia ter por volta de onze anos e era mais novo do que eu – do que a maioria de nós –, o que talvez o irritasse. Ou parte dele. Afinal, ele era meio computador. Ou, como ele chamava, uma "entidade bionanótica". De onde ele vinha, todos eram assim.

– Faz sentido – disse-me ele um dia, quando fazíamos uma sessão na Zona de Perigo. – Afinal, você usa um relógio de pulso. Então por que eu não deveria ter a mesma informação disponível em um visor de retina?

Mergulhei e rolei para desviar de um amontoado de cabos de aço serpeantes que de repente surgiram do piso onde eu estava. Os cabos se arquearam em direção a J/O, estendendo-se para envolvê-lo. J/O levantou o braço direito, que estava coberto por uma camada de malha metálica. Então vi uma luz vermelha ofuscante e ouvi um barulho como bacon chiando em uma frigideira. Quando minha visão clareou, não havia mais nada dos cabos, a não ser pedaços enegrecidos e o cheiro de ozônio.

– Por mim, você pode usar um relógio de sol na cabeça – continuei a conversa, dando uma cambalhota para trás para evitar uma labareda que saía da parede. – Só não acho justo você capturar as imagens dos livros e guardá-las em sua ROM, quando nós temos que memorizar todos eles.

– Problema seu, cara de carne – provocou ele. – Tenho o melhor sistema: silicone e engenharia de *spin* molecular em vez de proteínas, nucleotídeos e conexões nervosas. É a onda do futuro, *baby*.

Idiota. Ele agia como se tivesse inventado aquelas coisas, em vez de apenas vir, como de fato, de uma cultura onde começavam a injetar em você computadores e máquinas do tamanho de moléculas de água logo ao nascer. A Terra de J/O não era um satélite Binário – ainda –, mas era muito mais avançada do que a Terra de onde eu vinha.

Quando as provas terminaram (e não, nunca éramos informados dos resultados, o que me tira do sério até hoje), fomos chamados à sala de reuniões, todos os cento e dez novatos, e pude ver o Ancião pela primeira vez desde que

fizera o juramento na enfermaria.

Ele parecia mais velho.

– Bem-vindos, senhoras e senhores – começou ele. – Vocês agora estão prontos para tomar parte na grande luta. Novos mundos estão sempre sendo criados. Em alguns, impera a ciência... – Vi J/O erguer a cabeça cheio de orgulho. – E, em outros, a magia é a força motriz. A maioria dos mundos é uma mistura dos dois. Nós do EntreMundos não temos problemas com nenhuma dessas ideologias. Temos problemas sim com a BRUX e os Binários, porque ambos tentam impor seus sistemas de crença e métodos de realidade aos outros mundos. Às vezes através da guerra, outras vezes de maneira mais sutil.

"O EntreMundos existe para manter um equilíbrio. Somos um grupo guerrilheiro, em inferioridade de número e de armas. Nunca poderíamos confrontar nenhum deles diretamente, porque nunca venceríamos. Nem queremos vencer. Mas podemos ser o açúcar no tanque de gasolina, o chiclete no assento e aquele pequeno detalhe que faz toda a diferença.

"Nós protegemos o Altiverso. Mantemos o equilíbrio. Esta é nossa missão: conter as marés gêmeas da magia e da ciência, assegurar uma mistura das duas onde for possível. Vocês, recrutas, se graduaram na primeira etapa do treinamento básico, e estão de parabéns. Muito bem. Amanhã serão divididos em pequenos grupos e enviados em missões de treinamento. Tudo acontecerá como numa verdadeira operação de campo, exceto que, obviamente, não estarão correndo nenhum perigo real. Vocês irão visitar Terras neutras ou amistosas e terão um objetivo factível, porém não realmente fácil de alcançar, no período de tempo dado. Todos terão 24 horas para completar a missão e voltar à base.

"Cada equipe consistirá de quatro recrutas e mais um agente experiente, só para o caso de alguma coisa dar errado. O que, me apresso a dizer, não irá acontecer..."

Mais tarde, no refeitório, me sentei ao lado de Jerzy.

– Já sentiu saudade de casa? – perguntei.

– Por que eu sentiria? – indagou ele, espantado. – Se eu não estivesse aqui, não estaria de volta ao ninho da minha família: estaria morto. Devo minha vida ao EntreMundos.

– Entendi. – Tive uma pontada de inveja. Eu sentia saudades de casa o tempo todo, às vezes a ponto de ter dor de estômago, disparando meus biossensores e

preocupando os médicos. Mas não ia admitir isso, é claro, e mudei de assunto: – Será que vamos ficar na mesma equipe nesse exercício de treinamento?

– Por que ponderar e cogitar de maneira inútil – disse uma voz suave atrás de nós –, quando se pode simplesmente caminhar até o quadro de avisos nos fundos do refeitório e obter pleno conhecimento dos fatos. – Jai abaixou a cabeça, sorriu e passou por nós.

– Ele quis dizer que as tarefas das equipes já foram afixadas? – perguntou-me Jerzy.

– Acho que sim – falei, e corremos até o lugar onde ficava o quadro de avisos, que já estava apinhado de recrutas copiando informações relevantes em seus cadernos e gritando coisas como “Uau! Estou com Joliette! Melhor levar alho” e “Ei, Jijoo. Estaremos na mesma equipe amanhã!”.

Jerzy jogou a cabeça para trás e gritou, exultante.

– Estou na equipe do Ancião!

O próprio Ancião iria acompanhar uma equipe de quatro recrutas. Eu estava com inveja, mas também um pouco aliviado por não ser eu: o Ancião ainda me assustava às vezes. J/O também estava na equipe do Ancião. Assim como J’r’ohoho. Ele é um centauro, e deixou bem claro na semana passada que se ouvir mais uma vez alguém dizendo coisas do tipo “come como um cavalo” no refeitório, nós todos vamos ganhar marcas de ferraduras no rosto. Imaginei que o Ancião tivesse escolhido os candidatos mais promissores para sua própria equipe. Não estava surpreso por ele não ter me escolhido, e não podia culpá-lo.

O agente experiente da minha equipe era Jai, enigmático e, como uma vez ele mesmo se descreveu, com uma tendência sesquipedal.

– Quer dizer que ele gosta de usar palavras compridas – disse J/O, que tem acesso a vários dicionários em sua cabeça.

Na minha equipe, além de mim, havia Josef, grande como um touro; Jo, alada, que não falava comigo desde aquele dia no penhasco, mas que não fazia mais um esforço consciente em me ignorar; e Jakon, a garota-lobo. Podia ser pior.

E então soou o sinal e saímos todos para a aula de Taumaturgia Prática, com laboratório.

O despertador tocou meia hora antes do amanhecer, me acordando de um sonho

agitado em que minha família e eu tínhamos, por alguma razão onírica, feito as malas e nos mudado para a Interzona. No sonho, depois de tentar subir a escada do refeitório, que tinha se tornado uma xilogravura de M. C. Escher, eu passava a ouvir um sermão da minha mãe, que me dizia que, se eu tirasse notas ruins, demônios viriam me comer. Minha mãe parecia uma obra de Picasso, com os dois olhos de um lado do nariz, Jenny tinha se tornado uma garota-lobo, e o lula era uma lula de verdade, que vivia numa caverna no fundo do mar. Fiquei feliz de verdade em me levantar da cama.

Fizemos fila para o mingau, enquanto minhas versões carnívoras recebiam carne de auroque moída, cozida ou, no caso de Jakon, crua. Pegamos nossas provisões e nos reunimos no campo de manobras em grupos de cinco.

Vários grupos foram liberados para sair, entraram na Interzona e desapareceram.

Até que a assistente do Ancião saiu correndo de seu escritório e o chamou. Eles estavam bem perto de nós e pude ouvir.

– Eles não podem? Agora? Bem, não dá para evitar. Afinal, quando o Pessoal lá de Cima chama... Diga-lhes que estarei lá.

Depois virou para Jai e perguntou:

– Você pode levar mais um, não pode?

Jai fez que sim. Ele carregava as ordens seladas que nos levariam à nossa missão de treinamento.

O Ancião voltou para seu grupo e contou a eles as novidades. Então apontou para vários lugares no campo de manobras.

Por um instante me animei com a esperança de que Jerzy fosse designado para nosso grupo, mas foi J/O quem veio em nossa direção.

– Ei, equipe nova – disse ele. – Bem, estou pronto para ir. Nós, que estamos prestes a morrer, e essas coisas...

– Não diga isso nem de brincadeira – falou Jai. Depois deu um tapinha em meu ombro, me indicando que eu seria o Andarilho da equipe. – Inicie nossa excursão intradimensional.

– O quê? – perguntou Jo.

Jai sorriu.

– Tire a gente daqui – explicou ele.

Respirei fundo, abri uma porta para a loucura com a minha mente e, em fila

única, entramos.

A Interzona era fria e senti um gosto de baunilha e fumaça de lenha queimada ao Andar.



# CAPÍTULO ONZE

EU TINHA VOLTADO à Interzona várias vezes desde aquela minha primeira incursão assustadora; coisas de treinamento básico, para aprimorar minha habilidade de encontrar vários pontos de entrada e saída, aprender em que superfícies não pisar (os grandes discos arroxeados que flutuavam por ali como frisbees do tamanho de carros pareciam ser um meio de transporte fácil, mas coloque o pé em um e ele irá sugá-lo como uma voraz areia movediça) e como reconhecer fovimais e outros perigos. Eu ainda não gostava do lugar. Era bizarro demais, instável demais. Em uma das muitas aulas de sobrevivência que tivemos, a instrutora descreveu a navegação pela Interzona como "impor intuitivamente ordem direcional em uma hiperdobra fractal incipiente". Eu disse que, para mim, lembrava mais tentar sair de uma lâmpada de lava gigante. Ela disse que, naquele caso, dava no mesmo.

Mas, acredite se quiser, havia formas de atravessá-lo e sair onde você quisesse. Nenhuma delas era fácil – principalmente não para alguém como eu, que tinha dificuldade em chegar à loja da esquina em um espaço bidimensional como a superfície da Terra. Ninguém tinha certeza do número de dimensões que a Interzona compreendia, mas as mentes mais brilhantes do EntreMundos tinham determinado que havia pelo menos doze, e provavelmente mais cinco ou seis retraídas em vários cantos e fendas subatômicos. O lugar era cheio de hiperboloides, fitas de Möbius, garrafas de Klein... o que eles chamavam de formas não euclidianas. Era como estar preso nos piores pesadelos de Einstein. Caminhar por ali não era uma questão de olhar numa bússola e dizer "Por aqui!"; não havia apenas quatro direções, ou oito ou até mesmo dezesseis. Havia um número infinito de caminhos que se podia seguir – e era preciso foco e concentração, como para encontrar agulha num palheiro. Mais do que isso, era preciso imaginação.

Quando passamos pelo portal (que se parecia com uma porta giratória de loja

de departamentos dessa vez, só que com vitrais coloridos salpicados de gotas), demos de cara com uma face de um dodecaedro gigante enquanto Jai abria as ordens seladas. Ele tirou o papel e soltou o envelope (que prontamente criou asas e voou para longe; é muito difícil deixar lixo na Interzona). Abriu a folha de instruções, leu em silêncio e depois disse:

– Vamos seguir as seguintes coordenadas – anunciou, então as leu em voz alta: – É um dos mundos neutros da confederação Lorimare. Lá, recolheremos três sinais luminosos localizados dentro de uma área de aproximadamente dois quilômetros quadrados de nosso ponto de partida.

Peguei o papel e dei uma olhada. Havia coisas que se podia dizer sobre o destino apenas pelas coordenadas. Se você pensar no Arco – o que chamamos de Altiverso – como um desses de arco e flecha, mais grosso no meio e afinando em direção às extremidades, então esta Terra em particular ficava bem no meio da curva do Arco, na parte mais larga.

Os mundos das extremidades eram solidamente mágicos ou firmemente tecnológicos, mas a distinção se tornava mais vaga à medida que se aproximavam do centro. Nas duas pontas, os Binários e a BRUX governavam milhões de Terras sem contestação e dúvida, mas, quando se chegava mais perto do centro, por um lado ou pelo outro, seu domínio começava a perder força. Havia Terras em que um ou outro governava pelos bastidores, escondendo-se atrás de figuras como os *Illuminati* ou os Tecnocratas. E havia mundos cujas civilizações eram baseadas em ciência ou bruxaria, mas ainda não tinham sido incorporados por nenhum de nossos inimigos. Minha Terra era um desses mundos – um pouco mais avançada com relação à ciência do que à magia. O mundo para o qual estávamos indo ficava ainda mais perto do centro do Arco – sua balança civilizacional se inclinara cedo em direção à ciência, mas também podia ter ido para o outro lado, em direção à magia.

Jai apontou para mim e falou:

– Por favor, nos escolte para nosso verdadeiro destino, Andarilho.

Fiz que sim, ajustei as coordenadas na minha cabeça e deixei que elas me puxassem para um lado e para o outro, uma varinha rabdomântica psíquica. Concentrei-me no nódulo específico de saída que eu queria – um toro xadrez pulsante no extremo do que parecia um campo ondulante de tirinhas de tofu. Pulamos, um a um, do dodecaedro para um imenso pneumatóforo que flutuava

em um suave brilho dourado. Eu estava pronto para levá-los de lá para o toroide, quando de repente algo passou zumbindo pela minha cabeça, deixando um rastro multicolorido para trás.

– Um fovimal! – gritou Jakon. – Procurem um lugar para se esconder! – Mas sua natureza fez com que Jakon ignorasse a própria ordem e se encurvasse como um lobo, rosnando ameaçadoramente, enquanto tentava descobrir de onde vinha o perigo.

Jo, Jai e Josef começaram a checar a área logo em seguida. J/O se agachou, erguendo o braço laser e rastreando com seu radar ocular, tentando localizar a ameaça. Ele se assustou quando pulei, me colocando em sua linha de fogo.

– Pare! – gritei. – Não atire! Ele é meu amigo!

Os outros olharam para mim espantados.

– É um fovimal! – disse Jai, tentando evitar o atordoamento diante do estado de emergência. – São todos perigosos!

J/O tentou se esquivar de mim para mirar em Tom. Eu me movi para detê-lo, enquanto Tom espiava ansiosamente por cima do meu ombro.

– Ele é a criatura da Interzona de que lhes falei – expliquei. – Aquele que... – Parei, ao perceber como era imprudente relembrar o que havia acontecido com Jay. – Que... salvou a minha vida – concluí meio sem jeito. – Confiem em mim... Ele não vai machucar nenhum de vocês.

Meus companheiros me encararam cheios de dúvida, mas aos poucos saíram de seus esconderijos. Tom permaneceu prudentemente atrás de mim. Falei com ele em tom confortador, esperando encorajá-lo um pouco:

– Ei, Tom, como vai? É bom vê-lo de novo. Venha aqui que vou apresentá-lo ao pessoal.

E outras coisas desse tipo. Ele se sentiu um pouco mais seguro, mais ainda ficou a uns trinta centímetros de mim. Sua escala cromática pulsava com cores ansiosas, na maior parte em tons de roxo com ondulações turquesa.

– Vejam, estamos quase no portal – expliquei. – Tom não vai sair da Interzona.

Não mencionei que Jay e eu o havíamos visto pela primeira vez em um mundo limítrofe, do tipo que tinha algumas características da Interzona, mas era, no geral, mais próximo da realidade. Esperava que Tom não fosse – ou não pudesse – deixar completamente a Interzona. Afinal de contas, ele era um

fovimal, uma forma de vida multidimensional, e isso devia impedi-lo de se comprimir confortavelmente nas quatro dimensões dos planos terrestres. Seria como tentar colocar um polvo gigante em uma caixa de sapato. Pelo menos, era o que eu esperava.

– Muito bem – concedeu Jai, relutante. Ele e os outros se reuniram perto de mim, embora ninguém quisesse chegar muito perto de Tom.

– Para onde vamos agora? – perguntou Josef.

– Por ali. – Apontei para o donut xadrez. Jai deu um pulo e passou por ele, mergulhando com os pés na frente. Um a um os outros o seguiram, até restar apenas eu na Interzona.

Virei-me em direção a Tom. A criatura-bolha flutuou ao meu lado, ondulando com nuances esperançosas de azul e verde.

– Sinto muito, camaradinha, mas tenho negócios no mundo real. Talvez a gente se veja quando eu voltar. – Embora, francamente, eu duvidasse disso. Afinal, quais seriam as chances de esbarrar com ele de novo na imensidão incognoscível e não mapeável da Interzona? Praticamente nenhuma...

O que significava que ele havia me rastreado de algum jeito.

Pensar nisso me deixou ao mesmo tempo comovido e apreensivo. Eu nunca havia lido nada nos meus estudos que indicasse que os fovimais seriam capazes de sentir a presença das pessoas e encontrá-las, muito menos que se afeiçoassem a elas – mas, tendo em vista que tudo o que sabíamos a respeito deles reunido caberia com folga no umbigo do vírus da gripe, isso não era qualquer surpresa.

Ainda assim, tinha passado a gostar daquele camaradinha. E esperava que ele ficasse por ali aguardando a nossa volta.

– Tchau, Tom – falei. Então me joguei dentro do donut...

E deslizei por um portal que se encolheu até o tamanho de um pontinho e desapareceu atrás de mim. Pouco antes de isso acontecer, no entanto, uma pequena e densa bolha de sabão se espremeu por ele, depois rapidamente se expandiu até o tamanho de Tom e caiu onde eu estava.

Não o vi a princípio porque, como às vezes ainda acontecia, meu estômago tinha convencido o restante das minhas vísceras a se amotinar, e levei um minuto para aplacar aquela sensação. Então meus ouvidos internos negociaram um tratado e, por fim, consegui ficar de pé, ainda que um pouco cambaleante, e olhar em volta.

Notei as expressões nos rostos dos meus colegas de equipe um instante antes de ver Tom.

– Você falou que ele não sairia da Interzona – acusou Jai.

Dei de ombros enquanto Tom se escondia atrás de mim, no que estava se tornando seu lugar de costume.

– O que posso dizer? Não sei como me livrar dele. Se alguém tiver alguma sugestão, sou todo ouvidos.

Ninguém tinha. Jai concluiu que era melhor nos concentrarmos na tarefa que tínhamos em mãos, que era localizar o primeiro sinal luminoso. Eu ia alertar Tom para se comportar bem, mas as palavras não chegaram a sair da minha boca quando vi o que havia em volta.

Era uma vista impressionante. Estávamos em um telhado, admirando a vista de uma cidade que se parecia com a capa de uma antiga revista de ficção científica. Torres altas e estreitas, graciosas como mesquitas, erguiam-se em uma forma majestosamente novaiorquina à nossa volta, conectadas por rampas arrebatadoras e tubos de papel *glassine*. Carros voadores – brilhantes, de dois lugares, e em forma de lágrima – saíam voando velozes de plataformas de aterrissagem para o ar livre.

No entanto, nenhum de nós podia apreciar a paisagem por muito tempo – aquele mundo não parecia particularmente perigoso, mas uma cobra coral também não, com suas vívidas cores esmaltadas, até morder você. Havia um quiosque arredondado feito de metal resplandecente e decorado com uma rosa dos ventos art déco a cerca de um metro de distância. Uma placa dizia que era um “poço de elevador” – graças a Deus, aquela Terra usava uma forma idiomática inteligível. A porta de correr estava fechada, mas não havia nenhuma indicação de um mecanismo de abertura.

– Permita-me – disse J/O, e apontou o braço laser para a intersecção entre a porta e o quiosque. – Veja só como vou detonar essa belezinha.

– Você é irremediavelmente antissocial? – perguntou Jai. – Somos convidados nesta localidade. A destruição gratuita de propriedade particular seria considerada vandalismo injustificado.

Ele fechou os olhos e tocou a porta, que se abriu imediatamente. Não havia nenhum sinal de um elevador, apenas apoios de metal presos à parede do lado oposto formando uma escada e, um a um, começamos a descer por ela, um andar

após o outro, ouvindo J/O resmungar que nunca podia usar seu braço laser. Tom seguiu conosco, flutuando sobre nossas cabeças. Ele se aproximou demais de Jakon uma vez, e o rosnado dela o fez subir de volta uns seis metros no poço do elevador. Eu me perguntei, então, como algo tão indefeso podia ter sobrevivido na Interzona.

Enquanto descíamos, Jai pegou um dispositivo do tamanho e do formato de um dedal e o colocou sobre a palma da mão. Após alguns instantes, aquilo começou a flutuar no ar, com um minúsculo LED que piscou várias vezes, sinalizando à frente.

– Localizador ativado – disse ele. – O objeto a ser adquirido se encontra no antepenúltimo andar deste edifício.

– Seria pedir muito você tentar diminuir o número de sílabas quando tem algo a nos dizer? – perguntou Jo a ele, agitando as penas das asas de irritação.

– É mesmo – concordou J/O. – Tenho o chip mais recente do Merriam-Webster: vinte teras de dicionários, tesauros, glossários e tudo mais, com referências cruzadas que atendem sessenta planos de realidade, e ainda assim algumas de suas frases continuam dando erro.

Jai apenas sorriu.

– De que serve um vocabulário que não é usado?

A porta, então, se abriu e, um a um, entramos em um laboratório que era tão brilhante, refinado e high-tech que teria feito o dr. Frankenstein chorar de inveja. Como o restante da cidade, aquele lugar parecia ter sido construído nos anos 1950 e então pulado várias décadas para aterrissar direto no final do século XXI. Diversas luzes presas ao teto alto iluminavam tudo ao redor com um brilho ofuscante. Uma parede inteira era tomada por bancadas resplandecentes de computadores, com enormes rolos de fita magnética em seus painéis frontais. Havia capacitores, terminais de eletrodos que às vezes estalavam com a energia, enormes unidades de refrigeração e outras máquinas que eu não reconhecia.

Por mais estranho que pareça, embora a maioria do equipamento estivesse funcionando, não havia nenhuma pessoa ali, como notou Jakon. Jai deu de ombros.

– Melhor para nós – disse ele. Em seguida, girou o dedo pela sala, seguindo o padrão de luz do dedal até ela se estreitar em uma linha fina. – Lá em cima. – Apontou ele.

“Lá em cima” era uma série de prateleiras a uns seis metros do chão, a uns dois terços da distância até o teto.

– Eu cuido disso – disse Jo. Ela deu um passo à frente, abriu as asas, evitando com cuidado a corrente crepitante de um gerador Van de Graaff, e levantou voo. Ao vê-la se erguer suavemente com suas angelicais asas brancas de um metro e meio de envergadura, me peguei pensando que a Terra da qual ela viera devia ser o mais parecido com o Paraíso no Altiverso.

Jo parou, flutuando perto da prateleira e levou a mão atrás de alguns objetos. Tom parecia fascinado com a habilidade dela de voar, mas sua curiosidade era moderada pela cautela, então ele apenas pairava por perto e observava. Jo pegou um pequeno utensílio que parecia piscar, embora não desse para ter certeza – os flashes pareciam quase ultravioleta, bem no limite da luz visível. Era um pouco perturbador, então desviei o olhar, espiando por cima de um painel de controle e um monitor para observar através de uma janela.

Algo estava me incomodando, mas eu não sabia dizer exatamente o que era...

O laboratório ficava a três andares do alto da torre e, pela janela, dava para ver a maior parte da cidade. Ouvi o farfalhar das asas da Jo quando ela aterrissou atrás de mim, e aquela vaga sensação incômoda que se agitava em minha mente começou a tomar força quando ela entregou o sinal luminoso a Jai.

– Um já foi, faltam dois – disse Jakon, ou melhor, meio disse, meio rosnou.

– Não é possível que o teste seja só isso – resmungou Josef, soando desapontado.

E eu queria dizer *Não é, não... Não baixem a guarda...* mas não tinha certeza do *porquê* de querer dizer isso. Então, ao ver uma daquelas pequenas e reluzentes aeronaves, entendi.

Mas já era tarde demais.

Virei-me para os outros e disse:

– É uma armadilha! – Mas foi só o que consegui falar, porque então tudo...

*mudou*.

Era como observar uma onda que começava no sinal que Jo tinha nas mãos... uma onda que se espalhava para fora em todas as direções, varrendo tudo em seu caminho, inclusive nós. Não senti nada a não ser um frio passageiro e alguma desorientação. Nenhum dos meus colegas também parecia ter sido afetado.

Mas todo o resto sim. Aquela onda que não parava de se estender se elevou e

ficou transparente, então passou sobre o equipamento e a parafernália científica, transformando tudo com sua passagem. Aquele clarão fluorescente impiedoso deu lugar à luz amarela tremeluzente das velas. Um monitor de segurança de longo alcance piscou e se transformou em uma bola de cristal. Um suporte com produtos químicos e soluções em retortas e tubos de ensaio se transfigurou em um armário de carvalho com potes de barro e frascos cheios de vários pós, sais e elixires. Uma câmara de contenção de radiação e materiais tóxicos se transformou em um círculo de tijolos dourados incrustados no chão, gravados com símbolos cabalísticos de proteção. A onda – na verdade, uma bolha em expansão com todos nós no meio – acelerava à medida que ficava maior e, em uma questão de segundos, o laboratório futurista tinha se transformado no santuário de um feiticeiro.

E não parou aí. Ao olhar pela janela, pude ver a onda se espalhando pela cidade em todas as direções como a explosão radioativa de uma bomba nuclear. Os arranha-céus *art déco* e seus pináculos ondularam, oscilaram e se transformaram em torres góticas de pedra. As rampas e tubos aéreos desapareceram, e as rápidas aeronaves se metamorfosearam em criaturas aladas semelhantes a dragões que levavam passageiros humanos em suas costas.

Em uma questão de um minuto ou menos, a resplandecente cidade de ficção científica tinha se transformado em um povoado medieval completo, com um castelo no meio, e nós em sua torre mais alta. Até a janela pela qual eu olhava agora era uma abertura com barras de ferro cruzadas no lugar de vidro. Tudo havia mudado.

*Não*, pensei, *não mudado*. Não se pode mudar o que sempre foi, e aquele tinha sido sempre um mundo governado pela magia, e não pela ciência. Meu subconsciente tinha percebido isso quando Jo voara para pegar o sinal luminoso. As asas dela eram pequenas demais para suportar seu peso em termos de elevação e pressão de ar. O povo de Jo tinha se desenvolvido em um mundo em que a magia estava por toda parte, e ela podia voar apenas quando esse poder transmundano estava presente.

Como ali.

– De volta ao telhado! – gritei, e me virei em direção ao poço do elevador, mas em vez dele encontrei uma escadaria estreita, cheia de guardas com lanças, espadas e arcos apontados para nós.

Eu me chamei de idiota de todas as maneiras possíveis. Não era de espantar que outras pessoas além daquelas não fossem vistas voando ao longe nas aeronaves. E não era de espantar que a cidade inteira parecesse tão reluzente. Haviam lançado um feitiço sobre todo o lugar para nos iludir: um encanto que tinha hipnotizado nossos olhos e cérebro, nos levando a visualizar uma falsa fachada. Ao pegarmos o primeiro sinal luminoso – provavelmente um talismã disfarçado de sinal – tínhamos acionado algo que desfazia o encanto e comunicava à BRUX que havíamos caído em sua armadilha.

Não era de estranhar que tudo tinha sido tão fácil!

Tom flutuou ansioso para onde eu e meus companheiros estávamos, enquanto os guardas armados abriam caminho para duas pessoas que eu esperava nunca mais ver de novo – Scarabus, o incrível Homem Tatuado, e Neville, aquela versão viscosa em tamanho real, que andava e falava, de um boneco que eu havia ganhado uma vez de Natal para aprender as partes do corpo humano. Eles desceram as escadas e pararam, cada um de um dos lados da entrada, como se esperassem alguém, e não foi difícil adivinhar quem seria.

Ouvi o farfalhar de uma túnica de seda, e uma figura encapuzada se materializou da escuridão na escadaria da torre. Ela entrou na área iluminada pela luz tremeluzente das arandelas, tirou o capuz e nos inspecionou até me encontrar, e então sorriu.

– Ora, voltamos a nos encontrar, Joey Harker – disse Lady Indigo. – Que surpresa agradável. E olhe! Dessa vez, você trouxe seus amigos.

# CAPÍTULO DOZE

– FIQUEM ATRÁS DE MIM! – gritou Jai, provando mais uma vez que ele podia dizer exatamente o que queria quando precisava.

Ele flutuava a mais ou menos quinze centímetros do solo. Levantou as mãos, e algo como um imenso guarda-chuva transparente se materializou à nossa frente. As habilidades telecinéticas de Jai não dependiam de magia nem de ciência, ele me dissera uma vez, embora fossem mais fortes nos mundos mágicos. Elas eram, ele explicara, *espirituais*. Não importa. Só esperava que pudessem manter Lady Indigo a distância.

Uma saraivada de flechas atingiu o escudo guarda-chuva, desacelerou no ar e caiu no chão, desprovida de toda força.

Lady Indigo fez um gesto e, sobre sua palma, surgiu uma bola de fogo vermelho vivo que ela soprou, lançando-a em direção ao escudo guarda-chuva de Jai. Quando atingiu o escudo, a bola de fogo explodiu em um tipo de chama vermelha com a consistência de um xarope. Jai parecia cerrar os dentes. Começou a suar e depois, lentamente, a tremer. O esforço para manter o escudo no lugar era muito grande.

Então ouvimos um *pop!*, e o escudo desapareceu numa grande chama vermelha. Jai caiu no chão.

Ouvi um rosnado. Josef tinha erguido Jakon, a garota-lobo, e a atirado escada acima como se fosse uma bola de boliche. Parecia um dos jogos de que tínhamos participado na Base Central, mas aquilo era para valer. Ela derrubou uma dúzia de arqueiros rolando como uma ginasta. Então pulou da escada em cima de Neville. Acho que ela esperava atirá-lo ao chão, mas, ao atingir sua carne gelatinosa, congelou, paralisada, como se tivesse sido atingida por uma água-viva. Neville pegou Jakon como se ela fosse um brinquedo, sacudiu-a com força e a soltou. Ela não se mexeu mais.

Josef grunhiu e disparou em direção a Neville como se fosse um tanque, mas

aquilo mal pareceu perturbar o homem água-viva. Josef socou com força a vasta barriga de Neville, que simplesmente se distendeu como se estivesse em câmera lenta sem aparentemente incomodá-lo nem um pouco.

O homem água-viva riu, uma gargalhada torpe e borbulhante.

– Eles mandam crianças para lutar contra nós! – exclamou ele. Então estendeu as mãos, lançando sua pele gelatinosa que cobriu o rosto de Josef. Pude vê-lo lutar para respirar, os olhos arregalados. Em seguida, Josef também desabou.

Jo voou até as vigas da sala, protegendo-se das flechas em um dos cantos.

Lady Indigo estalou os dedos e Scarabus ajoelhou-se aos seus pés. A feiticeira tocou uma figura que subia pela coluna dele. Era a tatuagem de um dragão.

E então Scarabus desapareceu e deu lugar a um dragão, enorme e sibilante, com asas e garras e um assustador corpo de serpente. Ele decolou, desviando das vigas, movendo-se em uma velocidade estonteante em direção à Jo, que procurava se proteger recuando, apavorada.

Quase indolentemente, ele se enroscou em torno de Jo, esmagou-a contra a parede e voltou para o chão, carregando o corpo inconsciente dela.

Depois o dragão se recolheu outra vez no chão, sacudiu-se e voltou a ser Scarabus. Jo estava caída no chão ao seu lado.

Tudo ficou em silêncio.

Eu queria fazer alguma coisa, mas o quê? Eu não tinha nenhuma habilidade especial ou poderes, como os outros, e não carregava nenhuma arma; nenhum de nós estava com uma, exceto J/O, cujas armas eram embutidas. Afinal, era apenas uma missão de treinamento.

– Que amigos adoráveis você tem – observou Lady Indigo. – E todos também são Andarilhos. Nenhum deles é tão poderoso ou habilidoso quanto você, mas depois de cozidos e engarrafados, cada um será capaz de fornecer energia para um navio ou dois, você não acha?

Embora a descrição da cena tenha demorado um tempinho, tudo aconteceu apenas em uma questão de segundos. Então agora só restávamos eu e J/O. Eu podia ter tido meus problemas com o fedelho – imagino que eu também tenha sido um fedelho quando tinha a idade dele –, mas agora era ele e eu... e Tom, que tinha encolhido até o tamanho de uma bola de boliche e assumido um matiz

assustado e translúcido de cinza.

– Acho que não – retrucou J/O em resposta a Lady Indigo. Ele mirou o braço laser nela, mas em sua ponta surgiu apenas um fraco brilho vermelho e nada mais. Concluí que não era o melhor momento para falar que a tecnologia não funcionaria muito bem em um mundo solidamente mágico.

J/O xingou, usando uma palavra que deve ter aprendido em um de seus programas de dicionário, porque comigo é que não tinha sido.

E então Lady Indigo pronunciou uma palavra que não poderia ser encontrada em nenhum dicionário e fez um gesto breve com a mão, e J/O ficou completamente imóvel, com uma expressão boba no rosto.

– Levem-nos para o calabouço – ordenou ela aos soldados. – Cada um deles deve ser aprisionado em uma cela diferente. E acorrentem todos. – Ela caminhou até J/O. – Acompanhe esses gentis cavalheiros até a cela que irão preparar para vocês e ajude-os a acorrentá-los. Irei vê-los quando todos estiverem acomodados.

Ele olhou para ela como um servo olharia para seu Deus. Aquilo me deixou enojado, porque eu sabia que devia estar com a mesma cara quando Jay me resgatou do navio pirata.

Mas sabe o que me deixou ainda pior? Vou lhe dizer. Eles me deixaram por último porque não se preocupavam comigo. Todos os outros representavam um problema a ser resolvido ou um transtorno a ser contornado. Eu era insignificante. Não tinha importância.

– E quanto a mim? – perguntei.

– Ah, sim. O pequeno Joey Harker. – Ela se aproximou de mim. Um pouco demais. Dava para sentir seu perfume, que parecia uma mistura de rosas e putrefação. – Que timing perfeito. Esperava pegar um Andarilho de primeira classe em nossa armadilha, mas você é mais do que eu podia imaginar. Precisam de você na BRUX. Com muita urgência. Estamos preparando um grande ataque. E você... você pode nos fornecer energia para uma *frota* de navios de guerra. Dentro de uma hora sairá uma escuna-correio, e você estará nela. Paralisado, é claro. Scarabus?

O homem tatuado assentiu.

– Está tudo pronto, milady.

– Que bom! – exclamou ela. E lançou um tipo de feitiço em mim.

Imagino que deva ter sido o feitiço paralisante, mas não sei dizer ao certo. Porque, antes de me atingir, Tom se colocou na minha frente e o interceptou, de forma que o feitiço o atingiu, disparando faíscas douradas, e evaporou.

Tom ficou da mesma cor das toalhas rosa felpudas do banheiro de Lady Indigo. Pensei se era algum tipo de piada fovimal.

Lady Indigo não achou graça. Olhou para seus homens de confiança e perguntou:

– *Que* criatura é essa? Neville?

– Nunca vi nada assim antes – respondeu o homem água-viva e atirou um grande vaso canópico verde em Tom.

Ao atingi-lo, o vaso parou, congelado por um instante no tempo e no espaço, e depois desapareceu. A pele translúcida de Tom mudou de verde para dourado e para rosa, até ficar completamente branca.

Tom balançou suavemente no ar por alguns instantes. Parecia estar olhando para as pessoas na sala, tentando decidir o que fazer em seguida.

E então se lançou em minha direção.

Por um instante, toquei a superfície de Tom, fria e escorregadia e, por estranho que pareça, nada nojenta... e então o mundo explodiu.

Vi várias coisas ao mesmo tempo, como se estivessem sobrepostas: vi Lady Indigo e o porão; vi o mundo com o feitiço para que parecesse científico; vi meus companheiros caídos – só que eu podia vê-los de todos os ângulos, de cima, de baixo, de lado e por dentro. E era como se pudesse vê-los através do tempo também, com todas as intersecções que os haviam levado àquele lugar.

E de lá deslizei para um mundo que fazia total sentido: claro, sensato e inteiramente lógico. E soube, de algum jeito, que aquela era a Interzona. Mas a Interzona do ponto de vista de uma forma de vida multidimensional. Era como Tom via o lugar.

Nossas mentes se tocavam, e eu começava a ter uma ideia do que Tom realmente era...

... quando...

Caí no que era considerado chão na Interzona. Neste caso, uma fina película de cobre que parecia se manter unida por tensão superficial. E então minúsculas espirais incongruentes caíram dos céus.

O lugar já não fazia mais sentido, o que era um grande alívio para mim. Tom

pairava solicitamente ao meu lado no ar. Ou talvez um Tom do tamanho de Vermont estivesse a milhares de quilômetros de distância de mim, brilhando em uma tonalidade reconfortante de azul. Em seguida, Tom fez sair de seu corpo um pseudópode, que se abriu com suavidade na forma de dedos, depois expressou seu pesar deslocando-os em um arco e os absorveu novamente para dentro do corpo-bolha.

– Obrigada por me tirar de lá. Mas preciso ajudá-los. São minha equipe.

Se uma bolha sem formas definidas pode dar de ombros, foi o que Tom fez.

Concentrei-me nas coordenadas do portal daquele mundo...

... e nada aconteceu. Era como se aquele mundo não existisse mais. Como se as coordenadas não tivessem mais sentido.

Procurei me concentrar ainda mais. Nada aconteceu.

– Tom, onde nós *estávamos*? O que aconteceu lá?

Tom parecia ter perdido o interesse em mim. Ele girou, em meio a um som vago de mensageiro dos ventos e desapareceu.

– Tom! Tom! – gritei, mas de nada adiantou. O fovimal tinha sumido.

Tentei uma última vez chegar ao mundo para o qual tinha levado meu grupo, mas nada.

E então, com o coração pesado, pensei

{EM}:=Ω/∞

e voltei à base, em busca de reforços para tirar minha equipe das garras de Lady Indigo.

A base estava lotada com as equipes que retornavam das missões de treinamento, carregando, triunfantes, os sinais luminosos. Vi J’r’ohoho, o centauro, passar galopando com um garoto que poderia ser eu em suas costas.

Corri para a primeira oficial que vi e lhe contei minha história. Ela ficou pálida, chamou alguém, e eles conversaram.

Depois ela me levou para a sala atrás dos depósitos, que era o mais próximo que a Base tinha de uma cela de prisão. Pegou alguma coisa que se parecia muito com uma arma padrão feita na Terra e ordenou que eu me sentasse em uma cadeira de plástico que era a única peça de mobília ali enquanto ficava de pé na porta com a arma apontada para mim.

– Tente Andar e explodo seus miolos – disse-me ela, de maneira firme e direta.

O pior de tudo era que, em algum lugar na infinidade de mundos possíveis, em um calabouço de pedra sob o fosso de um castelo, minha equipe estava acorrentada, ferida e abandonada à própria sorte.

# CAPÍTULO TREZE

ELES VIERAM ME FAZER perguntas e eu as respondi da melhor maneira possível. Parecia um pouco com um relatório de missão, mas bem mais com um interrogatório.

Havia três deles: dois homens e uma mulher. Todos eram eu, só que mais velhos.

E me perguntavam as mesmas coisas repetidas vezes: “Onde você os levou?”, “Como escapou?”. E outras tantas vezes: “Onde eles estão?”

E contei tudo. Como achava ter levado a equipe para o lugar certo. Como Tom, o pequeno fovimal, me tirou de lá. Como tentei voltar para lá para encontrá-los, mas não consegui.

– Já mandamos uma equipe de resgate atrás deles. É apenas um mundo tecnológico comum, como centenas de milhares de outros. Eles dizem que sua equipe nunca esteve lá. Nunca viram vocês.

– Talvez não tenhamos mesmo ido até lá. Só sei que parecia o lugar das coordenadas que recebemos. Parecia um mundo tecnológico, e então... mudou. E eles nos pegaram. Mas não fiz isso de propósito. Juro que não!

Eles me fizeram perguntas por horas, e então saíram, trancando a porta.

Não podia entender por que tinham trancado a porta. Eu podia ter Andado para fora dali – os planetas do EntreMundos têm portais potenciais em todos os lugares. Talvez fosse apenas simbólico. De qualquer forma, não havia nenhum lugar para aonde eu quisesse ir.

A porta se abriu na manhã seguinte e fui conduzido para fora, piscando em razão da luz que entrava pela porta.

Levaram-me para o escritório do Ancião. Eu só tinha estado lá uma vez antes. A mesa dele ocupava a maior parte da sala, e estava coberta por pilhas de papéis e pastas. Não vi nenhum computador ou bola de cristal, mas isso não significava

que não estavam lá.

O Ancião parecia estar na casa dos cinquenta anos, mas era bem mais velho do que isso, mesmo em tempo linear. Já tinha encarado sua parcela de ação, e mais até... Apesar da reconstrução celular, está bastante debilitado. Seu olho esquerdo é artificial. Luzes piscam dentro dele, verdes, violetas e azuis. Há várias lendas sobre o que esse olho é capaz de fazer: lançar raios laser e feitiços de transfiguração, ler seus pensamentos mais íntimos, ver através de paredes – pode escolher. Talvez possa fazer todas essas coisas; talvez nenhuma delas. Só o que sei é que quando olha para alguém, a pessoa tem vontade de confessar todas as coisas erradas que já fez na vida e mais várias que não fez, só por precaução.

– Olá, Joey – disse o Ancião.

– Não fiz de propósito. Não queria perdê-los, senhor, sério mesmo. E tentei voltar para lá.

– Espero mesmo que não tenha feito de propósito – respondeu ele em voz baixa. E, após uma pausa, continuou: – Sabe... algumas pessoas questionaram a ideia de deixar você participar do treinamento para Andarilho, após a morte de Jay. Falei para eles que você era jovem, inexperiente e impetuoso, mas que tinha potencial para ser um dos melhores. E que, de certo modo, como o próprio Jay queria, você se tornaria seu substituto. Em todos os detalhes.

Ele me encarou com firmeza e continuou:

– Mas agora estamos diante de uma situação em que temos um no lugar de seis... e, bem, o custo é muito alto. Você os levou para o lugar errado. Depois os perdeu. E parece que os abandonou lá para salvar seu pescoço.

– Sei o que parece. Mas não foi o que aconteceu. Olhe, posso encontrá-los... só me deixe tentar.

– Não. – Ele balançou a cabeça. – Sinto muito, mas não será possível. Vamos dar por encerrado. Você não vai se formar. Em vez disso, apagaremos as lembranças que você tem desse lugar e de tudo o que aconteceu desde que deixou sua Terra. E vamos tirar também sua habilidade de Andar.

– Para sempre? – Não teria sido pior se ele tivesse dito que tiraria meus olhos.

– Temo que sim. Olhe, não queremos que você se machuque. Se começar a Andar, você será como um farol. Poderá guiá-los direto para o seu mundo... ou de volta ao EntreMundos.

“Então vamos mandá-lo de volta para a sua Terra. Não vamos nem ajustar o diferencial temporal. Será melhor para você assim... Você não terá se ausentado por muito tempo.”

Tentei pensar em alguma coisa para dizer em minha defesa, mas tudo em que consegui pensar foi: “Mas eu os levei *mesmo* para as coordenadas que recebi. Sei que sim. E não os abandonei.” E eu já tinha dito isso no dia anterior para diversas pessoas, diversas vezes.

Em vez disso, perguntei:

– Quando vocês vão apagar minhas lembranças?

Ele, então, me lançou um olhar de grande compaixão.

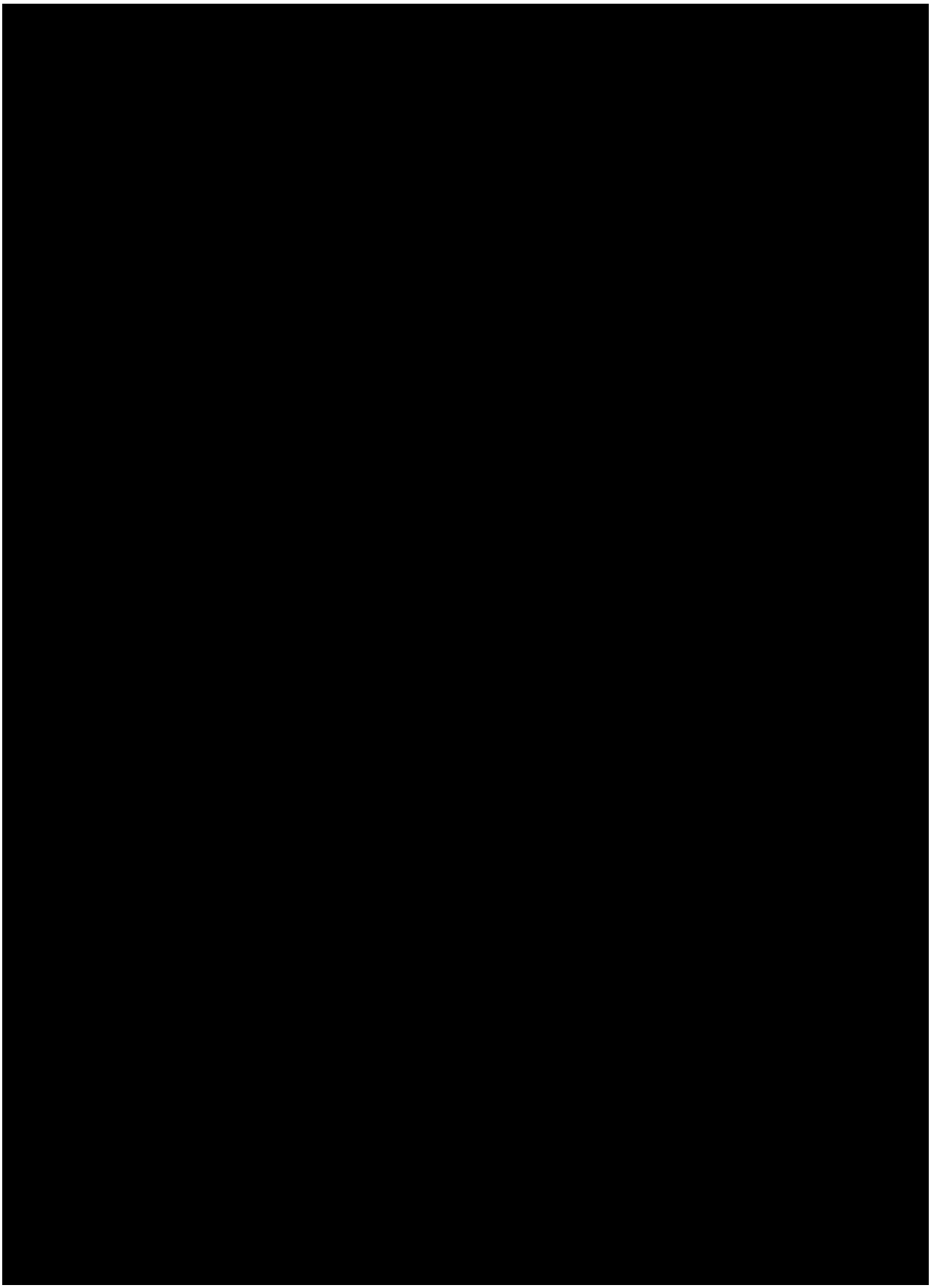
– Já apagamos.

Olhei desconcertado para o estranho à minha frente que tinha olhos que não combinavam.

– Quem...? – perguntei. Ou algo assim.

– Sinto muito – disse ele.

E então tudo escureceu.



– A amnésia é uma coisa engraçada – comentou o médico da minha família, o dr. Witherspoon. Ele tinha feito o parto do lula, tratado a catapora de Jenny e costurado minha perna no ano passado quando fui estúpido a ponto de descer as quedas do Grand River em um barril. – Quero dizer, no seu caso, você perdeu mais ou menos 36 horas. Se não estiver fingindo.

– Não estou – insisti.

– Acredito em você. Vou lhe dizer, a cidade toda se empenhou na sua busca. Não acho que o Dimas vai conseguir manter o emprego depois dessa história. Mandar crianças para a cidade e lhes dizer para encontrarem o caminho de volta... bem. – Ele examinou meus olhos com o auxílio de uma luz. – Não vejo qualquer evidência de concussão. Você não se lembra de *nada* antes de entrar na delegacia?

– A última coisa de que me lembro é estar perdido com Rowena. Depois disso, tudo fica confuso, como quando a gente tenta se lembrar de um sonho.

Ele olhou para sua prancheta e comprimiu os lábios. O telefone ao lado da cama tocou, e ele atendeu.

– Sim – disse o médico. – Ele parece bem... Minha querida, ele é um adolescente. Eles são praticamente indestrutíveis. Não se preocupe. Claro, venha buscá-lo dentro de uma hora. – Colocou o aparelho no gancho. – Era sua mãe – me contou ele. Depois anotou alguma coisa em meus registros. – Bem, talvez sua memória volte. E talvez você tenha perdido 36 horas de sua vida para sempre. Não há como dizer agora.

Então me olhou com atenção de novo e falou:

– Você está mais magro do que eu me lembrava. Está preocupado com alguma coisa? Quer me contar algo?

– Não consigo parar de pensar que perdi alguma coisa – respondi. – Mas não sei o quê.

Algumas pessoas acharam que eu estava fingindo. Ouvi uma história na escola sobre como eu tinha ido de carona até Chicago, o que era meio perturbador – quero dizer, por tudo o que sabia, eu podia mesmo ter pegado uma carona até Chicago. Ou ido até mais longe.

O noticiário local das onze da manhã dedicou um segmento inteiro para

contar a minha história, com entrevistas com o prefeito Haenkle, o chefe de polícia e um velho que demonstrava com uma maquete que eu tinha sido levado por um disco voador.

Dimas não perdeu o emprego. Como descobri depois, cada um dos cartões que ele tinha nos dado antes de sairmos tinha um chip localizador. Então ele sabia onde cada um de nós estava o tempo todo.

Menos eu, claro. Meu pontilho vermelho tinha desaparecido da tela de seu laptop (ele tinha ficado dando voltas com seu jipe para garantir que nenhum de nós havia entrado em um ônibus ou ligado para casa pedindo carona)... e não voltara a aparecer. Essa era uma das coisas que o cara do disco voador apontava como evidência de que eu tinha sido levado para o espaço.

Ted Russell achou hilário. Ele começou a me chamar de “garoto voador”, “capitão espacial”, “Obi-Wan Harker” e coisas do gênero, sempre que me via. Eu procurava ignorá-lo ao máximo.

Fiquei bastante popular, mas do jeito que um urso numa jaula ficaria. Alguns alunos queriam ser meus melhores amigos, e outros ficavam olhando e apontando para mim no refeitório.

Rowena Danvers me procurou depois da aula de matemática, no fim daquela primeira semana.

– Então, onde você foi parar naquele dia? – perguntou ela. – Um disco voador o abduziu? Você foi para Chicago? Ou o quê?

– Eu não sei – respondi.

– Pode me contar. Afinal, fui eu que esperei por você naquela esquina idiota por meia hora. Não vou falar para ninguém.

– É que não sei mesmo. Bem que eu queria saber.

Seus olhos faiscaram de raiva.

– Está bem, se você prefere assim. Achei que éramos amigos. Você não precisa confiar em mim se não quiser. Não ligo para você mesmo. – E saiu pisando duro, e tudo o que consegui pensar foi: *Sei como você ficaria com o cabelo bem curtinho*. E então me perguntei por que tinha pensado isso.

Certa manhã – alguns dias depois que a matéria do jornal local foi ao ar –, Ted Russell foi longe demais. Acho que ele odiava toda a atenção que eu estava recebendo. Ou talvez ele fosse apenas muito mau e não tivesse feito nada desagradável recentemente.

De qualquer forma, no intervalo entre duas aulas, ele chegou por trás de mim de surpresa e me deu um murro na altura dos rins.

E tudo aconteceu meio rápido.

Alterei meu centro de gravidade inclinando ligeiramente as pernas, dei um passo atrás e deslizei meu outro pé para frente numa postura de gato (e não me pergunte como sei esse nome) de caratê. Peguei o pulso dele e o retorci de uma das poucas maneiras que um pulso não foi feito para se dobrar, puxei Ted para o chão e levei minha outra mão à sua nuca. Em questão de segundos, Ted tinha deixado de me provocar dor e passado a se contorcer em agonia aos meus pés. Desliguei o piloto automático que tinha entrado em ação bem a tempo de evitar o último movimento da sequência, que eu sabia (de novo, não me pergunte como) que daria fim a Ted.

Ele ficou de pé e me olhou assustado como se eu tivesse tentáculos verdes. Então saiu correndo da sala, o que foi bom, porque eu estava completamente congelado. Eu não sabia o que tinha feito nem como. Era como se meus músculos soubessem o que fazer sem precisar de mim.

Fiquei aliviado por ninguém mais ter visto aquilo.

As coisas continuaram assim por cerca de duas semanas.

– Você devia ser abduzido por alienígenas mais vezes – comentou meu pai uma noite no jantar.

– Por quê?

– Está cheio de notas máximas pela primeira vez na história da humanidade. Olha, estou impressionado.

– Ah. – De alguma forma aquilo não me parecia tão legal. Era muito fácil fazer o dever de casa agora: como se eu soubesse o quanto poderia ser difícil e do que eu era capaz. Eu me sentia como um Porsche que descobrira que não era mais uma bicicleta, mas ainda estava participando de competições de ciclismo.

– O que você quer dizer com “Ah”? – perguntou mamãe imediatamente.

– Bem. – Gesticulei com um talo de brócolis. Se fizer isso o bastante, às vezes não notam que você não está comendo. – É só matemática, espanhol, inglês, você sabe. Não é nada como geometria hiperdimensional ou coisas assim.

– Não é como *o quê*?

Pensei no que tinha acabado de dizer.

– Sei lá. Desculpa.

Na maior parte do tempo, eu me esquecia das 36 horas que havia perdido. Mas quando adormecia à noite e, às vezes, quando acordava pela manhã, sentia algo me incomodando no fundo da minha mente. Algo que coçava. E fazia cócegas. Que comichava e formigava. Eu sentia como se faltasse algo na minha cabeça; como se um olho que se abrira tivesse se fechado para sempre.

Eu ficava bem, a menos que estivesse deitado no escuro. E então doía *mesmo*. Eu tinha perdido algo grande e importante. Só não sabia o quê.

– Joey? – chamou minha mãe. E depois disse: – Você está ficando grande demais para ser Joey. Acho que em breve será apenas Joe.

Senti um arrepio nos braços. Estava acontecendo, de novo. O que quer que fosse.

– Oi, mãe.

– Você pode tomar conta do seu irmão por algumas horas? Seu pai e eu vamos visitar meu fornecedor de pedras. Ele conseguiu uma pedra preciosa da Finlândia da qual nunca ouvi falar que disse ser perfeita para mim.

Já falei que minha mãe cria e faz joias? Era um tipo de hobby que saiu um pouco de controle e acabou pagando pela ampliação da casa.

– Claro – respondi.

O lula é um garotinho legal. É até bem divertido para um bebê de um ano e meio. Ele não resmunga (muito) e não chora a não ser que esteja cansado, e não anda atrás de mim o tempo todo. E sempre parece feliz quando brinco com ele.

Subi até o quarto dele na parte nova da casa. Toda vez que subo aquelas escadas me pergunto se seu quarto vai estar ali dessa vez.

É como um daqueles pensamentos paranoicos que passam pela sua cabeça quando não está acontecendo nada, como quando se está no ônibus, voltando da escola para casa, e você se pergunta se seus pais podem ter se mudado sem lhe falar nada. Você já deve ter pensado coisas assim. Não posso ser o único.

– Ei, lula – chamei. – Vou tomar conta de você por algumas horas. O que quer fazer?

– Bolhas – disse ele. Só que soou mais como “Bôias”.

– Lula, estamos no começo do inverno. Ninguém faz bolhas com esse tempo.

– Bôias – respondeu o lula com voz triste. Seu nome verdadeiro é Kevin. Ele

parecia muito chateado.

– Você vai colocar o casaco? – perguntei. – E as luvas?

– Vou – disse ele. Então desci até a cozinha e preparei uma vasilha cheia de mistura para bolhas, usando detergente um pouco de glicerina e de óleo de cozinha. Então vestimos nossos casacos e fomos para o quintal.

O lula tem algumas varinhas de plástico de soprar bolhas, a maioria das quais não usa desde setembro, o que significa que tive de encontrá-las e depois lavá-las, já que estavam cobertas de lama. Quando finalmente estávamos com tudo pronto para fazer bolhas, começou a nevar um pouco – grandes flocos desciam do céu cinzento rodopiando.

– Êee – disse o lula. – *Bôias. Ôia.*

Mergulhei a varinha no balde e a agitei no ar, e então imensas bolhas de sabão multicoloridas saíram do aro de plástico e flutuaram. O lula fez barulhinhos de alegria, que não eram exatamente palavras, mas também não deixavam exatamente de ser. Os flocos de neve caíam sobre as bolhas e estouravam as menores ou aterrissavam sobre as bolhas maiores e deslizavam por elas; e cada bolha de sabão ao flutuar para longe me fazia pensar em...

... *Algo*...

E estava ficando louco sem conseguir saber o que era.

Até que o lula riu e apontou para uma bolha que flutuava, dizendo:

– Tum!

– Verdade, parece mesmo o Tom. – E parecia. Eles tinham apagado tudo da minha mente, mas não puderam apagar o Tom. Aquela bolha se parecia com...

... Se parecia com o fovimal que era...

– ... É uma forma de vida multidimensional...

Pude ouvir a voz dele dizendo isso, sob aquele céu torvelinhante, que parecia ter sido feito com pintura de dedos...

*Jay.*

Eu me lembrei dele, sangrando sobre a terra vermelha depois do ataque do monstro...

E então as lembranças voltaram. Todas, de um estalo, enquanto estava ali em pé na neve com meu irmãozinho, soprando bolhas.

Eu me lembrei. Eu me lembrei de *tudo*.

# PARTE TRÊS

# CAPÍTULO CATORZE

EU PODIA ANDAR de novo.

Não me pergunte como. Talvez houvesse um defeito em qualquer que fosse aquele dispositivo de apagar memória que tinham usado em mim. Talvez Tom fosse um tipo de variável imprevista que eles não tinham programado (ou desprogramado)... Não importa. Tudo o que sabia é que, ali de pé em nosso quintal, tremendo enquanto a neve caía e eu observava meu irmãozinho correr alegremente atrás das bolhas, senti como se fogos de artifício estivessem sendo disparados em minha cabeça, cada um deles iluminando uma lembrança que não estava ali antes.

Eu me lembrava de tudo: os dias e noites exaustivos de estudo e exercícios; a diversidade infinita dos meus colegas de classe, todos eles variações sobre o tema Joey Harker; a minúscula supernova explodindo aparentemente ao acaso no olho artificial do Ancião; a loucura efervescente em tecnicolor que era a Interzona...

E a missão de rotina que dera errado, ser capturado mais uma vez por Lady Indigo e resgatado – sozinho – por Tom.

Fiquei lá parado, tremendo em razão de um frio que nada tinha a ver com o clima, mergulhando mecanicamente a varinha na solução de sabão e fazendo bolhas, enquanto me perguntava o que deveria fazer.

Eu me lembrei da vergonha e do desamparo que senti quanto voltei sem minha equipe. O que teria acontecido com meus colegas? O que Lady Indigo e Lorde Dogknife fizeram com eles? Ou a eles? Queria desesperadamente descobrir. E sabia que podia. Sabia que conseguiria Andar de novo, que poderia voltar pela Interzona. A fórmula para achar a Cidade Base estava gravada em minha mente. Eu podia chegar lá, mas é claro que sim.

Mas será que eu queria ir?

Se deixasse minha Terra de novo, poderia não voltar *nunca mais*. Cada vez

que eu abria um portal era como se disparasse um sinalizador para a BRUX e os Binários, e acabaria os atraindo até ali. Cada Andarilho, como me disseram, tinha uma assinatura psíquica única que podia ser rastreada. Acho que os Binários tinham milhares de mainframes sequenciados à procura da minha configuração, assim como a BRUX mantinha legiões de feiticeiros trabalhando 24 horas por dia pelo mesmo motivo. Eu não podia permitir que minha família e amigos corressem esse tipo de risco.

Se eu nunca mais Andasse, as chances de algum desses grupos decidir conquistar este mundo em particular eram de um trilhão para uma. Era praticamente certo que eu poderia crescer, me casar, ter filhos, envelhecer e morrer sem nunca ter de ouvir falar sobre o Altiverso de novo.

Mas não Andar nunca mais...

Não sei se já mencionei que Andar é como qualquer habilidade em que se é bom, e é por isso que eu gostava tanto. Eu me sentia bem, e me parecia a coisa *certa* usar minha mente para abrir a Interzona e passar de um mundo para outro e para outro. Mestres do xadrez não jogam por dinheiro, ou mesmo pela competição – mas por amor ao jogo. Grandes matemáticos não se divertem praticando jardinagem – mas sim quebram a cabeça com a teoria de grupos ou sonham acordado com pi até a zilionésima casa decimal. Como um ginasta profissional, agora que me lembrava de minha habilidade, estava me coçando para usá-la.

Não conseguia imaginar uma vida inteira sem jamais Andar de novo.

Mas também não podia imaginar minha vida sem nunca mais ver minha mãe e meu pai, Jenny ou o lula de novo. Eu me recrutara uma vez, porém isso tinha sido mais por causa do sentimento de culpa pela morte de Jay – na época, não tinha percebido no que estava me metendo.

Desta vez eu sabia muito bem.

Eu tinha sido dispensado uma vez – não fariam isso comigo tão facilmente de novo. Se eu voltasse à Cidade Base, provavelmente me mandariam para a corte marcial. Ah, eles devem ter um nome diferente para isso, mas um pelotão de fuzilamento com qualquer outro nome ainda é um bando de caras com rifles apontados para você. Não sabia se pediria uma venda ou não, e não queria descobrir.

Mas, se ficasse ali, teria de conviver com o peso de saber que havia deixado

pessoas com que me importava em apuros.

Queria que aquelas malditas bolhas de sabão não tivessem ligado qualquer que fosse o circuito que guardava essas lembranças. Talvez a ignorância não fosse felicidade, mas pelo menos também não era a consciência pesada que me torturava agora.

A neve tinha se transformado em uma chuva fria. Eu podia tentar me enganar dizendo que essa era a fonte da água que corria pelo meu rosto, mas não chove água quente e salgada. E já tinha mentido o bastante para mim.

Observei uma bolha de sabão que Kevin perseguia. Ela voava mais alto que as outras, quase na altura do telhado da garagem. Quando foi levada para os galhos desnudos do carvalho mais próximo, esperei vê-la desaparecer em um estouro silencioso.

Mas não foi o que aconteceu.

Em vez disso, ela flutuou ali por um instante, depois voou lentamente em minha direção. O lula veio correndo atrás dela, gritando frustrado por não conseguir alcançá-la. A bolha se moveu contra a ligeira brisa que havia se levantado, até parar na minha frente.

– Oi, Tom.

O fovimal ficou laranja de alegria e disparou sobre a minha cabeça, passando por cima do telhado. Virei-me, esticando o pescoço para acompanhá-lo, mas ele já tinha sumido.

– Bôia? – falou Kevin lastimosamente. – Bôia? Tum?

Assenti.

– É isso aí, lula. – Eu o vi limpar o nariz na manga do casaco e disse: – Hora de entrar.

Fiquei acordado a maior parte da noite, pensando no meu dilema. Não podia falar com minha mãe ou com meu pai – eles são ótimos pais, mas os dois juntos não somariam imaginação suficiente para lidar com um Joey extra, que dirá uma infinidade deles. Com quem mais eu podia conversar? Certamente não com meus colegas de turma. Meu orientador tinha sido encontrado chorando baixinho em seu escritório no último semestre, e ainda não havia sido substituído. A maioria dos meus professores é muito limitada; após cinco meses sob o chicote da Cidade Base eu aprendera mais do que qualquer um deles poderia saber um

dia, ou com que poderiam lidar. Em todo corpo docente só havia uma pessoa que talvez pudesse me ouvir sem chamar o pessoal do manicômio.

O sr. Dimas reclinou-se na cadeira e olhou para o isolamento acústico no teto. Seu rosto trazia uma expressão de vaga surpresa, e eu não podia culpá-lo – afinal, ele provavelmente nunca tinha ouvido antes uma história como a que eu havia acabado de lhe contar.

Depois de um minuto, ele olhou para mim e disse com calma:

– Quando começamos a conversar, você me pediu que considerasse o que estava para me dizer como puramente hipotético. Presumo que ainda seja o caso?

– Hã, sim, senhor. – Imaginei que lhe contar a história como se vivida por um suposto amigo em vez de mim mesmo a tornaria mais fácil de assimilar. – Este, hã, meu amigo... ele está realmente entre Cila e Caribdis. – Ele me lançou um olhar penetrante e percebi que tinha usado uma expressão que aprendera na Cidade Base, e não ali. – Então – apressei-me a acrescentar –, o que você acha que ele devia fazer?

Dimas acendeu o cachimbo antes de responder. Quando finalmente falou, foi para fazer uma pergunta.

– Então, de acordo com os instrutores da Cidade Base, o universo só cria mundos repetidos quando decisões *importantes* são tomadas, estou certo?

– Hã, basicamente. Só que pode ser bem difícil identificar logo o que é importante e o que não é. Quero dizer, dizem que uma borboleta batendo as asas em Bombaim pode provocar um tornado no Texas. Se alguém conseguir pisar nessa borboleta antes que ela tenha a chance de voar...

Ele assentiu. Olhou para mim e disse:

– Sei que isso vai soar estranho, mas me faça um favor, Joe. – A maioria das pessoas tinha passado a me chamar de Joe ultimamente; não sei ao certo por quê. Ainda tinha que me acostumar.

– Claro, sr. Dimas – respondi.

– Tire a blusa.

Pisquei, então dei de ombros. Não sei ao certo aonde ele ia com aquilo, mas – e isso era de certo modo triste – também sabia que ele não era páreo para mim em nenhum tipo de luta, justa ou injusta.

Tirei a jaqueta e a camisa folgada que usava por baixo dela. O sr. Dimas olhou para mim sem falar nada por um instante, depois fez um gesto para que eu me vestisse de novo.

– Você ficou bem mais esguio – observou ele. – Mais musculoso também, tanto quanto é possível para alguém da sua idade, o que ainda não é o máximo. Sua programação genética mostra que você ainda deve crescer bastante, mais até do que irá aumentar em termos de massa muscular.

Concluí que o melhor era ficar quieto e aguardar. Tinha esperança de que ele acabasse respondendo à minha pergunta.

E ele respondeu.

– Quanto ao seu amigo hipotético, concordo com você. É uma decisão bem difícil de se tomar. Mas, se pensarmos bem, me parece que a pergunta que seu amigo tem que responder é a seguinte: a felicidade de alguém, ou mesmo a vida de alguém, pesa mais que o destino de incontáveis mundos?

– Mas eu... quero dizer, *ele* não sabe ao certo se isso vai acontecer!

– *Ele* sabe que a possibilidade existe. Não me entenda mal... compreendo como a decisão dele será dolorosa. E alguns homens ficam bem de barba. – Ele percebeu a indagação em meu rosto e explicou: – Assim eles nunca têm de ver seus rostos no espelho quando se barbeiam.

Assenti. Entendia o que ele estava dizendo, e sabia que estava certo. Então ficou mais claro para mim o que precisava ser feito. Não mais fácil, não, de maneira alguma. Mas mais claro.

Levantei-me.

– Sr. Dimas, você é um professor dos diabos.

– Obrigado. O conselho escolar nem sempre concorda, mas eles costumam usar as palavras “Jack Dimas” e “diabo” na mesma frase. Frequentemente.

Sorri e me virei para sair.

– Acha que vamos nos ver na aula amanhã de manhã? – perguntou ele.

Hesitei, depois balancei a cabeça.

– Achei que não – concluiu ele. – Boa sorte, Joey. Boa sorte a todos vocês.

Eu ia dizer alguma coisa inteligente, mas não consegui pensar em nada do gênero, então só apertei a mão dele e saí dali o mais depressa que pude.

Sentei-me na beirada da cama e dei minhas antigas armaduras de plástico e arma

laser Star Blasters – com todos os complementos – para o lula. A arma laser disparava um raio infravermelho que era captado e registrado por um sensor na placa peitoral, se você apontasse direito.

Ele ficou todo feliz; sempre quis o conjunto.

– Jo-ee, bigado! – Ele ainda era muito novo para aquilo tudo, mas acabaria crescendo.

De certo modo, disse a mim mesmo, eu iria ajudar a garantir isso.

Disse à Jenny que ela podia ficar com minha coleção de CDs e DVDs se quisesse. Ela e eu tínhamos praticamente o mesmo gosto para filmes – basicamente tudo que acabe com a explosão da Estrela da Morte ou de alguma coisa razoavelmente parecida. Em termos de música era mais complicado, mas ela podia vender o que não gostasse ou talvez passasse a gostar com o tempo.

Ela ficou bastante desconfiada com essa generosidade repentina, é claro. Disse a ela que tinha de visitar uns parentes distantes e não tinha certeza de quando voltaria. Não acrescentei "se voltasse". Talvez devesse, mas, se você acha que é fácil se despedir de seus irmãos mais novos, quem sabe para sempre... bem, não é.

Com mamãe e papai seria ainda mais difícil. Não podia simplesmente dizer a eles que estava indo embora de casa, talvez para nunca mais voltar... por outro lado, queria que soubessem de alguma forma que eu ficaria bem (embora eu mesmo não estivesse cem por cento certo disso).

Acabei armando uma grande confusão. Disse a eles que estava me alistando em "uma espécie" de exército. Papai falou que achava que não, e que tudo que precisava fazer eram algumas ligações para impedir que *aquilo* acontecesse, rapazinho. Minha mãe ficou chorando e se perguntando onde tinha errado.

Acho que não devia ter ficado surpreso por estragar tudo – afinal de contas, não tinha um histórico muito bom no que se referia a tomar conta de pessoas próximas. Por fim, terminei prometendo não "tomar qualquer atitude precipitada" naquela noite, e que "discutiríamos melhor pela manhã".

Mas eu não podia esperar amanhecer. Precisava agir rápido, enquanto ainda tinha coragem, como vovô dizia. Fiquei acordado até as duas da manhã, bem depois de todos já terem dormido; me vesti e desci.

Minha mãe esperava por mim.

Ela estava sentada na poltrona perto da lareira apagada, usando um roupão. A

princípio, tive a terrível sensação de que, de algum jeito, tinha Andado enquanto dormia e ido parar em uma Terra paralela, porque mamãe estava fumando, e ela havia parado já havia uns cinco anos.

Fiquei congelado, parado ali na luz da sala de estar, como um coelho encarando os faróis de um carro. Ela olhou para mim, e não havia raiva em seus olhos – apenas certa resignação. O que era, é claro, dez vezes pior do que a raiva.

Por fim, ela sorriu, embora seus olhos não tivessem se alegrado e disse:

– Que tipo de mãe eu seria se não fosse capaz de ler o que se passa na sua cabeça depois de todos esses anos? Você achou que eu não saberia que está indo embora? Ou que, se eu continuasse dormindo, ia perder minha chance de dizer adeus?

Milhares de respostas passaram pela minha cabeça, algumas verdadeiras, outras não, a maioria uma combinação das duas coisas. Por fim, falei:

– Mãe... levaria muito tempo para explicar, e você não acreditaria em...

– Por que não você não tenta? Apenas me conte tudo. Mas me diga a verdade.

E foi o que fiz. Contei-lhe tudo o que consegui me lembrar: a história toda, do início ao fim. E ela ficou lá sentada, fumando e tossindo, parecendo um pouco enjoada (e eu não sabia se era por que não fumava havia tanto tempo ou pelo que estava lhe dizendo).

Então chegamos ao fim e ficamos sentados em silêncio na sala.

– Café? – perguntou minha mãe.

– Eu não gosto. Você sabe.

– Vai acabar se acostumando. Eu me acostumei.

Minha mãe se levantou, foi até a cafeteira e serviu uma xícara para ela.

– Você sabe o que é pior? – perguntou de repente, com urgência, como se estivéssemos discutindo sobre alguma coisa e agora ela tivesse pensado na resposta. – O pior não é me preocupar se você ficou maluco, ou se está mentindo para mim ou nenhuma dessas bobagens. Porque você não está mentindo para mim. Quero dizer, já conheço você há muito tempo, Joey. Sei como fica quando mente. Você não está mentindo. – Ela tomou um gole de café. – E não está maluco. Já conheci pessoas malucas e você não se parece em nada com elas.

Ela pegou outro cigarro do pacote, mas, em vez de fumar, começou a desmanchá-lo enquanto falava, descascando o papel, tirando o tabaco, pedacinho

por pedacinho, separando o papel, o tabaco e o filtro, tudo numa pilha arrumadinha no cinzeiro.

– Então meu garotinho está indo para a guerra. Obviamente não sou a primeira mãe na história a passar por isso. E, pelo que você está dizendo, não sou nem a primeira... a primeira *eu* a passar por isso. Mas o pior é que, quando você passar por aquela porta, estará morto para mim. Porque nunca vai voltar. Porque se você... se você morrer, resgatando seus amigos, ou combatendo o inimigo ou nessa sua Interzona... eu nunca vou saber.

Ela olhou nos meus olhos e continuou:

– As mães espartanas diziam: "Volte com seu escudo ou sobre ele." Mas você está indo embora e eu nunca mais o verei, com ou sem escudo. Ninguém nunca vai me enviar uma medalha ou um... o que fazem agora que não mandam mais telegramas? Enfim, ou uma mensagem dizendo "Querida sra. Harker, lamentamos informá-la que Joey morreu como um... morreu como um..."

Achei que ela ia chorar, mas respirou fundo e ficou em silêncio.

– Você está me deixando ir? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Passei a vida desejando ter filhos que soubessem a diferença entre o certo e o errado. Que, quando as decisões... decisões importantes... tivessem de ser tomadas, fizessem a coisa certa. Acredito em você, Joey. E está fazendo o que é certo. Como eu poderia detê-lo? Onde quer que você vá, o que quer que aconteça com você, fique sabendo disso: amo você, sempre vou amar, e eu acho... eu *sei* que está fazendo a coisa certa. É só que... dói, é só isso.

Então ela me abraçou. Meu rosto estava molhado, e eu não sabia se as lágrimas eram delas ou minhas.

– Nunca mais nos veremos de novo, não é? – perguntou minha mãe.

Balancei a cabeça.

– Aqui – disse ela. – Fiz isso para você. É um presente de despedida. Não sei o que mais posso lhe dar. – Então ela tirou do bolso uma corrente com uma pedra que parecia preta, mas que, quando a luz incidiu sobre ela, cintilou azul e verde, como uma asa de estorninho. Ela prendeu a corrente no meu pescoço.

– Obrigado. É linda. – Depois acrescentei: – Sentirei sua falta.

– Não conseguia dormir. Isso me distraiu um pouco. Também vou sentir sua falta. Volte, se puder. Quando tiver salvado o universo.

Fiz que sim.

– Você fala com o papai? – perguntei. – Diga a ele que eu o amo. E que ele tem sido o melhor pai que alguém podia querer.

Ela assentiu.

– Vou dizer a ele. Posso acordá-lo se você quiser...?

Balancei a cabeça e falei:

– Tenho que ir.

– Vou esperar aqui. Por um tempo. Caso você volte.

– Não vou.

– Sei que não vai – admitiu ela. – Mas vou esperar.

Saí para a noite.

Estava um frio de congelar do lado de fora. Procurei me concentrar nas minhas lembranças que tinham sido supostamente apagadas e comecei a procurar um portal em potencial.

Esperava que houvesse algum por perto – eu não gostava da ideia de ter que andar (com A minúsculo) para muito longe com aquele frio. Não posso simplesmente abrir um portal para a Interzona em qualquer lugar. Bem que eu gostaria. Mas não funciona assim. Certos pontos transdimensionais de espaço-tempo têm de ser congruentes, e eles vêm e vão. É como pegar um táxi. Se tiver sorte, um pode parar para você na porta da sua casa, mas o mais provável é que tenha que caminhar um pouco, talvez até o hotel ou o restaurante mais próximo onde haja um ponto de táxi. Há lugares onde é mais provável de se encontrar portais potenciais. Infelizmente, eles nem sempre ficam perto de restaurantes ou hotéis.

Pode soar estranho, mas não me permiti pensar naquela conversa que tive com minha mãe. Havia coisas demais para processar – eu podia sentir os fusíveis da minha mente prestes a queimar toda vez que chegava perto de pensar sobre esse assunto. Em vez disso, me concentrei em encontrar um portal.

Não sentia o leve formigamento em minha cabeça que normalmente indicava que havia um por perto, então comecei a andar mais depressa pela rua, soltando fumacinha quando respirava. Pensei no que aconteceria com as bolhas de sabão que eu tinha soprado com o lula mais cedo em temperaturas abaixo de zero.

Pouco depois eu descobri... mais ou menos.

Tom chegou do alto de repente e ficou pairando diante de mim. Ele pulsava em um espectro de cores que me transmitia urgência: verde, laranja, amarelo, pérola. Então me ocorreu que talvez seus padrões fossem ainda mais complexos do que eu imaginava, que, em vez de apenas indicar estados emocionais básicos, fossem realmente uma linguagem. Porque ele com certeza parecia tentar me dizer alguma coisa.

Quando percebeu que tinha minha atenção, ele saiu em disparada, parando de vez em quando para ver se eu o seguia. E estava. Paramos em um parquinho – praticamente nada mais do que um gramado sem uma casa atrás – a uns seis quarteirões da minha casa. Tom parecia estar esperando por mim.

Entendi o que ele queria. Procurei pelo portal incipiente que sabia que encontraria ali. E achei.

Olhei para Tom, que flutuava pacientemente.

– Obrigado, amigo – falei. Em seguida, introduzi minha mente naquela congruência transdimensional, como se fosse uma chave em uma fechadura, e destranquei, abrindo a porta.

E, além dela, pude ver uma paisagem inconstante que parecia uma revistinha do *Doutor Estranho*. Endireitei os ombros, dei uma última olhada em volta, respirei fundo...

e fui Andar um pouco.

# CAPÍTULO QUINZE

TOM NÃO ESTAVA EM lugar nenhum quando cheguei à Interzona, o que me deixou meio aliviado, para ser sincero.

Não me entenda mal; sei que devia muito ao camaradinha. Mas, se nunca o tivesse encontrado... bem, minha vida com certeza seria bem mais simples. Em primeiro lugar, Jay ainda estaria vivo. E talvez eu ainda estivesse feliz em casa com minha família, e não ali tentando salvar o Multiverso, ou seja lá o que fosse que eu tentava fazer.

Eu estava de pé em uma pedra que tinha cheiro de orégano fresco e que passava pela loucura da Interzona em um sonoro arpejo de música de contrabaixo. Seguia sobre ela como um surfista em uma prancha, enquanto pensava aonde deveria ir.

Apesar de ter dito que me lembrava de tudo, isso não era exatamente verdade. Eu me lembrava de *quase* tudo. Por mais que eu procurasse em minha mente, não conseguia encontrar a chave que permitiria voltar para a Cidade Base. (Havia algo... não sei direito... mas era tão elusivo quanto à forma de um buraco em seu dente depois de ter sido preenchido ou o nome de um cara que você sabe que começava com a letra *S*... se é que não começava com *L*, *V* ou *W*. Não conseguia me lembrar. O que fazia sentido, eu acho – de todas as minhas lembranças, a chave para a base do EntreMundos era o maior segredo a se guardar.)

Enquanto isso, no fundo da minha mente, uma voz que parecia um chiado soando através de mel dizia:

– Estamos prontos para começar o ataque aos mundos Lorimare. Os portais fantasmas que iremos criar tornarão um contra-ataque ou resgate impossíveis. Quando energizados, as coordenadas Lorimare usuais abrirão mundos fantasma sob nosso controle. Agora, com outro Harker valioso à nossa disposição, teremos todo o poder de que precisamos para que nossa esquadra entre em batalha. O

Imperador dos mundos Lorimare já está do nosso lado...

As palavras de Lorde Dogknife não tinham significado nada para mim quando eu as ouvira originalmente da boca de Scarabus: eram apenas mais uma coisa entre tantas outras que eu não entendia. Mas agora, à luz de tudo que tinha acontecido, elas faziam sentido – e eram assustadoras.

Portais que levavam a mundos fantasma. Isso.

Mundos fantasma, como aquele no qual foram parar seis garotos que procuravam três sinais luminosos em uma missão de treinamento. Achávamos que íamos para um dos mundos Lorimare e, em vez disso, acabamos em uma dimensão fantasma. Esse conceito tinha sido mencionado como possibilidade teórica em uma das aulas da Cidade Base: também eram conhecidos como "mundos ferradura", nome inspirado nos lagos de formas estranhas que surgem às vezes quando um rio sinuoso isola uma seção dele mesmo. Pense no rio como uma corrente de tempo e no lago em ferradura como uma porção da realidade que, de alguma forma, se desprendeu, condenada a fluir por um loop infinito de existência repetidamente, desde alguns segundos até anos, ou séculos. A questão é que esse mundo fica isolado do restante do Altiverso, não mais detectável ou acessível do que o universo teórico dentro de um buraco negro.

Se os feiticeiros de Lorde Dogknife conseguiram de algum jeito abrir um caminho para uma dessas dimensões fantasma, eles poderiam ter lançado um feitiço de semelhança nela, fazendo com que tivesse a aparência que quisessem – e então nos tirado dali e nos levado para um dos mundos da BRUX. O que foi exatamente o que fizeram. Não havia como detectarmos o truque, nem por instrumentação nem Andando. A armadilha perfeita.

Mas, uma vez aberto, aquele mundo fantasma já não era mais inacessível. E ainda me lembrava de como chegar lá.

Eu não podia voltar para o EntreMundos porque não sabia como. Tudo bem.

Mas isso não significava que não podia começar a procurar meus amigos.

Procurei visualizar as coordenadas que tinham nos levado para a armadilha e, com cuidado, fui abrindo-as com a mente.

Uma gigantesca porta oval se materializou a alguns metros de mim com um zumbido com cheiro de chocolate amargo.

Não passei por ela. Só observei e esperei. Após um instante, a porta se fechou mais uma vez, e então se encolheu até desaparecer. No entanto, onde a porta

ficava havia agora um lugar escuro como uma sombra que ondulava e se agitava com uma bandeira numa tempestade.

Aquela era a entrada da armadilha, o portal que levava para a dimensão fantasma onde minha equipe tinha ido parar.

Era para lá que eu estava indo.

Andei até a porta fantasma. Antes que eu pudesse entrar, no entanto, algo surgiu no caminho, balançando e flutuando no espaço. Era um balão do tamanho de um gato e bloqueava a passagem.

– Tom.

Ele piscou em tons de verde e rosa fluorescente, como se quisesse me dar algum aviso.

– Tom, preciso entrar.

Então a superfície de Tom mudou, se esticando e se moldando, até se tornar o que parecia uma caricatura feita em balão de Lady Indigo. Depois a imagem se desfez num estalo, voltando à forma de balão.

– Não consegui voltar para lá antes porque você estava me impedindo, não é?

Um vermelho forte e afirmativo.

– Olhe, eu *preciso* voltar lá. Eles podem ter morrido há muito tempo, ou terem sido acorrentados há apenas cinco minutos. Você sabe como o tempo pode ser estranho quando se viaja de um mundo para o outro, principalmente quando se trata dessas dimensões fantasmas. Mas eles são meus companheiros, e fui eu que os levei até lá. O mínimo que posso fazer é resgatá-los... ou morrer tentando.

Ele se contraiu, como se estivesse pensando. Então flutuou para cima, saindo do meu caminho. Parecia um pouco triste.

– Mas, ei, se quiser vir comigo... É sempre bom ter um amigo por perto.

Tom passou por várias cores vivas que não acredito que possam ser encontradas fora da Interzona e se lançou decididamente em minha direção, assumindo sua posição sobre meu ombro esquerdo.

Entramos juntos rumo ao desconhecido.

Por um instante senti frio, como quando se entra em um rio num dia quente, então o mundo cintilou e se transformou.

Eu estava de pé no telhado, em um mundo que parecia saído de um desenho dos *Jetsons*. Tom flutuou em frente ao meu rosto, formando uma espécie de lente grande. Olhei para o mundo através da enorme bolha fovimal, e vi...

... um céu cinza. Vi que estava numa pequena torre de um castelo de aparência lúgubre. O lugar todo parecia um cenário vazio, não mais em uso. Não via ninguém em volta.

– Venha – falei para Tom. – Vamos encontrar os calabouços.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

SE ALGUM DIA SEUS AMIGOS se encontrarem confinados por muito tempo em um castelo qualquer, eis aqui o que você deve fazer para achar os calabouços:

Tente ficar fora de vista. Encontre a escada dos fundos. Então siga por ali até não ter mais para onde descer, por onde os corredores se estreitam e cheiram a mofo e umidade, e onde é tão escuro que, sem a estranha luz que o acompanha (se tiver sorte de estar com um fovimal), você não conseguiria ver nada. Quando chegar a esse lugar, garanto que, dobrando a esquina, encontrará o calabouço.

O castelo estava mais ou menos deserto. Tive que me abaixar para me esconder uma vez quando ouvi passos no fim do corredor, mas isso foi tudo. E as pessoas que passaram pareciam ser de alguma empresa de mudança: usavam macacões brancos e levavam cadeiras e abajures. A impressão que dava é que estavam encerrando as atividades naquele lugar.

Encontrei os calabouços em cerca de vinte minutos, sem maiores problemas.

Bem, um pequeno problema: estavam vazios.

Havia nove celas, nove buracos sem janela na rocha, com pesadas portas de ferro maciço, exceto por pequenas janelas com barras. Todas estavam vazias. Os únicos barulhos que se ouviam eram os dos ratos que passavam por ali batendo seus pequenos dentes, e das gotas de água pingando em pedras cobertas de musgo. Aproveitei a chance para chamar pelos meus colegas:

– Jai! Jo! Josef! – Mas ninguém respondeu.

Sentei-me, então, nas pedras do chão do calabouço e não tenho vergonha de dizer que havia lágrimas nos meus olhos. Tom veio por trás de mim e começou a balançar no ar ao meu lado, com partes de sua superfície iluminadas.

– Cheguei tarde demais, Tom. Eles já devem estar mortos a essa altura. Ou foram fervidos como o pessoal da BRUX disse que faria, ou morreram já velhinhos esperando que eu voltasse. E foi tudo... – Eu ia dizer *minha culpa*, mas

não tinha certeza disso.

Tom tentava chamar minha atenção, flutuando em frente ao meu rosto e estendendo pequenos pseudópodes multicoloridos.

– Tom, você ajudou bastante. Mas acho que já fizemos tudo que era possível.

O pequeno fovimal ficou vermelho de raiva.

– Olhe! – exclamei. – Perdi meus companheiros! O que você vai fazer? Me dizer onde eles estão?

A superfície de Tom brilhou, então se encheu de redemoinhos e aglomerados de estrelas em um céu noturno no alto e embaixo. Eu reconhecia aquele lugar. Jay e Lady Indigo o chamavam de Lugar-Algum, e os Binários, de Estática. Independentemente do nome que recebesse, era a área limítrofe da Interzona, a longa estrada para se viajar entre os planos.

– Bem, mesmo que estejam lá, não tenho como ir atrás deles.

Mas Jay tinha ido atrás de mim, não é mesmo? E havia me resgatado do *Lacrimae Mundi*.

Então, era possível.

Mas eu não sabia como. Eu só podia Andar pela Interzona. Para alcançar o Lugar-Algum seria preciso que alguém familiarizado com aqueles níveis de realidade soubesse todo um conjunto distinto de coordenadas multidimensionais...

Levantei a cabeça.

– Tom?

O fovimal se afastou de mim, devagar, até chegar ao fim do corredor escuro. E então se lançou em alta velocidade em minha direção, mais rápido do que um vaso de plantas caindo de uma janela, e, mesmo que eu já soubesse o que ele ia fazer, não consegui deixar de recuar me encolhendo quando encheu minha visão e ouvi um...

*poppp!*

... e meu mundo se implodiu em estrelas.

Eu não via o fovimal em lugar algum. Mas tudo parecia muito familiar. Tive aquela sensação de déjà vu de *Eu já tinha feito aquilo antes*, mas é claro que não era verdade: na última vez em que eu caíra pelo Lugar-Algum, Jay estava ao meu lado enquanto nos afastávamos do *Lacrimae Mundi*.

Agora o vento entre os mundos açoitava meu rosto, me fazendo lacrimejar; e

as estrelas (ou o que quer que elas fossem ali em Lugar-Algum) passavam como borrões; e eu me debatia, apavorado por me encontrar naquele vazio repleto de nada, mas mais assustado ainda porque dessa vez eu não estava caindo para longe de alguma coisa.

Mas *em direção* a algo.

Imagine um *donut* ou uma câmara de ar – sua forma básica de toroide. Pinte isso com algo preto e viscoso. Agora pegue cinco desses, torça e retorça e os prenda juntos como aqueles brinquedos de balão que fazem em festa para crianças – embora eu ache que, se alguém fizesse um desses, as crianças iriam chorar sem parar. Está me acompanhando? Agora imagine isso tudo do tamanho de um navio petroleiro. Por fim, cubra toda superfície curva do que você obteve – uma coisa tubular enorme e medonha – com torres, balestreiros, catapultas, canhões, gárgulas e...

Captou a ideia?

Ninguém deseja cair em direção a uma coisa dessas. Confie em mim. Você só vai querer fugir para longe disso, o mais rápido possível.

Mas eu não tinha escolha.

Estreitei os olhos para me proteger do vento. Havia duas ou três dúzias de navios menores – galeões, como o *Lacrimae Mundi*, e outros menores e mais rápidos do que esses – dispostos em volta daquela enorme estrutura negra. Pareciam patos escoltando uma baleia.

Eu sabia que olhava para o encouraçado e a armada de Lorde Dogknife. Só podia ser. Estavam iniciando o ataque aos mundos Lorimare.

Enfim havia encontrado o lugar onde meus amigos estavam sendo mantidos prisioneiros – supondo, é claro, que ainda não tinham virado sopa de Andarilho. O problema é que, em cerca de um minuto, eu atingiria em cheio aquela estrutura como um melão caindo de um arranha-céu, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. O Lugar-Algum não faz parte do espaço sideral. Lá existe ar e algo parecido com a gravidade. Se eu atingisse o navio, estaria morto. Se não o acertasse – e eu tinha quase tanta chance de isso acontecer quanto uma formiga de cair fora de um campo de futebol –, continuaria a cair para sempre, a não ser que pudesse abrir um portal para a Interzona, e não havia nenhuma garantia disso. Eu só tinha conseguido da última vez porque Jay estava comigo.

*O que Jay faria*?, me perguntei.

*Achei que nunca fosse perguntar,* disse uma voz no fundo da minha mente. Parecia a minha própria voz, só que uma década mais velha e infinitamente mais sábia. Não era Jay ou o fantasma dele ou qualquer coisa assim. Era apenas eu, acho, encontrando uma voz que ouviria.

*Você está numa região mágica*, continuou a voz de Jay. *A física newtoniana é mais uma sugestão do que uma lei absoluta. É a força de vontade que importa.*

Era algo que ouvíamos nas aulas de Taumaturgia Prática, ou o que chamávamos de "Magia Básica". "A magia é simplesmente uma forma de falar com o universo usando palavras que ele não pode ignorar", nos ensinara nosso instrutor, citando alguém cujo nome eu esqueci. E continuara: "Algumas partes do Altiverso ouvem; esses são os mundos mágicos. Outras, não, e preferem que você as ouça. Esses são os mundos científicos. Entenda isso, e a coisa toda fica bem simples."

É claro que "bem simples" é um conceito relativo em uma escola em que mesmo as aulas de reforço fariam sair fumaça das orelhas de Stephen Hawking e do mago Merlin. Ainda assim, eu tinha aprendido o bastante para saber que o local em que eu estava era um lugar em que imperava a magia em estado puro. Um "subespaço" regido mais pelas regras de uma consciência coletiva do que por princípios mecanicistas.

Vontade. Essa era a chave.

*Você tem vontade de sobra*, disse Jay no fundo da minha mente. *Só tem que usá-la*.

Aquela monstruosa rosquinha entrelaçada crescia à medida que eu caía em sua direção. Ela não parecia muito macia, e eu achava bem difícil não acertá-la em cheio.

Está bem. Eu iria acertá-la. Mas não estava caindo – estava *me erguendo* suavemente até ele. Tão devagar que quando tocasse sua superfície seria como a lanugem de um cardo tocando a grama, uma pena caindo em uma almofada, tão delicadamente que mal pareceria que estava ali.

Tudo o que eu precisava fazer era convencer aquela parte do Altiverso de que não estava caindo para a morte.

O que significava ter de me convencer...

*Não estou caindo,* disse a mim mesmo. *Estou subindo, tranquila e facilmente. Suave e lentamente...*

E consegui ignorar a voz racional que gritava em pânico na minha cabeça.

Eu não estava caindo. Eu *não estava* caindo...

O vento no meu rosto começou a ficar mais fraco. De repente, tudo deu um giro de cento e oitenta graus e enquanto meu estômago ainda tentava lidar com isso...

Atingi a superfície do navio com muito mais força do que a lanugem de um cardo sobre a grama – com força o bastante, na verdade, para tirar o ar dos meus pulmões e me deixar arfando. Mas não quebrei nada. Agradeci à voz de Jay no fundo da minha mente enquanto estava lá agarrado a uma corda do navio, tentando recuperar o fôlego.

Por fim consegui me sentar e olhar em volta. Tom não estava em lugar nenhum – eu não o via desde que ele, de alguma forma, tinha me levado do calabouço para o Lugar-Algum. OK então, eu estava sozinho... e naquele navio.

E agora?

A resposta não demorou a chegar. De repente senti alguém me agarrar pelo pescoço. E em seguida outras mãos me colocaram de pé. Forçaram meus braços para trás das costas e me levaram até uma pequena torre, onde descemos por escadas estreitas, seguindo para o interior do imenso encouraçado, até uma enorme câmara que parecia uma mistura de sala de mapas, sala de interrogatório e auditório de escola.

Senti um cheiro na sala como se houvesse algo morto ali há meses, e eles ainda não tivessem descoberto o que era para tirar de lá... ou não ligassem. Era um cheiro de coisa podre, decomposição e mofo.

Lady Indigo e Neville, o homem água-viva, estavam lá, assim como cerca de cinquenta pessoas que eu nunca tinha visto antes. Alguns deles pareciam humanos normais, outros eram *bem* mais exóticos.

E também havia um que eu não conhecia, mas soube quem era no minuto em que entrou. Era o maior homem que eu já tinha visto: tão grande e bem-proporcionado que parecia que todos os outros na sala não passavam de criancinhas. Ele usava uma túnica preta e encarnada. Seu corpo, pelo menos o que eu podia ver dele, era humano, e musculoso como o *David*, de Michelangelo. Perfeito.

Mas seu rosto...

Como descrevê-lo? Se você o visse, jamais o esqueceria. O rosto dele

assombraria seu sono e você acordaria gritando.

Imagine um homem que tivesse começado a se transformar em hiena, como um lobisomem virando lobo. Imagine que algo interrompesse a transformação: seu rosto fosse meio um focinho, sua barba, meio que a pelagem áspera de um cão, os dentes, afiados e próprios para cortar carniça. Seus olhos, como os de um porco, tinham um brilho vermelho, além de pupilas horizontais, como as de um furão. Seu nariz era achatado e o maxilar retorcido em uma horrível imitação de sorriso.

Ele me fazia lembrar, ainda que de maneira distorcida, de imagens que eu já tinha visto de Anúbis, o deus egípcio com cabeça de chacal que guiava os mortos no além até seu julgamento. Talvez essa fosse a melhor descrição, já que era basicamente o que ele faria comigo.

Mas não era sua aparência que prometia pesadelos. E sim a percepção do que havia *por trás* daquele horrível rosto transformado: saber que, para aquela criatura, aquele monstro, esses pesadelos eram uma doce diversão, como dançar em um parque no estilo *Mary Poppins*.

Lorde Dogknife sorriu para mim com dentes muito, muito afiados, e disse com uma voz que parecia um gás do pântano mergulhado em mel:

– Ficamos desapontados por não pegar você em nossa armadilha no mês passado, Joseph Harker. *Muito* obrigado por ter voltado. – Ele virou a cabeça de hiena. – Você estava certa, Lady Indigo. O Andarilho mais poderoso em uma década. Posso sentir o cheiro. Ele dará um ótimo combustível para o *Maléfico*.

Então se virou de volta para mim, e quase gritei quando aqueles olhos hediondos me encontraram.

– Você tem sorte – afirmou ele. – Não existe um navio mais bem equipado para retirar completamente tudo o que lhe é extrínseco, arrancar toda sua carne, cabelo, ossos e gordura, e reduzi-lo à sua essência absoluta: seu poder de Andar de um mundo a outro, que é a energia que *nos* permite viajar pelo Lugar-Algum. Nenhum navio se iguala ao *Maléfico*.

Após uma breve pausa, ordenou:

– Levem-no daqui. – E vários lacaios se aproximaram de mim quando ele disse isso, me agarraram e começaram a me arrastar para longe de Lorde Dogknife.

Então, de repente, notei uma centelha colorida acima da minha cabeça.

Reconheci os redemoinhos de arco-íris, e meu coração deu um pulo de alívio: Tom tinha aparecido e vinha balançando em minha direção. Esperava que ele estivesse planejando me teletransportar de alguma forma para longe dali, como fizera antes quando eu e minha equipe tínhamos sido capturados por Lady Indigo.

– O fovimal, milorde – disse Lady Indigo. Não havia nenhuma preocupação em seu tom de voz.

– É mesmo – concordou Lorde Dogknife calmamente, com aquela voz grossa e glótica. – Eu já esperava.

Ele levantou uma das mãos, revelando uma pequena pirâmide de vidro, como um prisma. Em seguida colocou-a no chão e deu um passo para trás, murmurando uma única palavra. Soou como *"smucklethorrup-gobslotch"*, mas provavelmente não era isso. Houve então uma explosão de luz negra – não como a luz roxa que se acende sobre pôsteres para fazer as cores brilharem, porém negra de verdade, como raios de obsidiana, como se um flash disparasse negativo. Aquela luz envolveu Tom, que ficou branco e começou a encolher, e a *mudar.*

Sei que, se pudesse, Tom teria gritado.

– *Não!* – protestei, mas não adiantava. Os raios de escuridão de alguma forma *comprimiram* o pequeno fovimal, pressionando-o numa direção perpendicular a todas as três dimensões daquele mundo. Então os raios negros começaram a se irradiar em direção ao pequeno prisma e, em uma questão de segundos, desapareceram, sem deixar nada para trás a não ser uma imagem residual no fundo dos meus olhos.

Lorde Dogknife pegou o prisma. Mesmo de onde eu estava, dava para ver uma pequena bolha lá dentro, adquirindo tonalidades furiosas de vermelho.

– Me contaram que a criatura tinha se afeiçoado a você, rapaz – disse ele. – Então trouxe uma cápsula de contenção para ela. Costumávamos usá-las, hã... há muitos anos, quando tentamos colonizar alguns dos lugares insanos entre os mundos. Essas criaturas eram um transtorno. A pequena cápsula não o deterá por muito tempo... dez, vinte mil anos no máximo... Mas imagino que nenhum de nós vai estar aqui quando ele conseguir sair.

Ele guardou o prisma em um bolso interno.

– Sempre desejei... – ele começou a me contar, e acho que nunca vou

conseguir explicar como era perturbador e horrível vê-lo falando diretamente comigo, olhando dentro dos meus olhos.

Já era ruim o bastante quando ele se dirigia a todos na sala, mas, quando Lorde Dogknife olhava para mim, parecia que ele sabia todas as coisas ruins que eu já tinha feito. E mais do que isso... que ele achava que essas coisas ruins eram a única parte de mim que importava e que tudo o mais era insignificante e estúpido.

– Sempre desejei – repetiu ele – que pudéssemos canalizar a energia dos fovimais. Se conseguíssemos utilizá-la da mesma forma que usamos a dos Andarilhos, governaríamos com facilidade todos os mundos e universos: toda a gloriosa panóplia da criação seria nossa. Mas infelizmente não parece ser possível. Houve apenas uma tentativa. Contudo, onde ficava a Terra em que isso aconteceu, hoje não há nada além de poeira cósmica. Não restou nada maior do que uma bola de beisebol. Assim, precisamos tirar proveito da essência de crianças como você.

Em seguida, ele piscou para mim, como se estivesse me contando uma piada meio suja. Era *ele* que cheirava a algo que tinha morrido havia muito tempo, o odor que eu tinha sentido quando entrei na grande câmara. Dava para perceber o cheiro de podridão sob o de poeira.

Em toda minha vida, nada nunca tinha me provocado um pavor tão grande quanto ele. Podia ser que meu medo estivesse um pouco descontrolado em razão da magia, mas, se fosse esse o caso, a verdade é que ele não precisava disso.

– No tempo que ainda lhe resta de vida – declarou Lorde Dogknife –, ou melhor dizendo, garoto, nos próximos trinta, quarenta minutos, você ficará aliviado em saber que sua essência (ou sua alma, se preferir), junto às de vários outros Andarilhos, vai fornecer energia para os navios que permitirão ao meu povo e à nossa cultura conquistar a tão merecida supremacia sobre todas as coisas. Então, está feliz em saber disso, meu rapaz?

Eu não respondi nada.

Ele abriu as presas amarelas num arremedo de sorriso cordial.

– Vamos fazer o seguinte – continuou ele. – Fique de joelhos agora e beije meus pés. Prometa servir a mim para sempre em todos os assuntos e pouparei sua vida. Temos combustível suficiente para a invasão. Trouxemos cada alma engarrafada que pudemos encontrar para essa festa. O que me diz? Beijinho no

pé? – E então balançou em minha direção um dos seus pés enormes, que eram cobertos de pelo preto e garras no lugar das unhas.

Nessa hora eu soube que ia morrer, porque nunca beijaria os pés dele. Olhei bem em seus olhos e disse:

– Você ia me matar de qualquer jeito, não é mesmo? Só quer me humilhar primeiro.

Ele deu uma gargalhada, e a sala se encheu do cheiro de carne podre. Em seguida, bateu com a mão na perna como se tivesse acabado de contar a piada mais engraçada do mundo.

– Mataria! – exclamou ele, entre explosões de risada. – Ia *mesmo* matar você de qualquer jeito! – Tomou fôlego e depois continuou: – Ahh, estava precisando rir assim. Fiquei *tão* feliz que tenha decidido aparecer por aqui. – Voltou-se, então, para aqueles que me prendiam: – Hora de fazer a ressecção e a redução dele e dos outros às suas essências. Não se preocupem em atenuar a dor. – Ele se virou para mim, piscou mais uma vez e explicou cordialmente: – Achamos que, quando se inflige muita dor aos Andarilhos durante o processamento, potencializamos seu poder quando estão engarrafados. Talvez lhes dê algo em que focar, não sei. Bem, adeus, rapaz. – Então, estendeu uma de suas mãos enormes e apertou minha bochecha, quase afetuosamente, como um velho tio.

Depois apertou com mais e mais força. Prometi a mim mesmo que não ia demonstrar que estava sofrendo, mas a dor se tornou impossível de suportar.

Dei um grito.

Ele piscou para mim mais lentamente, como se tivéssemos dividido uma piada que ninguém mais da sala houvesse entendido, e soltou meu rosto.

Torceram meus braços por trás das costas e me levaram para fora dali. Fiquei tão aliviado em sair de perto de Lorde Dogknife que, por alguns instantes, mal liguei de estar a caminho da sala de processamento.

Sempre que me deparava nos livros com a frase “um destino pior que a morte”, ficava me perguntando o que poderia ser. Afinal, sempre pensei, no curso normal das coisas, que a morte é o pior que pode acontecer, e o mais definitivo.

Mas a ideia de ser morto, cozido e decomposto até o que quer que faça de você *você* – e depois passar o resto da eternidade em uma garrafa sendo usado como uma espécie de fonte de energia cósmica...

Sabe, isso até que fazia a morte parecer uma coisa boa. Fazia mesmo.

# CAPÍTULO DEZESSETE

OS CORREDORES ficavam mais escuros e estreitos à medida que descíamos de nível. Também ficava mais quente, como se o imenso encouraçado fosse movido a vapor, o que aumentava minha sensação de estar descendo para o inferno. Desde o instante em que eu havia entrado no *Maléfico*, o escuro e o lúgubre eram a ordem do dia, e só piorava à medida que seguíamos mais para baixo.

Descemos por mais algumas escadas estreitas. A "sala de processamento" devia ficar em um dos andares mais baixos do navio. Fiquei feliz com isso. Aquilo me dava mais tempo para pensar. Havia dois guardas à minha frente, e dois atrás de mim. Os corredores e escadas formavam – acredito que de propósito – um autêntico labirinto, e eu sabia que estava irremediavelmente perdido.

Mas, por mais apertados e claustrofóbicos que fossem aqueles corredores, não eram nada comparados ao circuito de hamster em que minha mente corria.

Lorde Dogknife tinha ordenado que me matassem com "os outros". Isso só podia significar uma coisa: minha equipe ainda estava viva.

E, se estava, ainda tínhamos um fio de esperança.

Mas só um fio. Cinco versões aprisionadas de mim contra sabe-se lá quantos milhares de soldados, feiticeiros e demônios BRUX... sinceramente, já seria muito difícil escapar se fôssemos enfrentar apenas Lorde Dogknife e Lady Indigo. Sem Tom para nos ajudar, nossas chances eram praticamente... nulas.

Eu sabia disso tudo. Ainda assim, só de imaginar que eles ainda podiam estar vivos, já me senti mais animado.

Definitivamente havia algo de infernal com relação aos níveis inferiores do *Maléfico*. Comecei a achar que podia sentir o cheiro de enxofre no ar. E então os guardas à minha frente abriram uma pesada porta de madeira com ferragens de bronze, e me empurraram com força para dentro, onde o cheiro piorou.

Pense no inferno da forma como você sempre o visualizou desde a infância. Agora imagine que a pior câmara de tortura do inferno fica num lugar que não é maior do que uma sala de aula. Imagine que foi projetada por alguém que viu filmes B de terror demais, daqueles antigos, em preto e branco, do tipo que são exibidos de madrugada. Essa era a sala de processamento.

Não tinha janelas, assim como a maioria das salas que eu havia visto, e das paredes pendiam várias ferramentas e utensílios: assustadores, afiados e enormes. Não os observei de perto, mas pareciam servir para ajudar a nos "reduzir" quando estivéssemos na panela, já fervendo por um tempo. No fundo da sala, sobre uma grelha alta, havia uma panela imensa, forjada em bronze e com uns bons três metros de diâmetro, como o caldeirão de um gigante ou de um canibal de desenho, apoiada em três finas pernas metálicas. Lá dentro fervia um líquido – pelo cheiro, tenho quase certeza de que não era água. Parecia enxofre líquido, amônia e conservantes. Também havia sangue ali, eu acho – o tipo de magia praticada naquele navio extraía boa parte de sua energia do sangue. O fogo sob o caldeirão era alimentado por vários sais e pós, e ardia ora verde, ora vermelho, ora azul, à medida que diferentes substâncias químicas eram adicionadas. Os vapores e a fumaça enevoavam o ar e irritavam meus olhos e meus pulmões. Uma pequena criatura, que parecia uma mistura de sapo com anão, avivava o fogo com os pós, tomando cuidado para que apenas um pequeno punhado fosse atirado às chamas de cada vez.

Nenhuma das pessoas cuidando dos preparativos era humana. Era difícil reparar nos detalhes, uma vez que quase toda luz do lugar vinha das chamas sob o caldeirão, mas pude ver que tinham tentáculos e antenas. Não sabia se vinham de mundos limítrofes bem para o exterior do Arco ou se eram pessoas transformadas em coisas, que não se importavam com a espessa fumaça de produtos químicos, o ar escaldante ou as coisas que tinha de fazer ali. Bem, acho que isso não importa. Meus guardas, por outro lado, pareciam bem incomodados com a fumaça e o ar quente. Dois deles pararam do lado de fora, um de cada lado da porta fechada. Os outros dois, que me levaram para dentro da sala, cobriam a boca e o nariz com lenços, e lágrimas corriam pelos seus rostos.

Uma coisa – que podia ser um louva-a-deus se eles crescessem tanto e tivessem olhos humanos – veio em nossa direção e repreendeu meus captores com voz estridente:

– Fora daqui. Não respirar. Processamento começar daqui a pouco. Fora. Deixar lugar. *Tch-tch-tch!* Não ser lugar para vocês agora.

E então a fumaça clareou por um instante e eu os vi do outro lado do caldeirão. Meu coração deu um salto. Estavam no chão, com as mãos e os pés amarrados, como coelhos que vão para a panela: meus companheiros de equipe.

Pude ver rapidamente que estavam todos ali: Jai, Jakon, J/O, Jo e Josef. E estavam conscientes, apesar de abatidos e desanimados. Não sabia quanto tempo tinha se passado para eles – dias? semanas? meses? –, mas não parecia ter sido um período muito agradável. Todos tinham perdido peso, até mesmo o pequeno J/O.

Também não pareceram surpresos em me ver. Talvez já tivessem falado por ali que eu havia sido capturado, ou talvez já esperassem por isso. Eu tinha estragado tudo em diversas ocasiões, então não era de estranhar que isso acontecesse de novo uma última vez. Simplesmente olharam para mim, e a resignação em seus rostos era de cortar o coração.

O pior é que eu sabia que estavam certos. Aquele não era o tipo de lugar de onde se conseguia escapar de repente no último minuto. Estava mais para o lugar em que se tinha uma morte dolorosa, lenta e cheia de arrependimento.

Um dos guardas que me acompanhavam me soltou, deu um passo à frente e disse:

– Mais um para atirar no caldeirão. Ordens de Lorde Dogknife.

As chamas sopraram uma baforada de enxofre e o outro guarda me largou para limpar os olhos lacrimejantes.

E foi aí que me lancei à ação.

Bem, “me lancei” não são exatamente as palavras mais apropriadas, mas soam melhor do que “tropecei e chutei”, que foi o que fiz na verdade. Tropecei para a frente, então chutei, o mais forte que pude, um dos suportes do tripé que segurava o caldeirão gigante.

Queria poder dizer que eu tinha um plano brilhante, mas não era o caso. Só pretendia ganhar um pouco mais de tempo. Ou fazer *alguma coisa*, pelo menos.

Foi como estar em um acidente de carro: tudo aconteceu lentamente...

A perna do tripé se inclinou, saindo de posição.

Pude ver os guardas, tossindo e falando incoerentemente, enquanto vinham em minha direção.

O caldeirão começou a tombar.

A criatura que parecia um sapo e vinha alimentando as chamas com cuidado derrubou toda a travessa de pó nas chamas, enquanto pulava para trás para sair do caminho, batendo no guarda mais próximo, que xingou e tropeçou no louva-a-deus.

Atirei-me para o lado do caldeirão enquanto as chamas explodiam como uma pequena exibição de fogos de artifício...

E lenta e majestosamente o caldeirão tombou sem que ninguém pudesse fazer nada.

Nunca vou me esquecer do guarda erguendo a mão, como se quisesse impedi-lo de cair em cima dele, e a maneira como o caldeirão caiu assim mesmo. Nunca vou me esquecer do líquido fundido espirrando e se derramando, nem dos gritos das criaturas que eram atingidas por ele. Aquela substância queimava, e continuava queimando até os ossos.

Eu estava sufocando. Mal podia respirar. O mundo girava ao meu redor, e eu podia sentir as lágrimas correndo pelo meu rosto. Mas segui em frente.

Peguei do chão o que parecia ser um instrumento usado para desossar, e fui em direção aos meus companheiros para cortar as cordas que lhes prendiam. Comecei por Jo, soltando suas asas e depois tirando sua mordaça.

– Obrigada – disse ela.

– Asas – pedi, arfando. – Ar. Abane a gente. Ar. – Fui em seguida até Jakon.

Jo assentiu, estendeu as asas e começou a batê-las, afastando a fumaça de nós. Havia ar fresco vindo da grelha – para alimentar o fogo, eu acho – e eu o inspirei, limpei os olhos e continuei cortando as cordas com a faca. Jakon parecia a mais bem-disposta da equipe, contorcendo-se enquanto eu a soltava, até conseguir se libertar, arrebentando a última corda antes que eu terminasse.

Então arreganhou os dentes, rosnou e pulou em minha direção.

Eu me abaixei.

A garota lobo passou por cima da minha cabeça, dilacerando o louva-a-deus que vinha atrás de mim com um cutelo.

Com um violento golpe, ela arrancou sua cabeça, e o corpo dele tombou, brandindo o cutelo, cega e furiosamente.

Libertei Josef em seguida. As cordas que o prendiam eram grossas como as amarras de um navio. Soltei suas mãos, depois lhe entreguei uma faca e disse

para ele cortar as cordas que prendiam seus pés. Ele esfregou as mãos e fez uma careta, e então cortou as cordas duas vezes mais rápido do que eu.

Pelo canto do olho pude ver Jakon, que nos protegia como uma loba defendendo os filhotes, os pelos arrepiados, os dentes à mostra, e Jo, que ainda nos abanava e tinha pegado uma lança da parede com a qual golpeava qualquer criatura maligna que se aproximasse dela. Não que muitas tivessem tentado. A maioria estava encolhida no canto, procurando se afastar do rio flamejante que nos separava.

Libertei Jai.

Ele rolou desconfortavelmente no chão.

– Estou parestésico – disse ele. – Meu corpo está formigando. Também devo lhe dizer que tenho uma enorme dívida de gratidão para com você.

– Sem problema – falei.

Cortei a mordaça de J/O, que logo falou:

– Típico. Sabia que ia me deixar por último. Só porque sou o menor. Imagino que você ache isso justo. *Mmmmpf, mmpf mpf mmmmmmpf* – disse ele por fim quando coloquei a mordaça de volta em sua boca.

– Na verdade, o que você quer dizer é "Muito obrigado". E, se não me agradecer, vou me esquecer de soltar você e deixá-lo aqui, acidentalmente.

Tirei a mordaça. Seus olhos estavam arregalados.

– Obrigado por voltar – disse ele baixinho. – E por me soltar. Muito obrigado.

– Não foi nada – respondi. – Sempre que precisar. – E então soltei seus pés e suas mãos.

A fumaça começava a diminuir agora, e o fogo já se comportava mais como um fogo e menos como o Vesúvio. Eu e meus colegas nos reunimos. Imaginei que a sala de processamento devia estar protegida por fortes feitiços contra o fogo porque as chamas não se espalhavam pelas paredes, pelo teto ou pelo chão. E já diminuíam.

– Devemos forçosamente deixar o recinto com toda presteza – declarou Jai. – Sem dúvida alguma nossa repentina sublevação revolucionária ativou diversos encantamentos de alarme.

– Não conseguiremos escapar com vida de um navio tão grande – afirmou Jo –, mas morrer em batalha é melhor do que morrer em um caldeirão de sangue fervente.

– Não vamos morrer em batalha ou em sangue – retruquei. – Isso não vai acontecer. Mas a única porta fica do outro lado do fogo.

– Na verdade, há uma porta escondida bem ali – apontou J/O com certo tom presunçoso na voz. – Vi uma daquelas criaturas nojentas entrar por ali quando nos trouxeram para cá.

– Que olho – elogiei. – Mas como iremos abri-la? Deve ser protegida por feitiços ou coisas assim, né?

Do outro lado das chamas, o guarda que ainda estava de pé e as criaturas horripilantes se reagrupavam e olhavam fixamente para nós enquanto conversavam. Não tínhamos mais o fator surpresa a nosso favor. Precisávamos sair dali de qualquer jeito.

Josef deu de ombros. Cuspiu nas mãos, abaixou-se e começou a empurrar. Os músculos de seu pescoço saltavam. Ele gemeu pelo esforço, então se afastou. Dava para ver o contorno de uma escotilha, onde a grelha se unia à parede. Ele sorriu, depois acertou o pé gigantesco com força.

Agora havia um buraco do tamanho de uma escotilha na parede.

– Feitiços são uma coisa – disse ele. – Força bruta é outra bem diferente. Vamos lá.

Aqueles de nós que não tinham armas pegaram algumas na parede da sala de processamento. Parei para tirar de lá uma pequena sacola de couro com algum tipo de pó.

– O que é isso? – perguntou J/O.

– Não faço a menor ideia – admiti. – Mas acho que é o que estavam atirando no fogo. Uma espécie de pólvora. Não vai fazer mal.

Ele fez uma careta.

– Não acho que seja pólvora. É algum tipo esquisito de pó mágico. Olho de salamandra ou coisa parecida. É melhor deixar esse troço aqui.

Suas palavras me deram o empurrão que faltava para eu me decidir. Joguei o saquinho no bolso, depois passamos pelo buraco, seguindo por uma passagem estreita dificilmente maior que um duto de ventilação.

J/O ia na frente, e Jakon na retaguarda. O restante de nós fazia o melhor que podia no meio, esbarrando uns nos outros na escuridão.

– Você demorou – reclamou Jo. Ouvi o farfalhar de suas penas enquanto ela recolhia as asas.

– Vim assim que pude. O que aconteceu com vocês?

– Eles nos levaram para uma espécie de prisão – contou J/O. – Ficávamos em celas individuais. Não podíamos falar com ninguém, ler ou nada disso. E a comida... *eca*. Uma vez encontrei um inseto na minha.

– Os insetos eram a melhor parte – acrescentou Jakon. – Eles nem se deram ao trabalho de nos interrogar. Estava bem óbvio que íamos para o caldeirão. – Ela hesitou, e pude sentir que estremeceu. – Conheci Lorde Dogknife. Ele disse que cuidaria para que sofrêssemos.

Lembrei-me daquela hedionda cara demoníaca sorrindo para mim.

– Ele me disse a mesma coisa – contei a eles. – Isso contribui para a eficiência do combustível. – Estava feliz por ninguém poder ver meu rosto na escuridão.

– Achávamos que você viria nos resgatar – continuou Jo –, ou que voltaria para o EntreMundos e eles enviariam uma equipe de busca e salvamento. Mas, à medida que as semanas se passavam e você não aparecia, começamos a perder a esperança. E, quando nos levaram para a Base da BRUX e nos embarcaram no *Maléfico*, acho que todos pensamos que iríamos morrer.

Expliquei rapidamente o que aconteceu – como a BRUX tinha usado um mundo fantasma para nos enganar e como haviam me dispensado e apagado minha memória, que só havia recuperado graças a Tom. No momento em que terminei, J/O disse ter visto uma luz à frente.

Andamos ainda por mais dez minutos até o restante de nós conseguir vê-la – a cibervisão de J/O era muito mais sensível à luminosidade do que os olhos comuns. Mas, por fim, acabamos saindo do túnel e encontrando a luz, espantados.

Estávamos em um mezanino sobre a casa de máquinas. Ainda não sabia direito como o *Maléfico* voava, mas, se o tamanho contava para alguma coisa, os motores tinham potência de sobra. Eram gigantescos. A câmara devia tomar todo o nível inferior do navio. Abaixo de nós havia enormes pistões e válvulas e engrenagens rotatórias tão grandes quanto a rotunda que tínhamos em Greenville. Saía vapor de imensos purgadores e barras coletoras batiam umas contra as outras em um retinir ensurdecedor. Isso me fazia lembrar de figuras que eu já tinha visto de casas de máquinas de antigos transatlânticos como o *Titanic* – só que esses navios não tinham trolls e duendes cuidando do

maquinário.

Então Jai tocou meu braço e apontou para o lado. Eu me virei e vi o que estava fornecendo energia aos motores: diante de uma imensa parede, do chão até o teto, havia grandes jarros de boticário, ou garrafas antigas de cidra de maçã, feitos com vidro grosso. Em cada um deles havia o que parecia ser o brilho de um vaga-lume, sem o vaga-lume – uma suave luminescência que pulsava ligeiramente ao ritmo das batidas do maquinário. Eram de várias cores, de verdes e amarelos fluorescentes, a laranja e roxos berrantes. Do topo de cada pote saía um tubo que subia até um cano enorme no teto, que por sua vez descia até o centro dos motores.

– São nossos irmãos – sussurrou Jai.

– E irmãs – acrescentou Jakon.

Toquei com a mão a lateral de um pote frio, que brilhou em tom de laranja, como se me reconhecesse. Dentro daqueles potes estava o combustível que alimentava o encouraçado: a essência de Andarilhos como eu, separados de seus corpos, engarrafados e escravizados.

O vidro, ou seja lá qual fosse o material, parecia vibrar ligeiramente. Tudo em que consegui pensar foi na cena vista em centenas de filmes de terror diferentes, em que alguém que está sendo possuído tem um momento de sanidade e implora: “Me mate!”

– Poderíamos ter ido parar aí – rosnou Jakon.

– Ainda podemos – acrescentou Josef com sua voz retumbante.

– É abominável – afirmou Jo. – Queria que pudéssemos fazer algo por eles.

– E podemos – decidiu Jai, estreitando a boca, indignado. Jai sempre parecia tão gentil. Agora eu podia sentir sua raiva no ar, como estática antes da tempestade.

Ele franziu a sobrancelha e olhou para um pote de vidro bem acima de nós. Pensei ter visto o pote tremer. Jai se concentrou ainda mais, fechando os olhos – e o pote se quebrou, explodindo com um sonoro *pop!*, como fogos de artifício. Uma luz pairou no ar onde antes estava o pote, nervosa e agitada, como se não estivesse acostumada à liberdade.

Olhei para os outros e vi que todos concordavam.

O utensílio de ferro que eu tinha trazido da sala de processamento se parecia com uma alabarda, com uma lâmina de um lado e um martelo rombudo do outro.

A ferramenta certa para o trabalho, como meu pai diria.

Dei um passo à frente. Gritei enquanto brandia a arma – um grito selvagem que quase abafou o som que ela fez ao se chocar contra os potes. Quebrei cerca de cinco deles com o primeiro golpe. As luzes dentro das garrafas brilharam tanto, que deixaram uma imagem residual.

O restante da equipe se lançou à tarefa com a mesma disposição, ou até mais. O ar estava cheio de estilhaços voando e luzes estroboscópicas. Parei um instante para olhar rapidamente sobre o ombro. O pandemônio tinha tomado conta da casa de máquinas. Os enormes pistões estavam falhando, bombeando fora do ritmo ou parando por completo. O vapor soprava cada vez mais furiosamente de várias válvulas, até explodir nos canos. Duendes, demônios e outros seres estranhos saídos de contos de fadas andavam de um lado para o outro como ratos em metal quente, em pânico.

A grande máquina estava parando.

Naquele momento, não liguei. Só estava preocupado em libertar as almas de todas as minhas diferentes versões de suas prisões de vidro. À medida que cada garrafa se quebrava, eu me sentia mais forte e confiante. Mais completo.

Mais *vivo*.

Percebi que Josef cantava enquanto quebrava os vidros. Ele tinha uma voz aguda, de tenor. Parecia ser uma canção sobre uma senhora, seu nariz e vários arenques; o que me fez pensar de que tipo de mundo ele vinha.

Então notei uma coisa.

As luzes não estavam se apagando ao se libertarem das garrafas. Ficavam lá, suspensas no espaço, e brilhavam ainda mais forte, pulsando suas cores de vaga-lume. Estavam se reunindo bem ali acima das nossas cabeças. Eu não sabia se o que havia restado deles podia entender o que fizemos ou não. Não importava. *Nós* sabíamos.

Jakon bateu na última garrafa, que estalou e quebrou. E então a alma que se libertou lá de dentro subiu para se juntar às outras.

O ambiente estava carregado de eletricidade. Quero dizer, literalmente – parecia que o ar estava sobrecarregado. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram, e eu tinha medo de tocar em alguma coisa e reduzi-la sem querer a cinzas. E as luzes continuavam sobre nós.

Talvez tenhamos imaginado isso, mas, se foi o caso, todos imaginamos ao

mesmo tempo. Gosto de pensar assim porque, em um nível bem real, eles eram nós – ou tinham sido nós, antes de serem massacrados e usados para fornecer energia para um navio entre os mundos –, e acabamos contagiados por seus pensamentos.

Eles pensaram em *vingança*. Em *destruição*. Em ódio. E, ao nos observarem, pulsaram algo que se parecia muito com *obrigado*.

As luzes das almas começaram a brilhar cada vez mais intensamente, tão forte que todos nós, com exceção de Jakon e J/O, fomos forçados a desviar o olhar. Por fim elas se moveram, e pensei ter ouvido o vento assobiar quando passaram.

Lá embaixo, perto dos motores, trolls e duendes corriam para todos os lados tomados pelo pânico. Não se salvariam nem se o inferno congelasse. Quando as luzes os atingiram, cada um deles brilhou por um instante como uma imagem de raio-X e depois desapareceu.

As luzes chegaram aos motores.

Imagino que eu também odiaria aqueles motores, se os acionasse com tudo que eu tinha, com tudo o que eu *era*. Quando as centelhas chegaram lá, desapareceram. Era como se o aço, o ferro, o bronze e o vapor tivessem, de alguma forma, as sugado.

– O que estão fazendo? – perguntou J/O.

– Silêncio – ralhou Jakon.

– Detesto ser todo prático e coisa e tal – interrompi –, mas Lorde Dogknife e Lady Indigo provavelmente estão mandando mais tropas por aquele túnel atrás de nós neste exato momento. Na verdade, estou surpreso que eles não tenham...

– Quieto – disse Jo. – Acho que vai explodir.

Explodiu, e foi maravilhoso. Foi como um show de luzes, fogos de artifício e a destruição da torre de Sauron... tudo o que se podia imaginar que seria. Os motores do *Maléfico* começaram a se *dissolver* em luz, em chamas, em magia; e então, com um troar que se transformou em um rugido pré-histórico, *explodiu*.

– Isso é indubitavelmente uma conflagração magnífica – afirmou Jai, suspirando, com um grande sorriso nos lábios.

– Lindo – concordou Josef. – Muito bonito.

Se os motores do *Maléfico* tinham algum tipo de garantia, ela acabara de ser cancelada.

Então, enquanto a poeira assentava, senti algo em minha mente. Onde antes estavam os motores abaixo de nós agora havia um portal para a Interzona: o maior com que já tinha me deparado.

– Há um portal ali embaixo – declarei. – Suponho que toda a trama do espaço-tempo estivesse pressionada pelos motores. E, agora que desapareceram, deixaram um lugar pelo qual podemos passar.

Jakon deu um rosnado profundo e disse:

– Então é melhor sermos rápidos – aconselhou ela. – Posso sentir todo um batalhão da escória vindo atrás de nós pela passagem.

– E, além disso, acho que nossas amigas estão apenas começando a lutar – concluiu Jai.

Olhei e vi que ele tinha razão, porque as centelhas das almas brilhavam ainda mais forte agora, enquanto se erguiam do lugar onde os motores tinham estado e se encaminhavam para o andar de cima passando pelo teto.

– Posso levar J/O voando até lá – disse Jo. – Jai pode se teletransportar e provavelmente levar Joey ou Jakon. Mas Josef é um pouco grande demais para ser carregado.

Josef deu de ombros.

– Está tudo bem. Posso pular.

Todos sabíamos que ele conseguiria sobreviver. Minha única preocupação era ele passar direto pelo chão e ir parar em Lugar-Algum.

Mas não havia tempo para hesitações ou dúvidas. Eu podia ouvir o som de botas vindo pelo túnel em nossa direção. Tínhamos que ir embora. E o portal não ficaria ali por muito tempo – parecia instável.

Só havia um problema.

– Amigos, Lorde Dogknife pegou Tom. E não vou embora daqui sem ele – expliquei. – Ele salvou minha vida mais de uma vez. Salvou todos nós. Sinto muito. Posso ajudá-los a atravessar o portal, se quiserem. Mas vou ficar para salvar Tom.

E então o primeiro soldado entrou pela porta.

# CAPÍTULO DEZOITO

OUVIMOS UM estrondo acima de nós, e um grande pedaço de cano se desprendeu e caiu, mas não chegou a nos atingir. Eu me perguntava o que as almas que tinham se libertado estavam fazendo com o restante do navio. Depois me virei para a catástrofe mais próxima.

Quando o primeiro soldado passou pela abertura, Josef o agarrou, como uma criança que pega um boneco, e o atirou ao chão pelo lado do mezanino. Ele gritou um pouco enquanto caía.

– Então – Jai se virou para mim –, você está declinando de nos acompanhar, para desperdiçar tolamente sua vida numa tentativa de resgatar sua forma de vida multidimensional de estimação da... – Ele se interrompeu quando outro grupo de criaturas-soldados assombrosamente feias veio pelo corredor e foram agarradas, teletransportadas e atiradas sobre a grade para o chão abaixo de nós em estágios variados de morte.

– Sim – confirmei. – Acredito que sim.

Ele suspirou. Depois olhou para Jo.

– Tudo bem por mim – concordou ela.

– Por mim também – acrescentou Josef. – Estou... ei, não tão depressa! – E atirou um dos soldados pelo corredor, derrubando vários homens como se fossem pinos de boliche.

– Diga por favor – falou J/O.

– O quê?

– Diga por favor e ajudo você a resgatar seu bicho de estimação.

– Por favor – pedi. Em seguida, girei a alabarda e outra criatura-soldado caiu gritando. Então esperamos, mas não veio mais nenhuma pelo corredor. Pareciam ter desistido da ideia.

– Precisamos correr – aconselhou Jakon. – Não acho que esse navio vá resistir por muito tempo. E Lorde Dogknife não vai esperar para ver. Conheço

esse tipo.

– Ninguém mencionou o verdadeiro problema ainda – falei.

Jai sorriu e disse:

– E de que verdadeiro problema você está falando?

– Estamos no fundo do navio. Precisamos subir até o convés. E o caminho mais rápido é provavelmente voltando pelo corredor pelo qual acabamos de descer.

– Não necessariamente – disse Jo e apontou para baixo. – Olhe ali.

Havia uma magnífica porta que dava para a casa de máquinas, uma coisa enorme feita de latão que se abria naquele momento, devagar, as engrenagens chiando e se queixando como a Bruxa Má do Oeste. Então, um pequeno pelotão de soldados BRUX marchou por ela e se organizou em fileiras. Mas não fizeram nenhuma menção de atacar. Apenas formaram uma sólida parede de carne e armas, que nos encarava.

Por alguns instantes de tensão, ninguém se moveu. Então os soldados BRUX abriram as fileiras, revelando uma única pessoa lá parada. Um homem cuja pele desnuda pulsava repleta de pesadelos.

– Olá, Scarabus – gritei, tentando parecer confiante, embora minha pele parecesse tremer tanto quanto a dele. – Aproveitando o cruzeiro? Vamos ter uma partida de bingo mais tarde.

– Senti desde o início que Neville e Lady Indigo o subestimavam, rapaz – gritou ele de volta para mim. – Ficaria feliz em estar errado. – Ele colocou a mão numa pequena imagem de uma cimitarra tatuada em seu bíceps esquerdo e, de repente, uma cimitarra de verdade surgiu em sua mão direita, a lâmina oleosa com um brilho cruel.

– Você destruiu o *Maléfico* – continuou ele. – E deitou por terra a conquista dos mundos Lorimare. Lorde Dogknife quer cuidar de você pessoalmente. Acredite em mim, vocês teriam preferido o caldeirão.

*Maravilha*, pensei. Lorde Dogknife ainda estava no navio.

Jai deu um tapinha no meu ombro e saí do caminho. Olhou, então, para Scarabus lá embaixo e disse, sem levantar a voz, mas em um tom perfeitamente audível através da imensa parede de soldados:

– Queremos propor um acordo. A todos vocês.

– Não acho que vocês estejam em posição de negociar nada – retrucou

Scarabus e brandiu a cimitarra no ar.

– Mas achamos que sim – insistiu Jai. – Um de nós vai lutar contra você. Se nosso paladino vencer, você irá nos levar sozinho até Lorde Dogknife como pessoas livres. Caso contrário, você poderá nos levar até Lorde Dogknife como prisioneiros.

Scarabus observou Jai por um instante, então começou a gargalhar. Era óbvio o motivo. De acordo com seu ponto de vista, quer ganhássemos ou perdêssemos, acabaríamos nas garras de Lorde Dogknife. Eu também não conseguia ver grande diferença. Poderíamos chamar Lorde Dogknife de muitas coisas, a maioria bastante desagradável – e nenhuma na frente dele –, mas "burro" não era uma delas.

– Que venha o seu paladino! – gritou Scarabus.

Jai balançou a cabeça.

– Preciso que você e todos os seus homens jurem não nos machucar se ganharmos.

Os soldados olharam para Scarabus. Ele fez que sim.

– Eu juro! – gritou ele.

– E eu também! – foram repetindo os soldados, um a um. Pareciam estar se divertindo muito.

– Estou pronto – falei para Jai. Sabia que ele tinha um plano, e só esperava descobrir com o tempo qual era.

– Você? – indagou Jakon com desdém. – Deixe que eu cuido dele. Vou arrancar sua cabeça.

– Perdão? – exclamou Josef. – Maior? Mais forte? Vamos lá, gente, é só fazer as contas multidimensionais.

– Não é uma questão de força – disse J/O. – Mas de habilidade com a espada. Algum de vocês já lutou com uma cimitarra? – Nenhum de nós respondeu. – Bem, fui esgrimista e luto como um campeão olímpico. E já participei de reencenações históricas, com espadas, sabres... e cimitarras.

– Estamos num lugar mágico – argumentou Jai. – Magia forte. Você está debilitado e é o menor de nós, J/O. Este mundo não reconhece suas habilidades.

– Não se trata de nanocircuitos e reflexos aumentados – insistiu J/O. – É uma questão de habilidade. Sei que posso fazer isso.

Todos olharam para mim, e olhei para Jai. Ele assentiu.

J/O parecia o mais convencido possível com sua cara de ciborgue.

– Jo, pode me levar até lá voando?

Ela fez que sim.

– Peça uma espada a eles.

Dei de ombros.

– Ei! – chamei. – Vocês têm uma espada sobrando para nosso paladino?

Um dos soldados estendeu uma espada, deu alguns passos à frente, colocou-a no chão e voltou ao seu lugar. As risadas aumentaram.

– Obrigado – falei. – Aproveitem o show. Não se esqueçam da gorjeta do garçom.

Jo levou J/O voando até o chão. Ele pegou a espada – que era quase do seu tamanho – e fez uma reverência, cumprimentando Scarabus.

Os soldados riram ainda mais alto. Se fosse possível matar alguém de tanto rir, venceríamos fácil. Scarabus olhou para cima, em nossa direção.

– O que é isso? – perguntou ele. – Estão me mandando o menor de vocês na esperança de que eu seja misericordioso? – Abriu ainda mais o sorriso. – Pois *não* serei! – disse ele, e levantando a cimitarra e partindo para o ataque.

Ele era bom. Muito, muito bom.

A questão é que – e isso ficou óbvio para todos nós, incluindo Scarabus e os soldados – J/O era melhor. Desde a primeira vez que suas lâminas se cruzaram, ele foi mais rápido. *Bem* mais rápido. Ele parecia saber exatamente onde a cimitarra de Scarabus estaria a qualquer instante da luta e sempre procurava desviar.

O mais marcante para mim foi o barulho do duelo. Toda vez que as lâminas se chocavam, a sala reverberava com o som de metal contra metal. Ainda posso ouvi-lo.

Não demorou muito para Scarabus parecer abandonar a ideia de uma elegante luta de espadas e tentar vencer aproveitando-se de seu tamanho e força, atingindo J/O com golpes tão violentos que o ciber-eu mal parecia capaz de desviar ou aparar.

Então J/O tropeçou e Scarabus se arremeteu com um grito vitorioso, brandindo a espada com toda a força... e J/O se moveu para o lado, mais rápido que um raio, erguendo a espada.

O homem tatuado se empalou na espada de J/O.

O grito de vitória de Scarabus foi interrompido. Não emitiu som algum, só agarrou o metal e olhou fixamente para J/O com espanto.

Então caiu no chão... e o inferno começou.

A pele dele *ferveu*. Parecia que todas as suas tatuagens tinham estado presas em sua pele de alguma forma, e agora, com sua morte, eram libertadas. Monstros, demônios, coisas que eu não saberia nem do que chamar – todos se ergueram, saindo do corpo dele, expandindo-se e se solidificando...

E em seguida estremeceram e congelaram em pleno voo por um instante.

Então foi como assistir a um filme ser rebobinado. As tatuagens foram sugadas de volta em um redemoinho de tinta e forma e, em uma questão de segundos, estavam seguramente de volta à sua pele. Scarabus se apoiou em um cotovelo, tossiu sangue e se limpou com uma das mãos cobertas por figuras.

– Você acabou de me custar uma vida – disse ele para J/O. – Uma *vida*! Seu monstrinho.

Jai, que estava ao meu lado, pediu tranquilamente:

– Você vai nos acompanhar até Lorde Dogknife sem nos fazer nenhum mal?

– Não tenho escolha – admitiu Scarabus. – Fiz um juramento. Há muita magia em estado puro no ar para voltar atrás agora.

Dois soldados o ajudaram a se levantar, enquanto Jai, Josef, Jakon e eu nos reuníamos a J/O e Scarabus no chão da casa de máquinas.

– Bom trabalho – elogiei J/O. E falava sério.

Ele deu de ombros, mas seus olhos brilharam de alegria.

Começamos a subir correndo uma escada estreita de madeira o mais rápido que podíamos. Todo deque pelo qual passávamos estava um caos – pessoas e coisas que não eram pessoas estavam em pânico, correndo e gritando.

Scarabus nos amaldiçoava, exigindo que fôssemos mais devagar. Ele estava em algum lugar atrás de nós. Mas o ignoramos. O *Maléfico* não ia resistir por muito mais tempo.

– Isso aqui está mais para *Titanic* do que para *Maléfico* – comentei com Jo, tentando recuperar o fôlego. Eram *muitas* escadas.

– *Titanic?*

– Um navio enorme da minha Terra. Bateu num iceberg e afundou, em 1912.

– Ah, certo – disse ela. – Como a catástrofe do *King John*.

– Deixa pra lá – desisti, quando um pedaço enorme do navio despencou do

nosso lado e caiu girando em direção a Lugar-Algum.

Continuamos subindo correndo as escadas, passando por corredores e subindo mais degraus. E então chegamos do lado de fora do auditório, o lugar em que eu tinha visto Lorde Dogknife pela última vez, havia cerca de uma hora.

Parei, e os outros fizeram o mesmo.

– Ei – chamou Josef. – Algo errado?

– Ele está aí dentro – falei. – Não me pergunte como sei.

Jai assentiu.

– Para mim, é o bastante.

Josef derrubou a porta com um chute e nós entramos.

# CAPÍTULO DEZENOVE

A SALA ESTAVA escura, a única fonte de luz era um brilho verde como o de um vaga-lume no lado oposto. Esperamos junto à porta, sem querer avançar mais antes que nossos olhos se acostumassem com a escuridão.

E então ouvimos alguém sussurrar um rosnado melífluo.

– Olá, crianças – saudou o Lorde Dogknife. – Vieram se vangloriar?

Entramos lentamente e vimos o contorno de uma forma escura contra o brilho verde.

– Não – disse Jo. – Não nos vangloriamos. Somos os mocinhos.

Então o ouvimos bufar e a luz verde ficou ligeiramente mais forte.

Agora dava para eu ver o que era. As almas dos Andarilhos, aquelas que estavam nos potes, pairavam no ar juntas como um grande enxame de abelhas. E encarando-as, com as mãos mergulhadas no meio do enxame, estava Lorde Dogknife. Ele parecia estar segurando as almas ali, mas o esforço obviamente lhe custava muita energia. Ele arfava ainda mais do que o normal, e não se virou para nos olhar enquanto nos aproximávamos.

– Vocês me causaram muitos problemas – acusou Lorde Dogknife, ofegante. – Ao libertarem esses fantasmas, me fizeram perder o navio *e* prejudicaram a invasão aos mundos Lorimare.

– E a Noite Gélida? – perguntei.

Ele então se virou para nos olhar, e o enxame brilhou com mais força. Uma pequenina luz se separou das outras, foi até o rosto de Dogknife e o arranhou. Dogknife pareceu que ia cair, mas então se endireitou e rugiu:

– Não. A Noite Gélida continuará como planejada, não importa o que aconteça comigo.

Sentimos um tremor e um estrondo quando algo abaixo de nós desabou. Isso acontecia cada vez com mais frequência.

– Por que está aqui? – perguntei. – Não devia estar num bote salva-vidas ou

coisa assim?

Então, como o urro de um touro ou o rugido de um tigre, ele disse:

– Não está vendo, garoto? Essa bola idiota de espíritos cozidos me prendeu.

Ele gemeu e arfou, tentando, em vão, se soltar. A luz pirilâmpica ficou mais intensa e começou a abrir os braços dele, escorrendo aos poucos como um óleo verde. Fazia sentido. Se ele tivesse me aprisionado em uma garrafa de vidro por anos – depois de me infligir dores excruciantes para me ajudar a "focar" –, sei bem o que gostaria de fazer. Eu iria querer vê-lo sofrer tanto quanto o que havia sofrido por sua causa. Iria prendê-lo no navio até que explodisse ou afundasse ou o que quer que acontecesse com os navios sabotados em Lugar-Algum.

Josef tocou meu ombro.

– Joey? Esta negociação é sua. Seja lá o que queira fazer, é melhor se apressar.

Fiz que sim. Respirei fundo e caminhei até Dogknife. Encarei aqueles olhos, olhos que eram da cor do câncer, da bile, de veneno. Olhei bem fundo, mesmo que cada célula do meu corpo estivesse gritando para eu sair dali correndo.

– Quero meu fovimal de volta.

Seu enorme rosto de hiena se contorceu brevemente como quem acha graça. Pude notar que ele pensava, percebendo que tinha algo que eu queria.

– Ahhhh. Vocês não voltaram isso tudo só para assistir à minha morte. Veio aqui atrás da sua criatura.

– Sim.

Uma luz cintilou vivamente no enxame de almas, e Lorde Dogknife se encolheu.

– Então me tire daqui e devolvo seu amiguinho. Mas você tem que me libertar. Desse jeito, nem se eu quisesse poderia pegar o prisma. Minhas mãos estão meio ocupadas.

– Por que devemos confiar em você? – gritou Jakon.

– Não podem. Nem deveriam...

Ele fez uma pausa, rosnou e pareceu tentar se concentrar. Então gemeu. Foi o mais perto que ouvi Lorde Dogknife chegar de mostrar um sinal de fraqueza, de dor. E tinha que admitir, aquilo não me deu a satisfação que imaginei que sentiria. Mas estava bem longe de sentir pena dele.

– Se quer sua mascote de volta, então, por tudo que é mais sagrado, me *ajude*

– rogou ele. – Não vou aguentar por muito tempo. A dor é mais forte do que posso suportar. E posso suportar *muita* dor...

Hesitei.

– Não sei nem se posso ajudar. E se apenas pegarmos o prisma?

– Então você teria um prisma com um ouroboros dentro. Você precisa de mim para abri-lo.

O navio balançou bruscamente, e de repente tudo ficou a quarenta e cinco graus. Deslizei no piso escorregadio de madeira e bati contra a parede. Rolei para longe bem a tempo de desviar de Lorde Dogknife, que atingiu o mesmo lugar, só que com muito mais força. Ele gemeu e tentou se levantar.

Ainda hesitando um pouco, estendi a mão até a luz cintilante.

Ódio.

O ódio tomou conta da minha mente.

O desejo por vingança.

Cada um dos espíritos, e havia centenas deles, continuava se agitando e se contorcendo de dor. Estavam cheios de ódio: do navio, da BRUX, de Lorde Dogknife, de Lady Indigo. O ódio era a única coisa que os fazia esquecer um pouco a dor.

Era horrível sentir aquelas centenas de versões de mim mesmo gritando.

Eu tinha que dar um fim àquilo tudo.

– Acabou – falei para eles, sem saber direito o que estava dizendo. – Ninguém mais vai machucar vocês. Estão livres. Deixem isso pra lá. É melhor seguir em frente.

Tentei imaginar coisas boas para dar força aos pensamentos que mandava para eles. Dias quentes de verão. Noites de inverno perto da lareira. Tempestades. Depois de um tempo não conseguia pensar em mais nenhum desses temas emotivos triviais e me concentrei em lembranças de família. O cheiro do cachimbo do meu pai. O sorriso do lula. A pedra presa no meu pescoço que minha mãe tinha me dado antes de eu partir.

A pedra...

Sem saber direito o porquê, levei a mão dentro da camisa e a tirei de lá. Pendurada na minha mão, ela refletia a luz e as pulsações das almas. Então notei algo peculiar: a pedra não estava só reverberando as luzes; estava entrando em compasso com elas, harmonizando-se de alguma forma com as cores

tremeluzentes. E pude ver que as luzes pirilâmpicas estavam mudando, começando a pulsar e reluzir em sincronia. Se fosse som em vez de luz, eu estaria ouvindo duas melodias contrapontísticas que se fundiam lentamente.

Estavam quase acreditando em mim. De algum jeito eu sabia. Quase, mas não completamente.

– Pare de lutar contra elas – falei para Dogknife.

– *O quê?*

– Enquanto lutar, elas continuarão tentando destruí-lo. Pare, e elas o soltarão.

– Por que eu deveria confiar em você? – perguntou ele, ofegante.

– De novo isso? Agora pare de lutar contra elas.

E ele parou. Relaxou cada músculo e quase pude ouvir a tensão se desfazer. *Viram?*, falei em minha mente para as centelhas, sem perceber que não falava em voz alta. *Agora, soltem-no*.

A luz reluziu cada vez mais intensa, enchendo a sala com um brilho ofuscante. Fechei os olhos com força, mas a luz tomava conta da minha cabeça e da minha mente. Pensei ter ouvido uma voz dizer *adeus*, mas posso ter só imaginado. Então a luz ficou mais fraca, e a pedra que minha mãe me deu se apagou também.

A sala toda ficou escura.

– Pegue – disse a voz de Lorde Dogknife. Senti algo frio e afiado em minha mão.

– Obrigado – falei sem pensar.

Uma luz piscou e um candelabro ali perto pegou fogo de repente. Lorde Dogknife estava ao meu lado. Seu hálito era pestilento, e o ódio que faiscava em seus olhos poderia ter apagado o sol. Arreganhou os dentes, tão perto que pude ver pequenos vermes, quase microscópicos, rastejando por eles.

– Não me agradeça, garoto – sussurrou com seu focinho arruinado. – Na próxima vez em que nos encontrarmos, vou arrancar a pele do seu rosto com uma mordida. E usarei suas tripas como fio dental. Você me custou muito caro. Então não me agradeça, *nunca*.

Virou a cabeça de lado como se estivesse tentando ouvir alguma coisa, e em seguida uivou alto, como um lobo enlouquecido.

– Meus companheiros estão chegando – disse ele.

– Abra o prisma de Tom ou vou chamar os espíritos de volta – ameacei.

Seus dentes afiados cintilaram à luz das velas.

– Você está mentindo. Não pode fazer isso.

Ele estava certo, é claro. Eu não podia, mas ele não tinha como saber. Segurei a corrente com a pedra com minha mão livre.

– Vamos descobrir?

Ele me fuzilou com os olhos vermelhos, mas foi o primeiro a ceder. O prisma começou a ficar gelado como o casco de um ônibus espacial.

– Ele não vai abrir completamente na minha presença – rosnou Lorde Dogknife. Então me agarrou, tirando meus pés do chão. – Lamento, mas você terá que partir, *Andarilho*.

Ele me atirou como um atleta olímpico de lançamento de dardo arremessaria casualmente um pequeno galho. Voei por toda a imensa sala, com força o suficiente para quebrar metade dos ossos do meu corpo quando atingisse a parede. O que, felizmente, não aconteceu, porque Jo se lançou em minha direção, usando as asas para nos desacelerar. Aterrissamos com suavidade no deque e, um instante depois, toda minha equipe estava à nossa volta. Fiquei de pé e, se não fosse por Jakon, que me segurou, teria caído de novo quando o navio se inclinou bruscamente. Tudo estremecia agora. Os rebites estalavam, e partes do casco do navio começavam a empenar.

Dogknife uivou outra vez e a parede distante arrebentou, estilhaçando lascas de madeira. Havia algo suspenso no não espaço ao lado do navio, algo que se parecia muito com um tapete mágico aprimorado para a forma de um bote salva-vidas atual. Eu podia ver Lady Indigo, Scarabus, Neville e algumas outras criaturas que deviam ser figurões da BRUX dentro dele.

Lorde Dogknife rosnou e pulou para o bote, aterrissando nele com tanta força que catapultou uma criatura que estava na beirada do bote, aos berros, em direção a Lugar-Algum.

Como uma lembrança ruim, o bote foi embora, e o *Maléfico* caía aos pedaços à nossa volta.

– Onde está o portal? – gritou Jai.

Eu ia lhe dizer que estava abaixo de nós, mas então percebi que o portal havia mudado de lugar e estava à minha direita, a algumas centenas de metros.

– Está em algum lugar por ali! – gritei de volta, apontando.

Nessa hora, o teto começou a desabar, e nós corremos.

– *Para fora!* – urrou Josef. – Vamos em direção ao deque! É nossa única chance!

– Menos conversa, mais ação – disse Jakon.

O prisma em minha mão pareceu mais frio, depois úmido. Era uma sensação estranha, familiar, mas eu não podia parar e olhar para ele, porque estava correndo, tentando acompanhar minha equipe.

O prisma, então, começou a pingar da minha mão. Era gelo, percebi espantado. Nada mais do que gelo derretendo. Esperava que aquilo não fosse um truque de Lorde Dogknife.

Uma parte do piso começou a desmoronar sob nossos pés. J/O, Jakon, Jai e Jo conseguiram chegar à escada mais próxima. Josef e eu não. Agora havia um buraco entre nós, com uns três metros, de onde irrompiam chamas, que se espalhavam pelo chão às nossas costas.

– Nunca vamos sair daqui vivos – disse alguém. Acho que fui eu.

As ripas de madeira sob meus pés começaram a se soltar. Voltei então até onde achei que o chão estava mais firme. Não estava.

Não havia nada além de fogo embaixo de mim, mas, antes que eu caísse, alguém me pegou, agarrando-me pelo cinto enquanto o deque desaparecia completamente.

– Ei – chamou Jo. – Relaxe, ou posso deixar você cair.

Relaxei e, batendo as asas, ela se ergueu sobre o buraco e me levou até uma parte intacta do deque. Então voltou, descendo de novo para resgatar Josef, pendurado em um mastro.

– Você está bem? – perguntou Jakon. Assenti. Abri a mão em que segurava o prisma. Não havia nada lá.

– Ele me enganou – falei. – Mentiu para mim.

Jakon riu.

– Acho que não – disse ele e apontou para cima.

Levantei a cabeça e vi Tom pairando no ar. Estava fraco e pálido, mas estava ali, apesar de tudo. O alívio tomou conta de mim.

– Tom! Você voltou! Como está?

Um leve rubor rosado se espalhou pela superfície em forma de bolha do fovimal.

– Acho que ela pode estar ferida – sugeriu Jakon.

Eu me perguntei por que Jakon havia falado de Tom no feminino, mas não havia tempo para entrar numa conversa potencialmente complicada como aquela.

– O caminho mais rápido é por aqui – indiquei, apontando para a parede.

J/O deu um passo à frente e apontou o braço laser. Não vi o que ele fez. A fumaça era tão densa que eu não conseguia enxergar ou respirar muito bem.

– Depressa! – exclamei, tossindo. Vi um clarão de luz vermelha através das minhas pálpebras fechadas, ouvi algo como *ffsshtt!* e, de repente, havia ar fresco em meu rosto. Alguém me empurrou e tropecei, indo parar no deque da frente do *Maléfico*.

– Ali está o portal – apontou Josef. – Olhem. – Dava para vê-lo a quase cem metros de um dos lados do navio, cintilando na paisagem singular de Lugar-Algum. – Como chegamos lá?

– Jo, você consegue navegar no éter? – perguntou Jai.

– Se posso voar até lá? – Ela hesitou. – Não sei. Provavelmente não.

– Que ironia – rosnou Jakon. – Vamos morrer neste navio estúpido de cara para um portal.

Olhei de novo para o "buraco" no "céu". Parecia menor, como se tivéssemos nos afastado. Mas não. Não estávamos nos afastando.

O portal estava encolhendo.

Olhei para Tom e perguntei:

– Você consegue nos tirar daqui?

Ele pulsou um tom triste de cinza. Era óbvio que o tempo em que ficara no prisma tinha lhe feito mal.

– Tudo bem. Mas você conseguiria nos levar até o portal?

De novo, a nuance triste de cinza em resposta. Não, nem isso ele conseguiria fazer.

– Bem, você acha que poderia levar *um* de nós até o portal?

Uma pausa. Então um azul afirmativo iluminou a superfície de Tom.

– Perfeito – reclamou J/O. – Você irá escapar, e nós morreremos. Que ótimo. Maravilha. E com isso quero dizer que é uma droga, caso não tenha entendido.

– Sabe, tinha começado a gostar de você depois daquela luta de espada – retruquei. – *Todos nós* vamos sair. E a pessoa que eu quero que Tom carregue é Josef.

– Eu? – indagou Josef, franzindo as sobrancelhas.

– Isso mesmo – confirmei. Ouvimos mais uma explosão vindo de baixo de onde estávamos, e outra parte do navio se despedaçou.

– Rápido – insisti, olhando em volta –, precisamos daquele cordame ali, e... sim! Estão vendo aquele pedaço de mastro lá? Vamos precisar dele também.

Jakon pegou o cordame – grosso e do tamanho de dois lençóis amarrados – e Jai, sem fazer grande esforço, levitou uma das pontas do mastro para fora da pilha de madeiras quebradas. Jo pegou a outra ponta, batendo suas asas, e Josef e eu o empurramos para cima até o ponto que eu havia indicado.

Passei o cordame em volta do mastro, amarrando no alto e na base. Não ia ganhar nenhum prêmio de design, mas serviria. Pelo menos era o que eu esperava.

– Bem, agora é esperar que não haja muita inércia em Lugar-Algum – falei. – Josef, como anda o seu lançamento de dardos?

– Por quê?

– Porque quero que lance a gente pelo portal.

Eles todos me encararam como se tivessem depositado suas últimas esperanças em alguém que depois descobriram ser completamente maluco.

– Você está doido – disse Jakon. – A lua virou sua cabeça.

– Não – falei para ela, para todos eles. – É perfeitamente razoável. Nós nos agarramos ao cordame, e Josef arremessa o mastro em direção ao portal. Ainda está bem grande, embora continue encolhendo rapidamente. Ao chegarmos lá, eu o abro e Tom leva Josef.

Eles se entreolharam.

– Quando você fala assim, parece bem simples – admitiu Jo.

– Parece é que vermes devoraram seu cérebro – acusou Jakon.

– Completamente louco – concordou J/O. – Um colapso do sistema nervoso.

– Josef – perguntou Jai. – Você acha que consegue nos atirar tão longe?

Josef se abaixou e pegou o mastro para avaliá-lo. Era do mesmo tamanho, ainda que mais fino, que um poste de telefone. Ele gemeu pelo esforço, e então assentiu.

– Consigo – respondeu. – Acho que sim. Talvez.

Jai fechou os olhos e respirou fundo várias vezes, como se estivesse meditando. Então disse:

– Muito bem. Vamos fazer o que Joey sugeriu.

– Tom – falei. – Você tem que ficar aqui, no deque, e levar Josef até lá quando estivermos a caminho. Pode fazer isso?

Ele brilhou verde em um dos cantos arredondados.

– Como você sabe se ele ao menos entendeu o que você disse? – indagou Jo.

– Você tem uma ideia melhor? – perguntei a ela, que respondeu balançando a cabeça.

Empurramos o mastro por cima da lateral do navio, com a ponta ligeiramente virada para o alto, em direção ao portal, que pulsava como uma nebulosa holográfica na desolação, a cerca de cem metros.

– Vamos lá – falei para Jo.

Todos nós, exceto Josef, subimos no mastro, segurando firme no cordame.

– Certo, Josef. Pode jogar.

Ele fechou os olhos, gemeu, então nos *arremessou*.

Começamos a nos afastar devagar do navio. Estávamos meio caindo, meio voando, meio costeando Lugar-Algum em direção ao portal.

– Está dando certo! – gritou Jakon.

Sir Isaac Newton foi a primeira pessoa (na minha Terra, pelo menos) a explicar as leis do movimento. A coisa é bem básica: um objeto (digamos, por exemplo, um mastro com cinco jovens soldados interdimensionais pendurados) que não sofra a ação de nenhuma força irá, de acordo com a primeira lei, manter sua condição inalterada; a segunda lei diz que uma mudança de movimento significa que alguma coisa (como Josef) agiu sobre o objeto; a terceira afirma que para toda ação há sempre uma reação oposta e de mesma intensidade.

A primeira lei, da maneira como eu vejo, significava que deveríamos continuar flutuando em direção ao portal que encolhia depressa até chegarmos lá. É verdade, havia ar, ou éter, ou alguma coisa que podíamos respirar, mas o simples atrito atmosférico não nos faria perder impulso até o ponto de parar antes de atingirmos o portal. Então meu plano era infalível, certo?

O problema é que, como disse antes, existem alguns lugares em que as leis científicas são apenas pontos de vista, e pontos de vista bem questionáveis, além disso. Onde o poder da magia é mais forte que as leis científicas. O Lugar-Algum é um deles.

E os membros da BRUX sabiam disso.

Estávamos ainda a cerca de dez metros do portal quando paramos. Apenas paramos e ficamos lá suspensos no espaço.

E então ouvimos uma voz que vinha de trás. Uma voz tão doce quanto uma maçã envenenada. Uma voz que, não havia muito tempo, eu morreria para ouvir me dizer um único elogio que fosse. E, pelos olhares dos outros, percebi que um dia haviam se sentido da mesma forma.

– Não, Joey Harker – começou a voz. – Nada de conseguir fugir no último minuto.

Todos nós cinco e Josef, no *Maléfico*, nos viramos juntos...

... para encarar Lady Indigo.



# CAPÍTULO VINTE

ELA PAIRAVA NO ar, entre nós e o *Maléfico*, um braço ainda erguido, na posição que assumira ao lançar um feitiço para nos deter. Enquanto falava, levantou o outro braço e começou a voar para longe do *Maléfico* e em direção a nós.

– Meus parabéns, Joey Harker – continuou ela enquanto se aproximava. – Você fez o que ninguém pensava ser possível. Destruiu o *Maléfico* e sua missão. Lorde Dogknife já voltou para a Base da BRUX. Ele me encarregou de levá-lo até lá. Estou ansiosa para fazer isso, acredite em mim. Com a conquista dos mundos Lorimare interrompida, ele poderá dedicar todo seu tempo para planejar a vingança contra você.

Ela aterrissou na lateral do mastro e começou a traçar no ar o caminho luminoso do mesmo símbolo que tinha usado para me enfeitiçar havia tanto tempo, em uma das incontáveis Greenvilles alternativas. Enquanto gesticulava, começou a falar a Palavra que faria todos nós seis voltarmos a ser seus escravos.

Eu sabia que tinha de fazer alguma coisa, ou estaria tudo acabado. Com sua missão de conquista arruinada, não haveria nada capaz de impedir Lorde Dogknife de usar todo seu conhecimento e habilidade para extrair de nossas mentes o segredo do EntreMundos. Se Lady Indigo completasse seu feitiço, seria o fim, para *todos*. E para os mundos sem fim.

Mas eu não sabia como impedi-la. Olhei para meus colegas e pude ver que já caíam sob seu domínio – os olhos deles estavam ficando vidrados, os músculos, retesados. Também pude sentir que seu poder já começava a tomar conta da minha mente, sussurrando de maneira sedutora como seria fácil e *certo* fazer o que ela me pedia...

O feitiço estava quase completo. A Palavra, o Som dela, reverberava no ar, pulsando no ritmo do Símbolo resplandecente. Senti minhas mãos se levantarem e começarem a fazer um gesto de obediência a ela, a Lorde Dogknife, à BRUX...

Eu tinha que distraí-la de algum jeito. Procurei em volta alguma coisa que pudesse atirar nela para desconcentrá-la. Coloquei a mão esquerda no bolso, sabendo que seria inútil... e então fechei o punho em torno do saquinho de pó.

Nem parei para pensar, parti logo para a ação. Tirei o saquinho da bolsa e o joguei em cima dela.

Não tinha ideia do que ia acontecer – ou mesmo se aconteceria alguma coisa. Foi um gesto desesperado, puro e simples. Como falei, minha preocupação maior era desconcentrá-la.

Mas consegui bem mais que isso.

Quando o saquinho a atingiu, ele *evaporou*, liberando um estranho pó vermelho que girou em volta de Lady Indigo, envolvendo-a em um redemoinho em miniatura. Ela pareceu surpresa... e depois com medo. Moveu os braços para tentar se proteger, abriu a boca para realizar um contrafeitiço, mas não emitiu nenhum som. O pó rodopiava cada vez mais rápido, e eu pude sentir a potência do poder dela sobre nós diminuindo. Olhei para os outros, e vi que estavam despertando do feitiço.

O que significava que tínhamos uma chance – e somente uma – de escapar.

O portal, que tinha aproximadamente trinta metros de extensão quando estávamos na casa de máquinas, e cerca da metade quando nos lançamos do navio em sua direção, agora começava a evaporar e desaparecer.

– Jo! – chamei. – Comece a bater as asas! E Jai, você consegue nos levitar até o portal?

– Não estou completamente certo disso – admitiu ele.

– Esteja – falei. – Faça o melhor que puder.

Quanto a mim, eu me concentrei no portal. Afinal de contas, sou um Andarilho. Sondei e me esforcei, até alcançá-lo com a minha mente. Então, me empenhando ao máximo, abri o portal.

E lentamente, ah, muito, *muito* lentamente mesmo, como um trem passando por uma pequena cidade do sul em um dia de verão, o mastro começou a se mover em direção ao portal.

– Está funcionando! – gritou J/O.

Olhei de relance para Lady Indigo, para me assegurar de que ela não continuaria a ser um problema. Parecia que não. Havia lampejos de luz no redemoinho vermelho agora, e cada um parecia iluminá-la de dentro para fora,

como se sua pele tivesse ficado momentaneamente translúcida, deixando os ossos à mostra. Ela começou a se contorcer como se estivesse em agonia, a boca aberta em um grito – um grito que ninguém podia ouvir.

Mas o portal estava se fechando, e não havia mais nada que eu pudesse fazer para mantê-lo aberto.

– J/O! Jakon! – gritei. – Ajudem-me! Precisamos manter o portal aberto!

Senti a mente deles – sua força – pressionar com a minha enquanto o portal continuava a encolher e desaparecer.

Não iríamos conseguir a tempo. Não iríamos...

O *Maléfico* explodiu.

Formou-se, então, uma imensa nuvem escura e gordurosa, expandindo-se em todas as direções na forma de um cogumelo. Acho que se isso tivesse acontecido na Estática, ou em um mundo em que a ciência funcionasse melhor, a onda de choque teria matado todos ali. Nesse caso, senti uma forte rajada de ar superaquecido que lançou o mastro, com todos nós agarrados a ele, em direção ao portal... e através dele!

Simples como uma chave girando em uma fechadura, passamos pelo portal e chegamos à acolhedora loucura da Interzona.

O mastro e o cordame se dissolveram, transformando-se em coisas que correram, como aranhas, em meio a rosnados selvagens e cartunescos com cheiro de tangerina. Dei uma olhada para trás, através da fenda do portal que se estreitava. Lady Indigo – ou o que restava dela – não estava em lugar nenhum. Em seguida o portal desapareceu. E até hoje não sei o que aconteceu com ela.

– E quanto a Josef? E Tom? – perguntou Jo.

Ouvimos um chiado, seguido por uma explosão de centelhas cor de esmeralda, e Josef caiu do céu na nossa frente, envolto por uma fina bolha, que encolheu diante dos nossos olhos, depois foi em minha direção e se acomodou em meio à loucura, balançando como um balão ao sabor de uma brisa de primavera.

– Estou aqui – disse Josef. – Vamos para casa.

Casa? Senti uma pontada de dor ao me lembrar da minha mãe, meu pai e meus irmãos. Lugares e pessoas que eu provavelmente jamais voltaria a ver. Levantei a mão e toquei a pedra que minha mãe tinha me dado em minha última noite lá. *Você está fazendo o que é certo*, disse ela nas minhas lembranças.

*Obrigado, mãe*, pensei, e a dor diminuiu, mesmo que nunca pudesse desparecer totalmente.

Então pensei na minha casa. Minha nova casa.

{EM}:=Ω/∞

nos levaria de volta para lá, onde quer que estivesse escondida.

Andei, e o restante da equipe me seguiu.



# CAPÍTULO VINTE E UM

ESTÁVAMOS TODOS na antessala do escritório do Ancião: Jai, Josef, Jo, Jakon, J/O e eu. Esperávamos ali havia quase uma hora. Tínhamos sido convocados um pouco antes do café da manhã e ido direto para lá. E então esperado...

E esperado.

Finalmente soou uma campainha para chamar a assistente, que entrou e saiu pouco depois, vindo em minha direção.

– Ele quer falar com você primeiro – informou ela. – Os outros esperam aqui.

Sorri para meus amigos enquanto entrava. Se eu não estava flutuando a dois palmos do chão, é porque estava a três. Ou quatro. Quer dizer, eu podia não fazer parte do EntreMundos há muito tempo, mas eu, ou melhor, tínhamos feito algo realmente incrível. Seis de nós tinham eliminado uma frota de invasão da BRUX. Tínhamos destruído o *Maléfico*. Pelo menos uns dez mundos continuariam em liberdade graças a nós.

Não sou de me vangloriar, mas esse é o tipo de coisa que faz alguém ganhar medalhas.

Pensei, então, no que diria se ele me desse uma medalha. Diria simplesmente "Obrigado" ou algo sobre ser uma honra e que eu tinha feito apenas o que qualquer um faria no meu lugar? Será que eu gaguejaria embaraçosamente como aqueles atores que ganham o Oscar... ou não diria nada?

Mal podia esperar para descobrir.

E quanto a uma promoção? Sejamos práticos – eu daria um ótimo líder de equipe. Levantei ligeiramente a cabeça, projetando o queixo. Eu daria um grande oficial.

Nada tinha mudado em seu escritório. Havia uma mesa que ocupava a maior parte da sala, e papéis, pastas e discos empilhados por toda parte. E, sentado ali, estava o Ancião, fazendo anotações. Ele não pareceu notar quando entrei, então

fiquei lá em pé.

Esperei por alguns minutos. Por fim, ele fechou a pasta à sua frente e olhou para cima.

– Ah, Joey Harker.

– Sim, senhor. – Tentei soar humilde, mas não foi fácil.

– Li seu relatório de missão, Joey. Mas não entendi bem uma coisa. Qual foi exatamente o estímulo que fez sua memória voltar?

– Minha memória? – A pergunta dele me pegou de surpresa. – Foi a bolha de sabão, senhor. Ela me fez lembrar de Tom, e, ao ver Tom, parece que todo o resto simplesmente voltou.

Ele assentiu e fez uma anotação.

– Teremos de levar isso em conta para futuros condicionamentos amnésicos – disse ele. – Ainda precisamos aprender muita coisa a respeito dos fovimais. Por ora, você poderá manter a criatura na base, mas essa permissão pode ser rescindida a qualquer momento.

Seu olho de LED brilhou. Ele fez outra anotação.

Fiquei lá em pé enquanto ele continuava a escrever, até me perguntar se ele havia esquecido que eu estava lá.

Aquilo não estava acontecendo do jeito que eu havia imaginado.

– Senhor?

Ele levantou o rosto.

– Estava me perguntando... bem, pensei que talvez fôssemos receber algum tipo de... Quero dizer, bem, explodimos o *Maléfico*, e...

Parei de falar. Aquilo definitivamente não estava acontecendo como eu tinha imaginado.

Ele suspirou. Foi um longo suspiro, cansado e experiente. O tipo de suspiro que se pode imaginar que Deus tenha dado após seis dias de trabalho duro, ansioso por férias cósmicas, quando então recebeu um relatório de um anjo sobre alguém que tinha comido uma maçã.

Então ele falou com sua assistente:

– Mande o restante do grupo vir até aqui.

Todos entraram no escritório, chegando para o canto para abrir espaço.

O Ancião nos observou e de repente me dei conta de que ele estava sentado, e nós, de pé. Parecia o contrário, que ele assomava sobre nós.

Josef, Jo e Jakon pareciam muito satisfeitos consigo mesmos. J/O sorria de orelha a orelha. O único que não parecia empolgado era Jai.

– Bem – falou o Ancião –, Joey parece ser da opinião de que vocês seis deveriam receber algum tipo de medalha, ou pelo menos um reconhecimento formal pelo magnífico trabalho que fizeram. Alguém aqui pensa o mesmo?

– Sim, senhor – concordou J/O. – Ele lhe disse como derrotei Scarabus na luta de espadas? Nós *detonamos*.

Os outros concordaram, murmurando alguma coisa ou apenas balançando a cabeça.

O Ancião assentiu e olhou para Jai.

– E o que você pensa? – perguntou ele.

– Acho que nosso feito foi algo deveras extraordinário, senhor.

O olho do Ancião reluziu.

– Ah, foi, não foi? – indagou ele.

Então respirou fundo e começou a falar.

Ele nos disse o que pensava de uma equipe que não podia nem completar uma simples missão de treinamento sem um desastre. Disse que tudo que havíamos conseguido fazer tinha sido pura sorte. Que tínhamos desrespeitado todas as regras do livro e algumas que eles nunca tinham pensado em colocar em nenhum livro de regras ou livro de puro bom senso. Disse que, se houvesse justiça em qualquer dos diversos mundos, todos nós teríamos sido processados e engarrafados. Que tínhamos sido excessivamente confiantes, além de ignorantes e tolos. Que tínhamos assumido riscos absurdos. Disse que nunca devíamos ter entrado em apuros daquele jeito. E que, tendo entrado, deveríamos ter voltado para casa *imediatamente*...

E continuou assim por um bom tempo.

Ele não levantou a voz em nenhum instante. Não precisava.

Eu tinha entrado ali flutuando a quatro palmos do chão e, quando ele terminou, me sentia rastejando o chão como um rato. Um rato corcunda e aleijado. O menor da ninhada.

Quando ele acabou de falar, o silêncio era grande o bastante para encher um oceano e ainda sobrar para alguns lagos e um mar interior. Ele olhou para cada um de nós em silêncio. Tivemos que nos concentrar muito para não olhar de volta para ele... ou para um dos outros.

E então, por fim, ele disse:

– Ainda assim, no que diz respeito a uma equipe, acho que vocês seis podem ter potencial. Muito bem. Dispensados.

E nos arrastamos para fora dali sem olharmos nos olhos uns dos outros.

Paramos no campo de manobras, todos juntos. O sol estava na metade do céu, e um vento frio soprava pela Cidade Base. A cidade perpetuamente flutuante passava sobre uma densa floresta que dava a impressão de se estender por muitos quilômetros, o que provavelmente era verdade. Passamos por uma clareira e uma criatura que parecia um rinoceronte superdesenvolvido com dois chifres, que ficavam lado a lado, levantou a cabeça e olhou para nós.

Acho que estávamos em estado de choque.

Tom se contorcia devagar no ar a cerca de dez metros do chão. Quando nos viu, desceu depressa para perto do meu ombro direito.

Alguém precisava dizer alguma coisa, mas ninguém queria ser o primeiro.

Por fim, Josef balançou a cabeça.

– O que *aconteceu* lá dentro? – perguntou ele.

Jai sorriu de repente, mostrando seus dentes brancos perfeitos.

– Ele disse que éramos uma equipe.

Houve uma pausa.

– E que nós temos *potencial* – acrescentou Jakon, orgulhosa.

– Ele disse que posso ficar com Tom – contei a eles.

– Então somos sete na equipe. E não seis – concluiu Jo gentilmente, abrindo as asas contra o sol da manhã. – E ele disse “muito bem”, não foi? O Ancião disse “muito bem”. Para *nós*.

– Você ouviu isso? – perguntei a Tom. – Você é parte da equipe também. – Tom ondulou lentamente, nuances de laranja e vermelho fervilhando por sua superfície de bolha de sabão. Não fazia ideia se ele havia entendido alguma coisa. Mas tinha quase certeza que sim.

– Ainda acho que detonamos – insistiu J/O. – E, de qualquer forma, temos potencial. Quem precisa de medalhas? Prefiro dez vezes ter potencial a medalhas.

– Será que sobrou alguma coisa do café da manhã? – indagou Josef. – Estou morrendo de fome.

Estávamos todos morrendo de fome, exceto talvez Tom. Então fomos tomar

café da manhã.

Tínhamos quase terminado de comer quando os alarmes soaram. Corremos até o quadro de avisos nos fundos do refeitório e vimos as imagens se formarem nele.

– Temos uma equipe com problemas – disse Josef. – Um ataque Binário na coalizão Beiramundo. Jerzy e J’r’ohoho estão em apuros.

A voz do Ancião ressoou pelo alto-falante.

– Joey Harker, reúna sua equipe para ação imediata.

Olhei para eles e vi que estavam prontos. Assim como eu.

O equilíbrio precisava ser mantido.

Eu me concentrei... e a Interzona se abriu à nossa frente.

Então nós Andamos.

# POSFÁCIO

Michael e Neil começaram a falar sobre *EntreMundos* em torno de 1995, quando Michael fazia uma série de animação de aventura para a DreamWorks, e Neil estava em Londres trabalhando na série de TV *Neverwhere*. Achamos que daria uma aventura divertida para televisão. Então, à medida que a década de 1990 avançava, começamos a tentar explicar nossa ideia para as pessoas, contando-lhes sobre uma organização composta apenas de dezenas de Jo/e/y Harkers, tentando preservar o equilíbrio entre a magia e a ciência em um número infinito de realidades possíveis, e víamos seus olhos vidrarem. Nessa época percebemos que existem algumas ideias que se pode explicar para o pessoal que faz televisão, e outras não. Quando a década chegou ao fim, um de nós teve outra ideia: por que não escrever a história como um romance? Se apenas contássemos a história, de maneira simples e fácil, até mesmo um executivo de TV conseguiria entendê-la. Então, num dia coberto de neve, Michael foi até a parte do mundo em que Neil mora, carregando um computador e, enquanto o inverno dominava a paisagem, escrevemos este livro.

Logo descobrimos que os executivos de televisão também não leem livros, então suspiramos e seguimos com nossas vidas.

*EntreMundos* ficou lá guardado no escuro durante alguns anos, mas, quando recentemente mostramos a história a algumas pessoas, elas acharam que outras pessoas também poderiam gostar de ler este livro. Então o tiramos da escuridão e demos uma polida. Esperamos que tenham gostado.

*— Neil Gaiman e Michael Reaves,* 2007

# OUTROS LIVROS DE NEIL GAIMAN

Coraline

O livro do cemitério

O mistério da estrela – Stardust

Odd e os gigantes de gelo

Os lobos dentro das paredes

O alfabeto perigoso

Instruções

O dia de Chu

Menina iluminada

Coraline - Graphic Novel

Cabelo doido

Título original
INTERWORLD
*Copyright* © 2007 *by* Neil Gaiman e Michael Reaves

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma sem autorização, por escrito, do editor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
EDMO SUASSUNA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G134e
Gaiman, Neil, 1960-
Entremundos [recurso eletrônico] / Neil Gaiman, Michael Reaves ; tradução Viviane Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital

Tradução de: InterWorld
ISBN 978-85-8122-334-6 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Reaves, Michael. II. Diniz, Viviane. III. Título.

13-08000 CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

# OS AUTORES

NEIL GAIMAN nasceu na Inglaterra, mas mora nos Estados Unidos, numa casa para lá de esquisita; tem abóboras exóticas que cultiva no jardim, além das coleções de computadores e gatos. É autor dos aclamados *Coraline* e *Os lobos dentro das paredes*. Gaiman também já recebeu diversos prêmios literários importantes relativos aos seus livros de fantasia e histórias em quadrinhos.

MICHAEL REAVES é um autor e roteirista de televisão ganhador do Emmy, que já escreveu, editou e produziu cerca de quatrocentos roteiros para várias séries de televisão. Seus trabalhos como roteirista incluem dois filmes de animação do *Batman*, um filme original da HBO e uma versão dark do *Capitão Planeta* para a TNT. Também escreveu contos, revistas em quadrinhos e o diálogo para um vídeo do Megadeth.